



Interativa

Interpretação e Produção de Textos

Autora: Profa. Tânia Sandroni
Colaboradora: Profa. Christiane Mazur Doi

Professora convidada: Tânia Sandroni

Doutora em Letras (2018) pelo programa de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo (USP). Mestra em Ciências da Comunicação (2001) pelo departamento de Jornalismo e Editoração da Universidade de São Paulo (USP). Graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade de São Paulo (USP). Professora da Universidade Paulista (UNIP) desde 2000, com atuação principalmente nos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Propaganda e Marketing.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S219i Sandroni, Tânia.

Interpretação e Produção de Textos / Tânia Sandroni. – São Paulo: Editora Sol, 2019.

152 p., il.

Nota: este volume está publicado nos Cadernos de Estudos e Pesquisas da UNIP, Série Didática, ano XXV, n. 2-076/19, ISSN 1517-9230.

1. Interpretação de texto. 2. Texto e linguagem. 3. Texto e contexto. I. Título.

CDU 801

U500.55 - 19

**Prof. Dr. João Carlos Di Genio
Reitor**

**Prof. Fábio Romeu de Carvalho
Vice-Reitor de Planejamento, Administração e Finanças**

**Profa. Melânia Dalla Torre
Vice-Reitora de Unidades Universitárias**

**Prof. Dr. Yugo Okida
Vice-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa**

**Profa. Dra. Marília Ancona-Lopez
Vice-Reitora de Graduação**

Unip Interativa – EaD

Profa. Elisabete Brihy
Prof. Marcelo Souza
Prof. Dr. Luiz Felipe Scabar
Prof. Ivan Daliberto Frugoli

Material Didático – EaD

Comissão editorial:

Dra. Angélica L. Carlini (UNIP)
Dra. Divane Alves da Silva (UNIP)
Dr. Ivan Dias da Motta (CESUMAR)
Dra. Kátia Mosorov Alonso (UFMT)
Dra. Valéria de Carvalho (UNIP)

Apoio:

Profa. Cláudia Regina Baptista – EaD
Profa. Betisa Malaman – Comissão de Qualificação e Avaliação de Cursos

Projeto gráfico:

Prof. Alexandre Ponzetto

Revisão:

Marcela Vaz
Elaine Pires

Sumário

Interpretação e Produção de Textos

APRESENTAÇÃO	7
INTRODUÇÃO	7

Unidade I

1 NOÇÕES DE TEXTO	9
1.1 O que é um texto?	9
1.2 Diferença entre compreender e interpretar um texto	13
2 TEXTO E LINGUAGEM: DIFERENTES MODOS DE DIZER	21
2.1 A linguagem e a construção de sentido	21
2.2 Tipos de linguagem.....	36
3 TEXTO E CONTEXTO	40
3.1 Relação entre textos: intertextualidade.....	41
3.2 O texto e o contexto histórico-social	51
3.3 Informações implícitas.....	56
4 INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS NÃO VERBAIS.....	60

Unidade II

5 INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS HÍBRIDOS.....	74
6 INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS VERBAIS ESCRITOS.....	81
6.1 Textos orais e escritos: diferenças entre fala e escrita.....	81
6.2 Interpretação de textos argumentativos, opinativos e expositivos.....	84
6.2.1 Artigos de opinião	85
6.2.2 Artigos científico-acadêmicos.....	89
6.3 Interpretação de textos literários e não literários.....	93
6.3.1 Textos jornalísticos: notícias e reportagens.....	94
6.3.2 Crônicas	103
6.3.3 Contos e trechos de romances.....	107
7 INTERPRETAÇÃO DE GRÁFICOS E TABELAS.....	114
8 LEITURA CONJUNTA DE DOIS OU MAIS TEXTOS	121

APRESENTAÇÃO

Caros alunos,

Esta disciplina tem por objetivo principal aprimorar sua competência como leitores e produtores de textos.

Todos os dias, tomamos contato com uma série de textos que precisamos ler adequadamente: e-mails, avisos, documentos, notícias, anúncios publicitários, relatórios, crônicas, textos acadêmicos etc. Assim, mesmo que tenhamos alguma resistência e afirmemos que não gostamos de ler, a leitura é essencial para a vida cotidiana e para o exercício da cidadania.

O desenvolvimento da habilidade da leitura nos torna, também, mais aptos a ler o mundo, a compreender melhor a sociedade em que vivemos e as pessoas com as quais convivemos, isso porque a boa leitura estimula o senso crítico e o pensamento autônomo.

Deve ficar claro que não existem fórmulas para saber ler bem um texto. Vamos, nesta disciplina, procurar desvendar os mecanismos de construção do sentido em cada exemplo, considerado na situação de comunicação em que se insere. Assim, para cumprirmos nosso objetivo, abordaremos alguns procedimentos e cuidados que devemos ter quando compreendemos e interpretamos qualquer texto.

Além disso, a partir da leitura de textos variados, esperamos que se desenvolva a habilidade de produzir textos, uma vez que a leitura atenta dos elementos textuais nos torna mais críticos com aquilo que elaboramos.

Pretendemos atingir esses objetivos de forma bem didática, com diversos exemplos, sem recorrer a muitos termos técnicos nem a conceitos específicos da área dos estudos linguísticos ou literários. Em outras palavras, este livro-texto, de caráter didático, destina-se a estudantes não iniciados em estudos do discurso e da linguagem.

Boa leitura!

INTRODUÇÃO

Desde que iniciamos nossa vida escolar, somos submetidos a provas para verificar a nossa capacidade de interpretar textos. Essas avaliações se estendem pela nossa vida adulta e profissional. Os processos seletivos, seja em universidades, seja em empresas, invariavelmente exigem essa habilidade.

No entanto, a capacidade de interpretar textos não deve ser encarada apenas como uma qualidade que interfere na nossa vida escolar ou profissional. Ela está diretamente relacionada à nossa compreensão da realidade e ao desenvolvimento de nossa cognição. O domínio da linguagem e a habilidade em interpretar textos são aptidões que contribuem diretamente para nossa formação, como pessoas e como cidadãos.

Abordaremos conceitos e tipos de texto, além dos elementos textuais e extratextuais que devem ser considerados na sua interpretação. Realizaremos leituras de textos variados: não verbais, verbais e híbridos.

Unidade I

1 NOÇÕES DE TEXTO

1.1 O que é um texto?

No dia a dia, a palavra texto é usada para se referir ao resultado da escrita. Quando dizemos que devemos fazer um texto, significa que temos de escrever algo.

Nos estudos discursivos, no entanto, texto tem uma concepção bem mais ampla. Se verificarmos a etimologia da palavra, aprenderemos que texto vem do particípio do verbo em latim *tecere*, que significa tecer ou construir. Isso revela que o texto é um tecido, o resultado de um entrelaçamento de fios que se combinam em uma forma definida. Em outra analogia, se pensarmos no texto como construção, compreenderemos que ele é a obra composta por unidades elementares.

De fato, quando produzimos um texto, combinamos elementos de modo a obter uma peça final.

Essa imagem nos remete a uma das músicas mais belas e conhecidas de Chico Buarque, *Construção*, cuja letra reproduzimos a seguir.

Construção

Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido

Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima

Sentou pra descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um naufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música

E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E se acabou no chão feito um pacote flácido

Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego

Amou daquela vez como se fosse o último
Beijou sua mulher como se fosse a única
E cada filho seu como se fosse o pródigo
E atravessou a rua com seu passo bêbado

Subiu a construção como se fosse sólido
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas
Tijolo com tijolo num desenho lógico
Seus olhos embotados de cimento e tráfego

Sentou pra descansar como se fosse um príncipe
Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo
Bebeu e soluçou como se fosse máquina
Dançou e gargalhou como se fosse o próximo

E tropeçou no céu como se ouvisse música
E flutuou no ar como se fosse sábado
E se acabou no chão feito um pacote tímido
Agonizou no meio do passeio naufrago
Morreu na contramão atrapalhando o público

Amou daquela vez como se fosse máquina
Beijou sua mulher como se fosse lógico
Ergueu no patamar quatro paredes flácidas
Sentou pra descansar como se fosse um pássaro
E flutuou no ar como se fosse um príncipe
E se acabou no chão feito um pacote bêbado
Morreu na contramão atrapalhando o sábado

Fonte: Buarque (1971).



Saiba mais

Escutar essa música pode tornar esta lição mais prazerosa. Além disso, o ritmo é importante na construção do sentido. Acesse o vídeo pelo seguinte *link*:

BUARQUE, C. Construção. Intérprete: Chico Buarque. In: Construção. Rio de Janeiro: Marola edições musicais, 1971. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/chico-buarque/45124/>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Note que o título da música pode referir-se tanto à atividade do personagem da história (um trabalhador da construção civil que morre ao cair da obra) quanto à atividade do compositor, que constrói sua narrativa de três formas diferentes.

Observamos, em cada uma, quatro fases da mesma narrativa. Na primeira e na segunda versão, são narradas etapas: na primeira, aparece a relação do operário com a família antes de ir ao trabalho; na segunda, a produção do trabalhador na obra; na terceira, o descanso após horas trabalhadas; na quarta, o fim trágico. Na última versão, essas quatro etapas são condensadas.

Assim, a mesma história é contada em três versões em que algumas palavras, tais como peças de um Lego, mudam de posição e, com essa troca, criam-se novos sentidos e formas de perceber a realidade.

Peguemos, por exemplo, um dos versos finais do enredo, nas três versões em que aparecem na música.

E se acabou no chão feito um pacote **flácido**.

E se acabou no chão feito um pacote **tímido**.

E se acabou no chão feito um pacote **bêbado**.

Os adjetivos (flácido, tímido e bêbado) que qualificam o personagem morto constroem para o leitor imagens diferentes do operário. Na primeira, vemos o ser como um pacote deformado, disforme, sem tonicidade, esparramado pelo chão. Na segunda, somos conduzidos à ideia de um pacote que tenta passar despercebido, alguém que tenha se habituado a ser socialmente invisível e mantém isso até mesmo na morte. Na terceira, a ideia da embriaguez remete a algo fora do padrão social do trabalho e, de certo ponto de vista, considera o homem passível de ser culpabilizado pela sua morte, uma vez que foi imprudente ao beber em serviço.

Nas três versões, apesar das diferentes construções, a morte do operário é banalizada, pois ele sempre acaba atrapalhando o tráfego, o público e o sábado. Dessa forma, entendemos o aspecto de denúncia da canção contra o descaso e a exploração do trabalhador.



Todas as palavras finais dos versos da canção são proparoxítonas. Fazer rimas com essa categoria de palavras é algo extremamente difícil, o que comprova a genialidade do compositor.

Com esse exemplo, podemos formular uma importante definição: o texto não se constitui como um amontoado de elementos. Intencionalmente construído para transmitir uma mensagem, trata-se de uma composição em que todas as peças são importantes e devem estar bem encaixadas com as demais.

Concluímos, então, que qualquer texto é uma unidade de sentido. Cada elemento interage com os outros, tecendo significados e materializando um discurso, palavra tomada aqui como o plano do conteúdo do texto.



Lembrete

Todo texto produz um discurso e todo discurso só pode ser compreendido por meio de um texto.

Com o que foi dito, fica nítido que a escolha de palavras, bem como do modo com que construímos um enunciado, influencia o seu sentido.

Nas palavras de Fiorin e Platão (2011, p. 28), "um texto é, pois, um todo organizado de sentido. Dizer que ele é um todo organizado de sentido implica afirmar que o texto é um conjunto formado de partes solidárias, ou seja, que o sentido de uma depende das outras".

Embora o nosso exemplo tenha sido um texto composto por palavras, essa não é uma característica fundamental em sua definição. Consideramos texto toda forma de expressão de ideias. De acordo com essa concepção, uma imagem é um texto, assim como uma fala ou mesmo uma representação de mímica.

Vamos observar a charge a seguir:

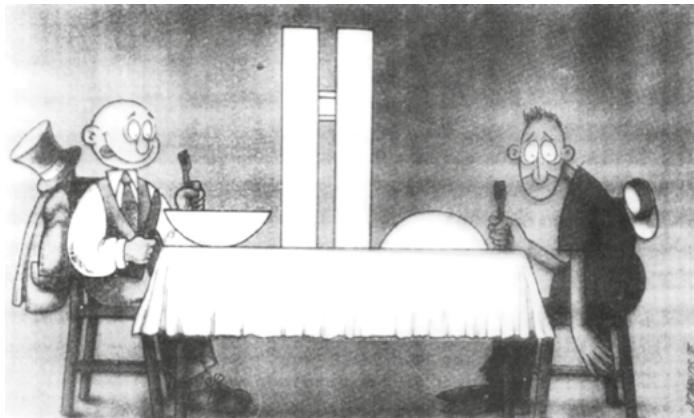


Figura 1

Na figura, percebemos dois personagens sentados à mesa. Pelos trajes deles, notamos que um é rico e o outro, pobre. O rico está feliz e olha para o prato com apetite. O prato do pobre, por sua vez, está virado para baixo, indicando que não há comida nele. A expressão do rosto revela a insatisfação do personagem.

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Devemos ainda observar que os pratos foram representados como conhecidas partes da arquitetura do Congresso Nacional, referência que se reforça também pelo edifício ao fundo.

Assim, notamos que a charge tem como objetivo mostrar a desigualdade social e associá-la ao governo. Entende-se que o poder mantém as diferenças sociais, atendendo aos ricos e ignorando os pobres.



Um texto é toda forma de expressar uma ideia. Em outras palavras, é a materialização de um discurso.

Em síntese, podemos dizer que um texto apresenta algumas características:

- Seus elementos internos interagem coerentemente na construção de um sentido.
- Como unidade, ele se associa a outros textos e ao contexto em que foi construído, ou seja, um texto não existe de forma desvinculada de suas condições de produção.

Nas palavras de Fiorin e Platão (2007, p. 13),

nenhum texto é uma peça isolada, nem a manifestação da individualidade de quem o produziu. De uma forma ou de outra, constrói-se um texto para, através dele, marcar uma posição ou participar de um debate de escala mais ampla que está sendo travado na sociedade. Até mesmo uma simples notícia jornalística, sob a aparência de neutralidade, tem sempre alguma intenção por trás.



Saiba mais

Para estudar mais as noções de texto, leia o capítulo 1 do seguinte livro:

FIORIN, J. L.; PLATÃO, F. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 2011.

1.2 Diferença entre compreender e interpretar um texto

Imagine que, em uma lavanderia, haja o seguinte aviso: "Quando a máquina apitar, retire toda a roupa". Imagine, ainda, que uma pessoa que esteja lá ouça o apito e, então, comece a se despir.

Essa situação é risível pelo grau de absurdo. A pessoa claramente não compreendeu o aviso da gerência do estabelecimento.

Isso nos faz perceber que saber ler e dominar o significado das palavras não indica que a pessoa saiba interpretar o texto.

No exemplo, a personagem nem mesmo comprehendeu corretamente a mensagem. Assim, percebemos que a mera alfabetização não torna alguém competente na interpretação de textos.

Observação

Você já ouviu falar em analfabetos funcionais? São pessoas que, embora identifiquem letras e números, não conseguem compreender adequadamente textos nem realizar operações matemáticas minimamente elaboradas. Essa condição limita o desenvolvimento pessoal e profissional, além de fazer com que os indivíduos sejam facilmente manipulados e enganados.

É importante perceber a diferença entre compreender e interpretar um texto. Embora as duas palavras sejam utilizadas no dia a dia como sinônimos, elas representam competências diferentes do leitor.

Veja esta brincadeira muito comum nas redes sociais:

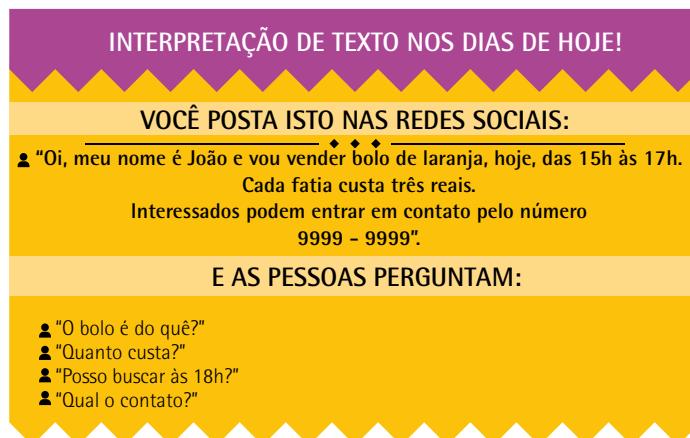


Figura 2

As perguntas feitas a quem publicou o *post* revelam que as pessoas não compreenderam o anúncio, talvez por não lerem, de fato, o que está escrito. Compreender é a primeira etapa da leitura e corresponde à mera decodificação. No exemplo, todas as perguntas têm suas respostas literalmente no texto, colocadas de forma explícita.

Interpretar, por sua vez, significa apreender o sentido do texto e depende de elementos que estão além dele.

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Vamos a um exemplo: "Pedro só retorna do trabalho depois das 23 horas, todas as noites!".

Existe uma informação factual que todos compreendemos: o horário de retorno de Pedro à sua casa. No entanto, o que esse enunciado significa? Pode ser, por exemplo, um elogio a ele, que é muito esforçado e trabalha muito. Pode ainda ser um aviso para que ninguém o procure em casa. Também pode ser uma insinuação de que Pedro não vai diretamente para casa depois do trabalho. A interpretação do sentido desse simples enunciado depende da situação comunicacional: quem o diz, em que contexto e a quem.

Se identificamos corretamente o sentido do enunciado, podemos dizer que o interpretamos. Se apenas entendemos a informação, então devemos dizer que apenas compreendemos a mensagem. Em outras palavras, é possível compreender um texto e não ser capaz de interpretá-lo, mas não é possível interpretá-lo sem compreendê-lo.

A compreensão exige a decodificação de informações presentes no texto. A interpretação depende também de elementos extratextuais, bem como do repertório e da competência do leitor.

É comum ouvirmos falar que a "interpretação é subjetiva", "cada um entende um texto de um jeito" e outras frases que expressam essa ideia. Claro que a interpretação depende do repertório do sujeito que recebe o texto. A interpretação de determinado texto pode ser mais bem realizada se o receptor tiver um bom repertório. No entanto, sua interpretação não pode ser descolada dos elementos textuais, ou seja, de sua compreensão. O indivíduo não pode, simplesmente, interpretar de acordo com as ideias que ele tem na cabeça.



Observação

Quanto mais amplo for o repertório do leitor, melhor tende a ser a sua capacidade interpretativa. A leitura depende do conhecimento de mundo que o indivíduo tem.



Saiba mais

Você já deve ter obtido informações sobre o mau desempenho dos estudantes brasileiros em provas internacionais de Língua Portuguesa. Geralmente, essas avaliações consideram o grau de leitura atingido pelos alunos.

Para saber mais sobre os resultados dos estudantes brasileiros, leia o artigo:

DOI, C. M. O Brasil e os resultados do PISA 2015. 2017. Disponível em: <<https://chrismazur16.wordpress.com/>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

Como um texto não é um amontoado de frases ou de signos, cada um dos seus elementos não pode ser analisado fora do todo. Uma frase, tirada do texto, pode ter seu sentido totalmente deturpado.

Vamos observar um exemplo do cotidiano. Imagine que uma pessoa da sua equipe de trabalho mande a seguinte mensagem ao grupo: "Nem que eu me desdobre em duas, estarei presente na reunião de hoje à tarde".

Se um membro do grupo fizer uma leitura desatenta da mensagem, poderá apreender somente a oração final, "estarei presente na reunião de hoje à tarde". Dessa forma, a sua compreensão da mensagem será totalmente equivocada.

Também podemos, como exemplo, citar um caso de 2005 em que Caetano Veloso escreveu uma carta para defender José Miguel Wisnik de críticas que ele vinha sofrendo de uma revista semanal. Caetano indignou-se com a postura da publicação e, em certo ponto da carta, questiona por que a revista estaria fazendo aquilo com um professor e compositor muito valorizado no circuito intelectual e artístico, mas pouco conhecido pela massa. Exatamente esse trecho da carta, em que Veloso questiona o porquê de tal perseguição, foi descontextualizado pela revista e publicado como se fosse um ataque de Caetano a Wisnik. O trecho recortado foi o seguinte: "José Miguel Wisnik não é um campeão de vendas de CD, não lota casas de show, não tem seus livros na lista dos mais vendidos – por que diabos seu nome vai parar numa manchete?" (NOBLAT, 2005).

Reparamos que, fora do texto e do contexto, o enunciado pode mesmo ser interpretado como uma crítica a Wisnik. Pode-se entender que Caetano não julgava o colega merecedor de ter seu nome em uma manchete.

No exemplo, a descontextualização foi feita por má-fé da revista, que distorceu propositalmente o sentido original do trecho. Prova disso é que a revista, embaixo da citação do trecho de Caetano Veloso, comentou que se tratava de "um inexplicável ataque" de Caetano a Wisnik, ou seja, houve a intenção do veículo em deturpar o sentido original da carta.

No entanto, no dia a dia, é comum que as pessoas interpretem equivocadamente um texto porque só leem um fragmento dele. Isso gera problemas de compreensão e, consequentemente, de interpretação de textos.



Lembrete

Os significados de partes de um texto não são independentes; eles dependem das outras partes, com as quais se relacionam.

Cabe ainda ressaltar que o significado global de um texto não é a mera soma de suas partes, mas, sim, o resultado gerado pela combinação delas.

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Outro exemplo pertinente é a música *Como nossos pais*, composta por Belchior e imortalizada na voz de Elis Regina. Se recordarmos da letra os versos "Ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais", podemos ter uma interpretação equivocada do seu sentido. Com esse recorte, é possível entender que o enunciador considera bom seguir o modo de vida dos pais. A permanência e a manutenção de valores podem ser vistas como algo positivo, a ser seguido pelos filhos.

No entanto, a música, lançada em 1976, no período da ditadura militar brasileira, revela a desilusão de uma juventude que lutou contra o regime, o sistema e a moral da época e que se percebe, no final, como reproduutora dos valores que combateu. Isso fica nítido na referência aos valores religiosos e capitalistas no trecho "quem me deu a ideia de uma nova consciência e juventude está em casa, guardado por Deus, contando o vil metal". Note-se que "vil metal" significa dinheiro.

A última estrofe revela bem o sentimento de frustração ao expressar a dor de alguém que, apesar de tudo que fez, teve de se render àquilo que tentou mudar. Veja a letra completa a seguir:

Como nossos pais

Não quero lhe falar
Meu grande amor
Das coisas que aprendi
Nos discos
Quero lhe contar como eu vivi
E tudo o que aconteceu comigo

Viver é melhor que sonhar
Eu sei que o amor
É uma coisa boa
Mas também sei
Que qualquer canto
É menor do que a vida
De qualquer pessoa

Por isso cuidado, meu bem
Há perigo na esquina
Eles venceram e o sinal
Está fechado pra nós
Que somos jovens

Para abraçar seu irmão
E beijar sua menina na rua
É que se fez o seu braço
O seu lábio e a sua voz
Você me pergunta

Pela minha paixão
Digo que estou encantada
Como uma nova invenção
Eu vou ficar nesta cidade
Não vou voltar pro sertão
Pois vejo vir vindo no vento
Cheiro de nova estação
Eu sinto tudo na ferida viva
Do meu coração

Já faz tempo
Eu vi você na rua
Cabelo ao vento
Gente jovem reunida
Na parede da memória
Essa lembrança
É o quadro que dói mais

Minha dor é perceber
Que apesar de termos
Feito tudo o que fizemos
Ainda somos os mesmos
E vivemos
Ainda somos os mesmos
E vivemos
Como os nossos pais

Nossos ídolos
Ainda são os mesmos
E as aparências
Não enganam não
Você diz que depois deles
Não apareceu mais ninguém

Você pode até dizer
Que eu tô por fora
Ou então
Que eu tô inventando

Mas é você
Que ama o passado
E que não vê
É você
Que ama o passado

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

E que não vê
Que o novo sempre vem

Hoje eu sei
Que quem me deu a ideia
De uma nova consciência
E juventude
Está em casa
Guardado por Deus
Contando o vil metal

Minha dor é perceber
Que apesar de termos
Feito tudo, tudo
Tudo o que fizemos
Nós ainda somos

Os mesmos e vivemos
Ainda somos
Os mesmos e vivemos
Ainda somos
Os mesmos e vivemos
Como os nossos pais

Fonte: Belchior (1976).



Saiba mais

A música *Como nossos pais* ficou muito conhecida na interpretação de Elis Regina. Para ouvi-la, acesse:

BELCHIOR, A. C. Como nossos pais. Intérprete: Elis Regina. In: *Alucinação*. Rio de Janeiro: PolyGram, 1976. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/elis-regina/45670/>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

Mesmo em um texto que utiliza a linguagem não verbal, a interpretação não pode acontecer com a mera leitura de partes fragmentadas. Considere, por exemplo, os dois quadrinhos a seguir:

AS COBRAS - Luís F. Veríssimo



Figura 3

A leitura deles nos permite entender que o personagem Flecha não é machista, pois ele afirma textualmente que "não existe qualquer diferença entre os sexos" e a frase "Que pergunta!" indica que ele considera absurda a pergunta da Shirlei. No entanto, a tirinha não termina aí. Há, ainda, um terceiro quadrinho, como se vê a seguir:

AS COBRAS - Luís F. Veríssimo



Figura 4

Com esse último quadrinho, percebemos que o sentido do texto é totalmente oposto daquele que havíamos suposto. Ao afirmar que é uma pergunta idiota, típica das mulheres, Flecha revela que é, de fato, machista.

Por isso, quando lemos um texto de qualquer natureza, devemos atentar para todos os seus elementos e para a relação que eles estabelecem entre si. Em outras palavras, ler o fragmento de um texto não é suficiente para interpretá-lo e, em alguns casos, essa atitude pode implicar uma interpretação completamente distorcida.

Em outros casos, a justaposição de dois enunciados pode fazer com que eles sejam entendidos como parte de um mesmo texto, construindo outro sentido. Repare na foto a seguir:



Figura 5

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

O dono do carro colocou dois adesivos no vidro traseiro. Cada um deles tem seu sentido autônomo: um expressa a fé do proprietário e o outro sinaliza sua intenção de vender o veículo. No entanto, os dois enunciados lidos como partes de um único texto constroem o sentido de que a volta de Jesus pode ser o motivo do dono para se desapegar dos bens materiais.

Em 1998, a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em um dos processos seletivos mais importantes do país, formulou a seguinte questão:

Exemplo de aplicação

Dois adesivos foram colocados no vidro traseiro de um carro:

em cima:

Deus é fiel

e bem embaixo:

Porque para deus nada é impossível

É possível ler os dois adesivos em sequência, constituindo um único período. Neste caso,

a) o que se estaria afirmado sobre a fidelidade?

b) o que o dono do carro poderia estar querendo afirmar sobre si mesmo?

A resposta esperada do item a deveria mencionar que a fidelidade é algo impossível para os humanos. No item b, por dedução do que se afirmou em a, o candidato deveria responder que o dono poderia estar confessando sua infidelidade.

2 TEXTO E LINGUAGEM: DIFERENTES MODOS DE DIZER

2.1 A linguagem e a construção de sentido

Agora que ampliamos a noção de texto, podemos pensar na linguagem empregada nele. A linguagem é o código essencial à concretização da comunicação, que é uma necessidade humana.

Linguagem é todo sistema de signos que deve ser compartilhado pelo emissor e receptor para que a comunicação ocorra. Signo, de forma sintética, é aquilo que representa algo e é utilizado em sua substituição. Um desenho e uma palavra, por exemplo, são signos.



Em qualquer comunicação, temos sempre seis elementos básicos: emissor, receptor, mensagem, canal, código e referente (assunto a que a mensagem se refere).

Há inúmeras formas de transmitir uma mensagem, e a escolha da linguagem nunca é neutra. O uso da linguagem é sempre subjetivo, uma vez que é um sujeito que faz as escolhas que resultam em determinado efeito de sentido.

Vejamos este cartum do Henfil:

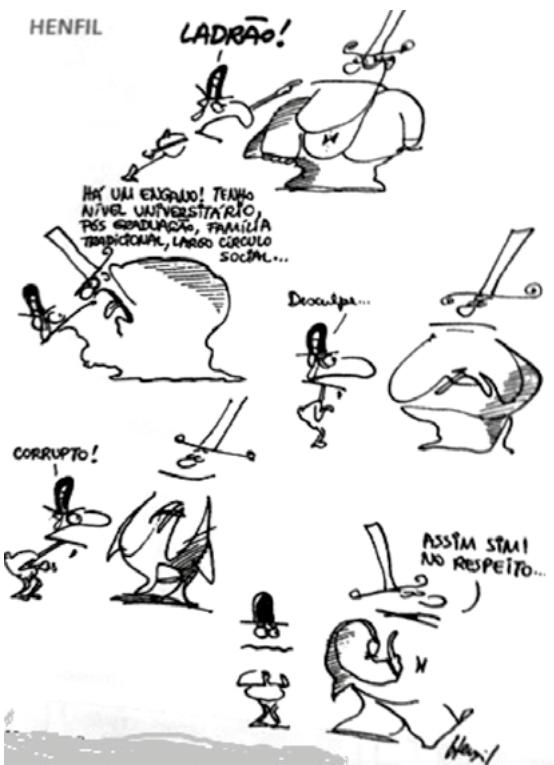


Figura 6

Observamos que o personagem se ofende ao ser chamado de ladrão. Por ter certo nível de instrução e boa posição social, ele não admite ser definido por uma palavra que julga vulgar; acha mais respeitoso ser nomeado de corrupto. O humor do texto se constrói exatamente no fato de que os dois termos são pejorativos, mas o personagem não recebe da mesma forma os dois xingamentos.

Dessa forma, a troca de uma palavra pode não alterar o significado, a ideia central, mas certamente modifica o efeito de sentido.

Vamos supor que se queira fazer um elogio à beleza de uma mulher. De quantas formas podemos expressar isso?

Podemos, por exemplo, pronunciar qualquer um dos enunciados a seguir:

- Você é bonita!
- Você é linda!
- Você é uma gata!

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

- Você é uma flor!
- Você é 10/10!
- Você é pulcra!

Ainda que os adjetivos sejam apresentados como sinônimos por dicionários, é nítida a diferença entre o impacto provocado por cada uma das formas.

"Linda" indica intensidade maior que "bonita". No terceiro, quarto e quinto enunciados, utiliza-se linguagem metafórica para expressar opinião. As gírias "gata" e "10/10" envolvem uma situação de comunicação mais informal e, no caso de 10/10, de jovens do início do século XXI.

No entanto, quando lemos a última frase, a impressão pode ser até de um insulto. Embora a palavra pulcra signifique bela, ela não soa bem e é pouco conhecida. Imagine o fracasso de uma campanha publicitária para produtos de beleza que utilizasse o *slogan*: "Você sempre pulcra".

Além disso, poderíamos variar a estrutura sintática das frases ou, ainda, acrescentar advérbios, como nestes exemplos:

- Muito linda, você!
- Que bonita!

Continuamos elogiando a beleza, mas os efeitos são diferentes. Há, ainda, a possibilidade de que esses enunciados sejam irônicos, dependendo do contexto em que são formulados.

Por isso afirmamos que a forma como construímos os enunciados e a escolha das palavras alteram a percepção da mensagem, a sua interpretação.

Certa vez, um jornal de São Paulo apresentou, no título de uma notícia, a seguinte formulação: "4 em cada 10 usuários desistem de ação anticrack" (BERGAMIM JÚNIOR.; SANT'ANNA, 2015). O uso do verbo desistir faz com que os leitores tenham uma percepção negativa do programa. Caso o mesmo fato fosse noticiado como "6 em cada 10 usuários permanecem na ação anticrack", a informação seria a mesma, mas a percepção dos leitores seria bastante alterada.

Outro exemplo que podemos citar é o título de uma notícia em que se lia que a desaprovação a um candidato caiu. Note que, ao leremos que a desaprovação de x caiu, temos uma percepção ruim do candidato, pois há duas palavras que nos remetem a sentidos negativos: o substantivo desaprovação e o verbo cair. No entanto, se leremos mais atentamente, veremos que o fato era favorável ao candidato, pois, se a desaprovação caiu, a aprovação subiu.

Vamos observar, também, o uso de dois verbos comuns nos jornais: invadir e ocupar. Embora eles sejam considerados sinônimos, o efeito produzido por eles é bem diferente. Se um jornal diz que os estudantes

ocuparam a escola, temos uma percepção do fato bem distinta da provocada pela leitura de outro jornal, que afirma que os estudantes invadiram a escola. O verbo invadir carrega um sentido de violência, de algo fora da ordem e, portanto, passível de recriminação.

Além disso, a presença de advérbios, adjetivos e demais palavras valorativas também alteram o efeito de sentido do texto.

Imagine os seguintes títulos em um jornal:

- Os sem-terra invadiram 100 fazendas neste ano.
- Os sem-terra invadiram só 100 fazendas neste ano.
- Os sem-terra invadiram 100 fazendas só neste ano.

Repare que a inserção da palavra "só" constrói um juízo de valor para o fato. Se ela vem antes do número, temos a impressão de que o enunciador considera baixa a quantidade de fazendas invadidas. Se ela vem antes de "neste ano", significa que essa quantidade foi alta, pois o número contabiliza apenas os dados desse período.

Observação

A maioria dos veículos de imprensa utiliza o verbo ocupar para se referir à ação policial nos morros do Rio de Janeiro e usa o verbo invadir para as ações do Movimento Sem-Terra (MST). Diferentes sentidos são construídos a partir dessa escolha.

Podemos citar, para reforçar essa ideia, um trecho do capítulo XI do livro *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis (1994):

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de "menino diabo"; e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce "por pirraça"; e eu tinha apenas seis anos.

Repare que o narrador, para destacar sua maldade, indica que ele tinha apenas seis anos, ou seja, mesmo ainda criança, com pouca idade, ele foi capaz de caluniar a escrava para a mãe.

Assim, a forma de dizer interfere no conteúdo do que se diz. Quando interpretamos um texto, devemos também perceber como ele foi construído e qual efeito de sentido provoca.

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Devemos prestar atenção, ainda, no uso da linguagem conotativa (figurada) para expressar uma mensagem. Nesses casos, quando alguém comprehende algo no sentido literal (ao pé da letra), a interpretação se dá de forma totalmente distorcida.

Observemos os quadrinhos a seguir:

MAFALDA - Quino



Figura 7

A colega que pede cola à Mafalda não entendeu que a pergunta da prova se referia ao primeiro presidente do país. Ela comprehendeu ao pé da letra, como se o professor quisesse saber quem, de fato, sentou pela primeira vez na cadeira. Essa compreensão equivocada é o que constrói o humor desse texto e de inúmeros outros, como acontece na tirinha a seguir. Hagar, esposa de Hagar, utiliza-se da linguagem figurada para criticar a falta de colaboração dele.



Figura 8

!! Observação

As figuras de linguagem são recursos expressivos muito importantes, pois produzem diferentes efeitos.

Muitas vezes, quando não queremos ofender alguém, buscamos suavizar o modo de apresentar uma crítica. Procuramos uma forma eufemística para dizer algo desagradável.

O quadrinho a seguir exemplifica o modo de falar com eufemismo:



Figura 9

!! Observação

Eufemismo é uma figura de linguagem que se caracteriza por suavizar alguma afirmação desagradável.

Do mesmo modo, em outras situações, o exagero no enunciado é importante para revelar a dimensão daquilo que queremos dizer. É o que vemos nos quadrinhos a seguir:



Figura 10

Observação

A hipérbole é a figura de linguagem em que se exagera no enunciado, ampliando sua dimensão.

A metáfora, por sua vez, é uma forma de expressão que se baseia na comparação implícita entre elementos de naturezas diferentes.

Observemos a tirinha a seguir:

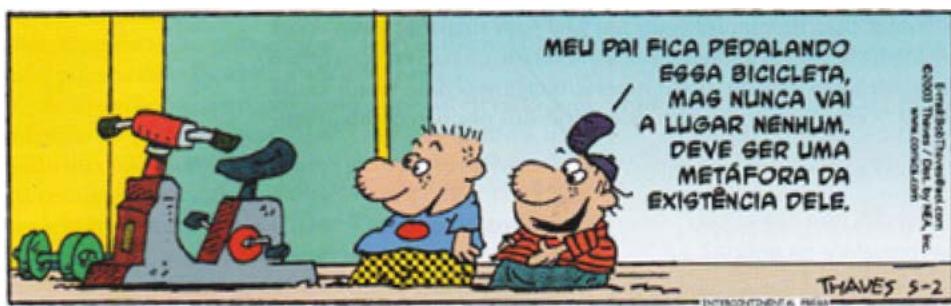


Figura 11

Na fala do menino, pedalar sem sair do lugar é uma metáfora que resume a vida do pai. Nesse texto, o exercício praticado ganha outra dimensão além da comum, assume um sentido figurado.

Na tirinha a seguir, o personagem, ao cumprimentar o capacho como "colega", define-se como um igual. Entendemos, assim, que ele se sente pouco valorizado e muito pisado no seu ambiente de trabalho.

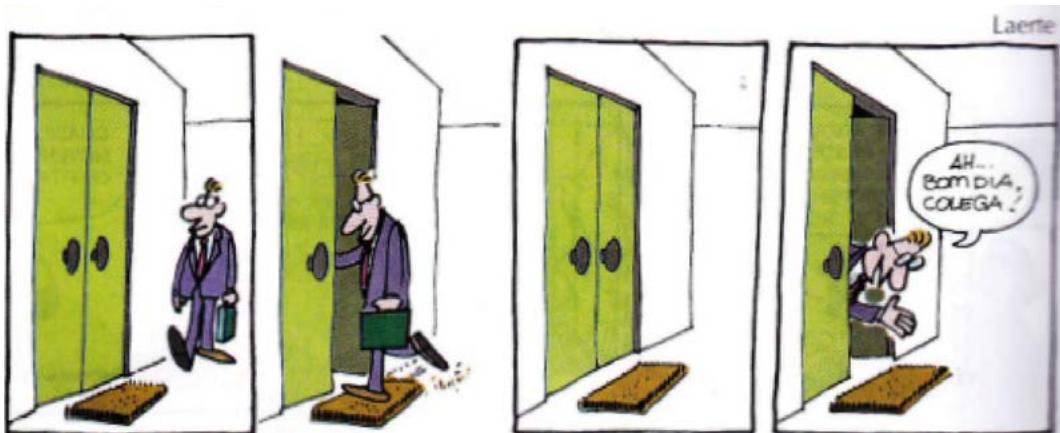


Figura 12

A música a seguir, de Aldir Blanc e João Bosco, também se vale da metáfora para definir o amor.

Falso brilhante

O amor
É um falso brilhante
No dedo da debutante

O amor
É um disparate.
Na mala do mascate
[...]

Fonte: Blanc e Bosco (1977).

Observe, agora, a charge a seguir, publicada em 2014, na ocasião da morte de três escritores. Repare que a palavra " pena ", na segunda fala, é uma metonímia da profissão deles.



Figura 13

Observação

Metonímia é a figura de linguagem em que a transposição de significado é baseada em uma relação lógica de proximidade entre os termos.

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Ainda em relação aos aspectos semânticos, é importante ficarmos atentos ao uso do duplo sentido de palavras e expressões. Em muitos casos, a ambiguidade é intencionalmente produzida, caracterizando um recurso que enriquece o conteúdo do texto. É o que se observa no anúncio a seguir.



Figura 14

Na peça publicitária, os adjetivos doces e grudentas apresentam mais de um sentido, visto que o produto anunciado é um creme hidratante à base de leite e mel.

Observação

O duplo sentido pode surgir tanto pelas relações sintáticas, pela construção das orações, como pela polissemia de palavras. Quando um significante apresenta mais de um significado, dizemos que há polissemia.

Em textos publicitários, por exemplo, esse recurso aparece com muita frequência. Há algum tempo, uma campanha contra a pirataria apresentou a seguinte frase: "Seja legal, não compre produto pirata". O publicitário explorou o duplo sentido da palavra legal, ou seja, a pessoa que age dentro da lei, pois pirataria é crime, e a pessoa que, na gíria, é boa.

Em textos jornalísticos, a dupla interpretação também aparece como recurso. Em dezembro de 1994, com a morte do grande compositor Tom Jobim, um jornal de São Paulo publicou o seguinte título: "Brasil perde o tom" (BRASIL..., 1994).

Um já extinto jornal usava, com muita frequência, a ambiguidade nos títulos de suas notícias para atrair os leitores. Alguns exemplos ficaram clássicos, como a manchete: "Cachorro faz mal à moça". Em linguagem popular, a expressão "fazer mal à moça" significa estuprar, o que provocou uma grande vendagem do jornal. No entanto, ao ler a notícia, o leitor descobria o que de fato ocorreu: uma moça havia comido um cachorro-quente e passado mal.

O duplo sentido caracteriza-se como recurso semântico quando acrescenta sentidos ao enunciado, sendo explorado de forma intencional.

Observação

A ambiguidade também pode ser um problema ao texto quando provocar ruído na transmissão da mensagem. Nesses casos, trata-se de um erro e não de um recurso intencionalmente explorado.

Outra forma de alterarmos o sentido de um enunciado e expressarmos determinado ponto de vista é por meio da ironia, que, muitas vezes tomada equivocadamente como qualquer humor, consiste em se fazer uma afirmação que, na verdade, significa o oposto. Em termos específicos dos estudos linguísticos, trata-se de se negar na enunciação aquilo que se afirma no enunciado.

Observação

Nos estudos linguísticos, enunciado é a produção material do processo de enunciação. Um texto é um enunciado.

Quando usamos ironia em conversas cotidianas, ela é facilmente percebida pela entonação e pelo contexto. Quando a professora diz ao aluno que tirou zero em uma prova que ele foi muito bem, a ironia é óbvia.

No entanto, em textos impressos, nem sempre a percepção da ironia é tão imediata e, quando ela não é percebida, a interpretação é totalmente equivocada.

Observemos a charge de Angeli a seguir:



Figura 15

Identificamos a ironia ao percebermos que a reunião para formar um conselho contra o desmatamento acontece em uma área totalmente devastada. A contradição entre o discurso declarado à imprensa e as ações constrói a leitura irônica.



Lembrete

Sempre há infinitas formas de enunciar algo, e a forma como o fazemos é essencial na construção do sentido.

Devemos atentar, ainda, para o fato de a construção de um enunciado e a linguagem nele utilizada determinarem o grau de precisão e a densidade da mensagem, que interferem na credibilidade que o texto provoca no público.

Consideremos, por exemplo, os dois trechos a seguir:

I – O diagnóstico da dengue é feito comumente mediante sorologia para determinar a presença de anticorpos contra o vírus no sangue, mas não determina especificamente qual tipo de vírus é responsável pela infecção. Métodos de biologia molecular mais elaborados podem ser utilizados para detectar as proteínas do vírus.

Fonte: Médicos sem fronteiras (2018).

II – Para saber se alguém pegou dengue, são feitos testes de sangue.

Ambos tratam do mesmo tema e transmitem a informação de como se faz o diagnóstico de uma doença. É inegável que o primeiro enunciado é mais preciso que o segundo. A presença de termos do universo semântico das ciências biológicas contribui para dar mais credibilidade à informação. Ao leremos os dois enunciados, temos a impressão de que o autor de I sabe bem mais do que o autor de II.

Em outras palavras, podemos dizer que a forma de expressão interfere diretamente no conteúdo.

Tomemos como exemplo os memes a seguir:



Figura 16

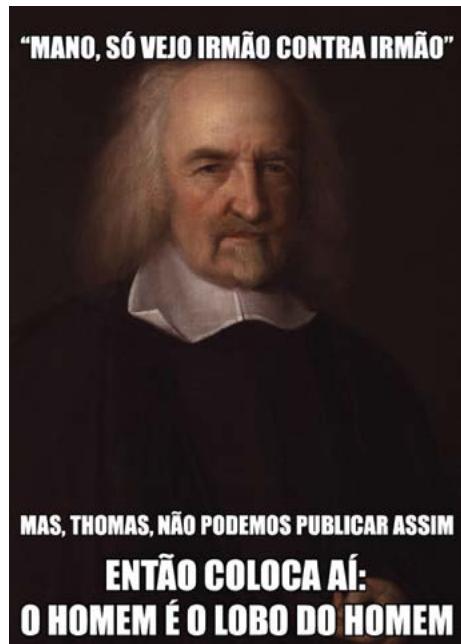


Figura 17

Há vários memes na internet que brincam com a transposição (e simplificação) de pensamentos filosóficos para uma linguagem informal ou popular.

Observação

Nicolau Maquiavel foi um importante pensador, defensor do poder absoluto e autor do livro *O príncipe*. Nessa obra, ele discorre sobre o governante chegar ao poder e lá se manter.

Thomas Hobbes foi outro filósofo defensor do Estado absoluto. Em sua obra *Leviatã*, afirma que os homens, sem um governo forte, tendem a entrar em conflito.

Com esses exemplos, queremos mostrar que a densidade do conteúdo está intimamente relacionada à forma de expressão. Para reforçar essa ideia, leia o texto a seguir:

Como simplificar um texto científico

Muitos textos científicos são escritos numa linguagem de difícil compreensão para o grande público. Torna-se necessário traduzi-los para torná-los mais acessíveis ou, pelo menos, para uma difusão mais extensiva da profundidade do pensamento científico. Isso pode ser feito com a aplicação de um método engenhoso que consiste na reunião de conceitos fragmentados em outros mais abrangentes que, numa sucessão progressiva de sínteses – ou estágios – reduzem a complexidade do texto original até o nível de compreensão desejado.

Se essas colocações parecem ainda obscuras ou abstratas – o que mostra que são científicas –, um exemplo muito simples ilustrará o método e facultará ao leitor esperto praticá-lo em outros textos. O exemplo que daremos a seguir é o de um texto altamente informativo em que são discerníveis elementos de Química, Física, Botânica, Geometria e outras disciplinas.

Como se verificará, entretanto, essa massa de compreensão pode ficar mais próxima. Ao final do quinto estágio, surgirá, clara e límpida, a síntese mais refinada daquele texto, antes incompreensível, que brilhará singela e cristalina, evidenciando a eficácia do nosso método.

Texto original

O dissacarídeo de fórmula $C_{12}H_{22}O_{11}$, obtido através da fervura e da evaporação de H_2O do líquido resultante da prensagem do caule da gramínea *Saccharus officinarum*, Linneu, isento de qualquer outro tipo de processamento suplementar que elimine suas impurezas, quando apresentado sob a forma geométrica de sólidos de reduzidas dimensões e arestas retilíneas, configurando pirâmides truncadas de base oblonga e pequena altura, uma vez submetido a um toque no órgão do paladar de quem se disponha a um teste organoléptico, impressiona favoravelmente as papilas gustativas, sugerindo a impressão sensorial equivalente provocada pelo mesmo dissacarídeo em estado bruto que ocorre no líquido nutritivo de alta viscosidade, produzindo nos órgãos especiais existentes na *Apis mellifica*, Linneu.

No entanto, é possível comprovar experimentalmente que esse dissacarídeo, no estado físico-químico descrito e apresentado sob aquela forma geométrica, apresenta considerável resistência a modificar apreciavelmente suas dimensões quando submetido a tensões mecânicas de compressão ao longo do seu eixo em consequência da pequena deformidade que lhe é peculiar.

Primeiro estágio

A sacarose extraída da cana-de-açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo.

Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.

Segundo estágio

O açúcar, quando ainda não submetido à refinação e, apresentando-se em blocos sólidos de pequenas dimensões e forma tronco-piramidal, tem o sabor deleitável da secreção alimentar das abelhas, todavia não muda suas proporções quando sujeito à compressão.

Terceiro estágio

Açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel. Porém não muda de forma quando pressionado.

Quarto estágio

Açúcar mascavo em tijolinhos tem o sabor adocicado, mas não é macio ou flexível.

Quinto estágio

Rapadura é doce, mas não é mole.

Fonte: Holsel (s.d.).

A brincadeira é válida para vermos que o desenvolvimento de certos raciocínios, especialmente os mais abstratos, exige o domínio de linguagem bem desenvolvido. No quinto estágio apresentado no texto, temos a extrema simplificação – o texto tornou-se amplamente acessível –, no entanto, a mensagem foi distorcida. Não temos mais as informações científicas do início.

Assim, de modo irônico, o texto evidencia a importância do rigor da linguagem no desenvolvimento de ideias e conceitos.

Wittgenstein, importante filósofo contemporâneo, abordou a questão entre linguagem e conhecimento de mundo. Uma frase conhecida que sintetiza seu pensamento é: "Os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo" (1961, p. 111). Em outras palavras, o nosso domínio sobre a linguagem está intimamente relacionado à nossa compreensão e conhecimento da realidade. Podemos dizer que só apreendemos bem aquilo que sabemos nomear ou representar de alguma forma.

Todos nos lembramos do personagem Fabiano, de *Vidas secas*, obra de Graciliano Ramos. No início do livro, o narrador apresenta-o assim:

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se aguentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto

e feio. Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos - exclamações, onomatopeias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas (RAMOS, 1978, p. 12).

A falta de domínio linguístico de Fabiano é responsável pelo fato de ele ser enganado e explorado em várias passagens do livro.

Observação

A língua sofre alterações no decorrer dos tempos. Assim, palavras caem em desuso (arcaísmos) e outras são criadas (neologismos).

Devemos ter sempre em mente que a língua é um fenômeno social e, por isso, absorve e reflete as formações ideológicas com as quais convive. Valores de uma sociedade podem ser identificados no léxico de seus falantes.

É comum ouvirmos comentários que acusam a língua portuguesa de ser machista. De fato, há palavras que, se dirigidas a uma mulher, tornam-se mais pejorativas do que quando se referem a homens.

O quadro a seguir fornece uma pequena mostra de como a linguagem reflete a formação ideológica da sociedade.

Quadro 1 – Expressões que têm diferentes sentidos para o homem e para a mulher

Homem	Mulher
Homem público = político ou homem que ocupa função social	Mulher pública = prostituta
Vadio = desocupado	Vadia = prostituta
Homem perdido = sem rumo	Mulher perdida = prostituta

Outro ponto que pode ser destacado é o plural de substantivos, adjetivos, pronomes e numerais. Pela regra da língua portuguesa, dizemos, por exemplo, meninas e meninos bonitos, pois prevalece o masculino. Em função disso, ou em função do desejo de não se marcar o gênero, encontramos hoje a substituição da vogal que determina o masculino ou o feminino pelo "x", pelo "e" ou pelo "@". É o que se observa em: car@s amig@s; cares amigues; e carxs amigxs.

Na mesma linha de raciocínio, poderíamos discutir a presença de expressões e palavras que revelam preconceito com os negros. Esses vocábulos, com sentidos negativos, são herança de nosso passado escravocrata.

2.2 Tipos de linguagem

A linguagem pode ser verbal ou não verbal. A verbal é a língua, ou seja, a comunicação acontece por meio das palavras, escritas ou faladas. No uso comum, tomam-se como sinônimos os termos língua e linguagem, mas língua é um tipo de linguagem. Língua é um sistema de representação socialmente construído, constituído por signos verbais. Assim, a linguagem não verbal é aquela composta, por exemplo, por desenhos, gestos, entre outros.

Observe a ilustração a seguir, que brinca com a linguagem atualmente usada em mensagens eletrônicas, traçando um paralelo entre os emojis e a grafia rupestre.

Após tantos anos, voltamos ao mesmo idioma

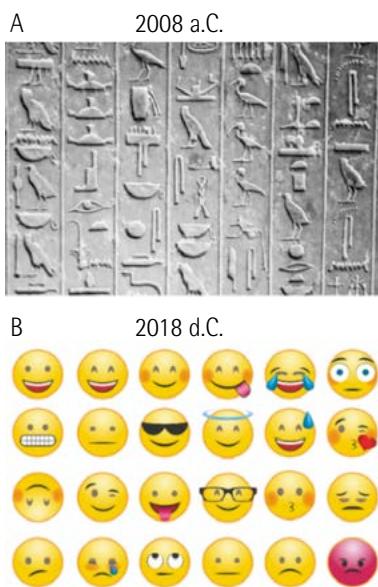


Figura 18

A linguagem é uma atividade humana que representa o mundo, que constrói a realidade, revelando aspectos históricos, culturais e sociais. É com a linguagem que o ser humano organiza e dá forma às suas vivências.

Observação

Signo é tudo aquilo que representa algo. Ferdinand Saussure, que lançou as bases da Linguística contemporânea, e Charles Peirce, que fundou uma importante linha da Semiótica, são dois nomes de destaque nos estudos contemporâneos dos signos.

Uma mesma ideia pode ser expressa por meio de signos verbais, não verbais ou pela combinação deles.

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Observemos as duas placas a seguir. Ambas trazem a mesma ordem, porém com linguagens diferentes.



Figura 19

Seria ainda possível usar os dois tipos de linguagem, como na figura a seguir.



Figura 20

Nos três textos, a mensagem é simples: não é permitido fumar. No entanto, a primeira placa exige que o leitor seja alfabetizado e conheça a língua portuguesa. Se a placa estivesse em outro idioma, como se vê na figura a seguir, provavelmente a mensagem seria incompreensível para boa parte dos brasileiros, para aqueles que não conhecem o alemão.



Figura 21

Com isso, vemos que, dependendo de quem queremos atingir com nosso texto, devemos optar por um tipo de linguagem. Em um aeroporto internacional, por exemplo, é mais adequado que os elementos não verbais estejam presentes e que, caso haja a parte verbal, o idioma utilizado seja o inglês.

A placa a seguir é comum em aeroportos do Oriente Médio. Ela se vale do signo icônico e da mensagem verbal em dois idiomas.



Figura 22

Observação

Podemos afirmar que duas pessoas, ainda que queiram expressar a mesma ideia, não construirão dois textos iguais. É possível até que usem linguagens diferentes para isso.

Como vimos, um texto pode utilizar somente linguagem verbal, somente linguagem não verbal ou misturar as duas, sendo assim denominado sincrético ou híbrido.

Decodificar um texto implica o reconhecimento dos significados dos seus signos – sejam eles verbais, sejam não verbais – e a observação da combinação entre eles.

Para que essa ideia fique mais clara, observe os exemplos a seguir:

Texto 1

Apesar de ser um país rico em recursos naturais e com um Produto Interno Bruto (PIB) figurando sempre entre os dez maiores do mundo, o Brasil é um país extremamente injusto no que diz respeito à distribuição de seus recursos entre a população. Um país rico; porém, com muitas pessoas pobres, em razão do fenômeno da desigualdade social, que é elevado.

Fonte: Lúcio (s.d.).

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Texto 2



Figura 23

Texto 3

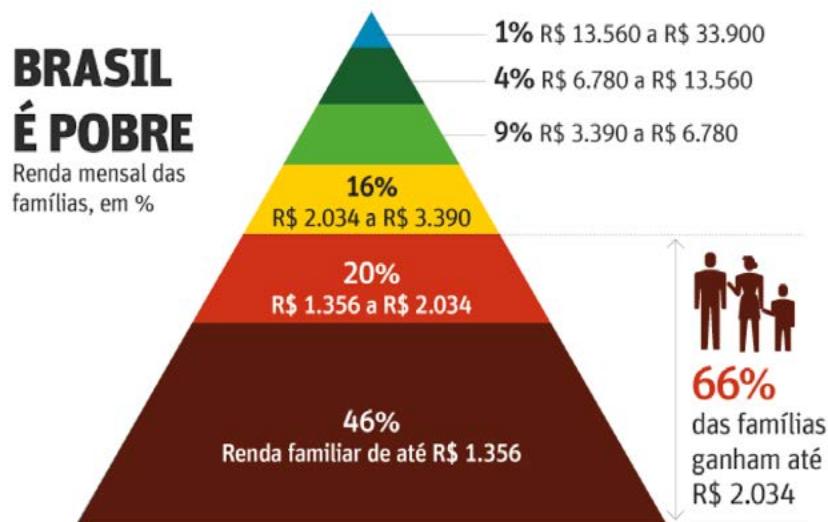


Figura 24

Os três textos apresentam um discurso semelhante: afirmar a desigualdade social no Brasil. O primeiro enuncia isso explicitamente, por meio de palavras; o segundo ilustra a diferença por meio de uma fotografia e, por fim, o terceiro expressa o problema em linguagem matemática.

Temos, assim, três textos que usam linguagens e estruturas diferentes para expressar a ideia de que o Brasil é um país marcado pela desigualdade social.

No entanto, embora os textos tratem do mesmo tema, a leitura de cada um deles exige uma abordagem específica. O primeiro exige a alfabetização. É necessário que a pessoa domine o código escrito da língua portuguesa e conheça o vocabulário empregado. No segundo, a mensagem é transmitida por meio de imagens. Embora a linguagem visual seja, em geral, mais facilmente decodificada pelo receptor, entender seu significado requer a habilidade de estabelecer relações entre os seus elementos. O terceiro texto, por sua vez, vale-se de uma representação gráfica em forma de pirâmide e de dados numéricos, absolutos e relativos. Nesse caso, é necessário que o leitor tenha certa familiaridade com a linguagem matemática.

Devemos também observar que os efeitos produzidos por cada um deles são distintos. O primeiro caracteriza-se como um texto temático, que trabalha com conceitos abstratos. O segundo ilustra a desigualdade por meio da foto de uma situação concreta: a miséria de muitos separada do luxo de poucos. O terceiro aborda a desigualdade por meio de números absolutos e relativos e do gráfico.



Observação

Chamamos de temáticos os textos que trabalham essencialmente com conceitos abstratos e de figurativos aqueles que privilegiam os elementos concretos. Tomemos, como exemplo, dois enunciados: "A persistência leva ao êxito" e "Água mole em pedra dura tanto bate até que fura". Os dois transmitem a mesma ideia: o primeiro com termos abstratos (persistência, êxito). O segundo com termos concretos (água, pedra).

Em geral, os elementos concretos são mais facilmente apreendidos pelas pessoas. Por isso, nos exemplos, podemos dizer que o segundo e o terceiro tendem a produzir um impacto mais forte.



Lembrete

Um texto é uma unidade de sentido, com a combinação coerente e coesa dos seus elementos. Existem infinitas formas de dar concretude a uma ideia, o que significa que são inúmeros os textos que podem ser construídos para expressá-la.

3 TEXTO E CONTEXTO

Nenhum texto existe de forma isolada. Nas palavras de Fiorin e Platão (2011, p. 25), "todo texto é produto de criação coletiva: a voz de seu produtor se manifesta ao lado de um coro de outras vozes que já trataram do mesmo tema e com as quais se põe em acordo ou desacordo".

3.1 Relação entre textos: intertextualidade

Denomina-se intertextualidade a relação entre textos, isto é, a referência direta ou indireta de um texto a outros. Trata-se de um diálogo entre textos. Por isso, para perceber a intertextualidade, o receptor deve ter conhecimento dos textos com os quais o texto lido dialoga.

Vamos iniciar com o capítulo CXXXV de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, em que o protagonista Bentinho vai ao teatro assistir *Otelo*, de Shakespeare. Como se sabe, o personagem desconfia de que Capitu o traiu com seu melhor amigo, e esse ciúme altera toda a sua vida, transformando-o em casmurro.

Dom Casmurro

Jantei fora. De noite fui ao teatro. Representava-se justamente *Otelo*, que eu não vira nem lera nunca; sabia apenas o assunto, e estimei a coincidência. Vi as grandes raivas do mouro, por causa de um lenço – um simples lenço! – e aqui dou matéria à meditação dos psicólogos deste e de outros continentes, pois não me pude furtar à observação de que um lenço bastou a acender os ciúmes de *Otelo* e compor a mais sublime tragédia deste mundo. Os lenços perderam-se. Hoje são precisos os próprios lençóis; alguma vez nem lençóis há e valem só as camisas. Tais eram as ideias que me iam passando pela cabeça, vagas e turvas, à medida que o mouro rolava convulso, e logo destilava a sua calúnia. Nos intervalos não me levantava da cadeira – não queria expor-me a encontrar algum conhecido. As senhoras ficavam quase todas nos camarotes, enquanto os homens iam fumar. Então eu perguntava a mim mesmo se alguma daquelas não teria amado alguém que jazesse agora no cemitério, e vinham outras incoerências, até que o pano subia e continuava a peça. O último ato mostrou-me que não eu, mas Capitu devia morrer. Ouvi as súplicas de Desdêmona, as suas palavras amorosas e puras, e a fúria do mouro, e a morte que este lhe deu entre aplausos frenéticos do público.

[...]

Fonte: Assis (1994).



Otelo é uma obra do escritor inglês William Shakespeare. No enredo, Otelo, instigado por Iago, convence-se de que Desdêmona, sua mulher, havia o traído. Louco de ciúme, mata a esposa. Mais tarde, descobre que tudo não passava de intriga.

De forma genial, Machado de Assis remete-se à obra clássica, fazendo com que seu protagonista se identifique com o personagem mouro de Shakespeare, mas, ao mesmo tempo, não coloque em dúvida suas suspeitas da traição de Capitu.

O recurso da intertextualidade aparece nos mais variados textos, inclusive nos publicitários. É comum vermos uma peça publicitária fazendo referência a um filme, a uma música, a um poema, a outro anúncio etc.

Observe os dois anúncios a seguir, que se baseiam no famoso quadro *Mona Lisa*, de Leonardo da Vinci. O primeiro divulga o Congresso Internacional de Odontologia de São Paulo, e, por isso, a peça altera o famoso sorriso da personagem. O segundo anuncia as revistas femininas da editora Abril e brinca com o cabelo da figura. Sabemos que o tema da beleza é constante nesse tipo de publicação. Os dois anúncios constroem paródias da obra renascentista.

Observação

Paródia é a produção de um texto apoiado em outro (intertextualidade) para alterar o conteúdo original. A paródia é construída, portanto, por meio da modificação do conteúdo do texto original, normalmente com a intenção de provocar humor.



Figura 25



Figura 26

Observe o anúncio publicitário a seguir, que divulga o Corredor Literário na Paulista. Ele faz parte de uma campanha que adotou como conceito criativo o encontro imaginário de diferentes escritores, criando um diálogo entre eles. Essa conversa é marcada por referências às obras dos escritores que aparecem no anúncio. Para quem conhece um pouco de literatura (conhecimento que se espera de quem frequenta o evento), as referências são perceptíveis e provocam humor.

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS



José Saramago e Carlos Drummond de Andrade numa tarde chuvosa na Paulista.

Gordas gotas de chuva caíam sobre o asfalto da Avenida Paulista. Carlos Drummond de Andrade havia sido surpreendido pela tempestade no canteiro central e agora tentava proteger seus escritos na pasta preta que carregava a tiracolo. Eis que um Lada Laika, vermelho, pára a sua frente. A porta se abre e lá de dentro ouve-se uma voz abafada pelo som das gotas que apedrejavam o teto do carro.

- Drummond, entre!

O poeta brasileiro se joga no banco do carro e fecha a porta. Para sua surpresa, ao seu lado, conduzindo o carro, está o escritor português José Saramago.

- Saramago! Que ótima surpresa!

Eles nunca haviam se encontrado, mas se conheciam perfeitamente através dos cadernos de cultura dos jornais, dos suplementos literários. E ambos desfrutavam de uma espécie de intimidade que só os desconhecidos famosos compartilham.

- Que bons ventos o trazem? - perguntou Drummond.

- Estou a me dirigir para o Pacaembu, ver o time da Lusa jogar. Vamos?

- Adoraria, mas tenho que ir a uma palestra. Aliás, já estou atrasado. Droguei de chuva — praguejou o brasileiro, contrastando com a imagem plácida e tranquila que Saramago se acostumou a ver nos jornais.

Na altura da Brigadeiro Luís Antônio, o trânsito emperra.

- E agora, José? - pergunta Drummond sem disfarçar a irritação.

Saramago põe a cabeça pra fora, tentando entender o que se passa.

- Só faltava essa... Um obra da prefeitura — especula Drummond...

- Não... É uma pedra. Uma pedra gigantesca. Onde já se viu isso?

- E eu sei lá, Saramago... Você, que separa a península ibérica da Europa e a deixa vagando sem nenhum motivo, que me explique uma improbabilidade dessas...

Os dois, cúmplices, riem da tirada. Saramago se enverga pela citação do ilustre passageiro, e Drummond anotou a idéia da pedra para desenvolvê-la mais tarde. No momento, o poeta brasileiro só estava preocupado com o seu compromisso.

Os funcionários da CET demoraram quase uma hora para retirar o imenso bloco de mármore da avenida. E em meio a buzinas estridentes dos carros, Saramago dissertou longamente sobre o perdão da dívida dos países africanos sem usar ponto final e abrir parágrafos, como era de seu feitio. Drummond apenas balançava a cabeça, admirado com a desenvoltura do amigo.

Uma eternidade depois, o Lada vermelho parou em frente ao prédio da Gazeta.

- Muito obrigado — falou Drummond. Quando for às Canárias, não esquecerei de levar goiabada e queijo minas para você.

- Foi um prazer. Apareça.

- Vá com Deus, se é que você acredita Nele... E cuidado com o trânsito. Os motoristas desta cidade parecem que são todos cegos.



Corredor Literário na Paulista. De 8 a 14 de outubro.
Os maiores escritores do mundo vão estar lá. E você?

Figura 27

O texto faz referências ao fato de o escritor português José Saramago ser comunista e ateu e alude a obras dele. No final do anúncio, por exemplo, a menção de que estão todos cegos é uma referência a um dos romances mais conhecidos de Saramago, *Ensaio sobre a cegueira*, que teve sua versão cinematográfica dirigida por Fernando Meirelles.

No que diz respeito a Drummond, note que a frase "E agora, José?" faz referência a um conhecido poema seu, escrito em uma época de desilusão, provocada pela ascensão de regimes totalitários e pela guerra mundial. Leia o texto original do poeta.

E agora, José?

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?

Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?

E agora, José?
Sua doce palavra,
seu instante de febre,
sua gula e jejum,
sua biblioteca,
sua lavra de ouro,
seu terno de vidro,
sua incoerência,
seu ódio — e agora?

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Com a chave na mão
quer abrir a porta,
não existe porta;
quer morrer no mar,
mas o mar secou;
quer ir para Minas,
Minas não há mais.
José, e agora?

Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...
Mas você não morre,
você é duro, José!

Sozinho no escuro
qual bicho-do-mato,
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!
José, para onde?

Fonte: Andrade (1942).



Esse poema de Carlos Drummond de Andrade foi publicado em 1942, na época da Segunda Guerra Mundial e do Estado Novo no Brasil. O conflito e a ditadura varguista causam desolamento no poeta, o que se comprova nos versos, em que não há saída para José diante do desconsolo que domina a realidade.

O anúncio ainda faz referência ao fato de Drummond ser mineiro e a outros textos dele, como o poema *No meio do caminho*. No entanto, a pedra que impede o caminho dos personagens no anúncio é real. A pedra do poema de Drummond é metafórica e representa os problemas que atrapalham a nossa caminhada.

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

Fonte: Andrade (1930).

O anúncio a seguir também se vale do mesmo poema de Drummond para denunciar a falta de cuidado com o meio ambiente. O texto usa a palavra pedra no sentido denotativo e enumera, na sequência, outros elementos deixados pelo homem no caminho. O anunciante é uma agência de turismo, e o objetivo é estimular a preservação dos lugares visitados.



Figura 28

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Outro exemplo é a campanha realizada, na década de 1990, pela agência DM9 para o extinto jornal *Notícias Populares*. O veículo era conhecido pelo sensacionalismo, pelo fato de exacerbar as emoções e explorar a violência. Observe um anúncio dessa campanha:



Figura 29 – "Notícias Populares: um jornal tão mundo-cão quanto Shakespeare"

A estratégia dos publicitários foi ardilosa: mostrar que a violência está presente em grandes obras da literatura mundial. Eles valeram-se do enredo do livro para criar uma manchete sensacionalista. Sugere-se que temas violentos não determinam a falta de qualidade da publicação.



Lembrete

A intertextualidade pode ocorrer também com textos não verbais ou híbridos.

Certa vez, a empresa O Boticário veiculou uma campanha em que as peças faziam referência a protagonistas femininas de contos de fadas, atribuindo-lhes mais poder do que na história original. Dessa forma, os textos sugeriam que os produtos da empresa poderiam empoderar as mulheres. O anúncio a seguir, que faz referência à história da Cinderela, integra essa campanha.



Figura 30

As paródias são recursos de intertextualidade, uma vez que só se faz paródia de um texto que já existe. A paródia consiste na inversão do sentido do texto original.

Muitas vezes, uma paródia não se constrói com base em um texto específico, mas, sim, em relação a características consagradas de um gênero. Cabe, por isso, a discussão sobre interdiscursividade. Nenhum discurso existe de forma isolada. Todo texto constrói um discurso que é permeado pela formação discursiva da sociedade em que se insere. Assim, mesmo sem fazer referência a um texto específico, podemos identificar um diálogo com ideias que circulam socialmente.

Isso pode ser observado na capa de uma revista imaginária, intitulada *Claudio*, em clara alusão à conhecida publicação da imprensa feminina.



Figura 31

Essa capa não parodia uma capa específica da revista *Claudia*, mas, sim, o discurso presente nessa publicação feminina, em que a mulher é representada como alguém que deve agradar ao homem e se preocupar apenas com as questões de moda, relacionamento e atividades familiares.

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Isso também ocorre no texto a seguir, em que a atualização do discurso dos tradicionais contos de fada ocorre devido a alterações no papel social da mulher.

Conto de fadas para mulheres modernas

Era uma vez, numa terra muito distante, uma linda princesa, independente e cheia de autoestima que, enquanto contemplava a natureza e pensava em como o maravilhoso lago do seu castelo estava de acordo com as conformidades ecológicas, se deparou com uma rã. Então, a rã pulou para o seu colo e disse:

– Linda princesa, eu já fui um príncipe muito bonito. Mas, uma bruxa má lançou-me um encanto e eu transformei-me nesta rã asquerosa. Um beijo teu, no entanto, há de me transformar de novo num belo príncipe e poderemos casar e constituir um lar feliz no teu lindo castelo. A minha mãe poderia vir morar conosco e tu poderias preparar o meu jantar, lavarias as minhas roupas, criarias os nossos filhos e viveríamos felizes para sempre...

... E então, naquela noite, enquanto saboreava pernas de rã à sautée, acompanhadas de um cremoso molho acebolado e de um finíssimo vinho branco, a princesa sorria e pensava: – Eu, hein?... nem morta!

Fonte: Verissimo (2010).

A tirinha a seguir, por sua vez, brinca com um ditado popular: "a justiça tarda, mas não falha". O personagem Queromeu, caracterizado por ser corrupto, completa o dito de outra forma. Essa quebra da expectativa provoca o humor.



Figura 32

Na charge de Caco Galhardo, vemos uma mãe sentada tranquilamente, enquanto o filho, com fuzil e outras armas, atira pela janela. Para compreendermos esta charge, devemos conhecer o contexto das favelas cariocas, em que a disputa armada entre grupos de narcotráfico e policiais é frequente, e também a música de Chico Buarque, *Meu guri*, reproduzida na sequência.



Figura 33

O meu guri

Quando, seu moço, nasceu meu rebento
Não era o momento dele rebentar
Já foi nascendo com cara de fome
E eu não tinha nem nome pra lhe dar
Como fui levando não sei lhe explicar
Fui assim levando, ele a me levar
E na sua meninice, ele um dia me disse
Que chegava lá
Olha aí! Olha aí!

Olha aí!
Ai, o meu guri, olha aí!
Olha aí!
É o meu guri e ele chega

Chega suado e veloz do batente
Traz sempre um presente pra me encabular
Tanta corrente de ouro, seu moço
Que haja pescoço pra enfiar
Me trouxe uma bolsa já com tudo dentro
Chave, caderneta, terço e patuá
Um lenço e uma penca de documentos
Pra finalmente eu me identificar
Olha aí!

Olha aí!
Ai, o meu guri, olha aí!
Olha aí!
É o meu guri e ele chega

Chega no morro com carregamento
Pulseira, cimento, relógio, pneu, gravador
Rezo até ele chegar cá no alto
Essa onda de assaltos está um horror
Eu consolo ele, ele me consola
Boto ele no colo pra ele me ninar
De repente acordo, olho pro lado
E o danado já foi trabalhar
Olha aí!

Olha aí!
Ai, o meu guri, olha aí!
Olha aí!
É o meu guri e ele chega

Chega estampado, manchete, retrato
Com venda nos olhos, legenda e as iniciais
Eu não entendo essa gente, seu moço
Fazendo alvoroço demais
O guri no mato, acho que tá rindo
Acho que tá lindo de papo pro ar
Desde o começo eu não disse, seu moço!
Ele disse que chegava lá
Olha aí! Olha aí!

Olha aí!
Ai, o meu guri, olha aí!
Olha aí!
É o meu guri

Fonte: Buarque (1981).

Repare que a letra da música traz a voz de uma mãe que não percebe que seu filho atua como criminoso no morro. Para ela, trata-se carinhosamente do seu guri, que tinha ambições e era amoroso, pois sempre lhe dava presentes. Note que a mulher que narra a história é simples, não sabe ler, não tem documentos e tem orgulho de seu filho, que acabou famoso, sendo notícia de jornal.

Quando conhecemos a música, entendemos a fala da mãe da charge de Galhardo, que também não considera o filho um criminoso e olha passivamente para ele.

3.2 O texto e o contexto histórico-social

Como já afirmamos, nenhum texto existe de forma autônoma. Nas palavras de Discini (2005, p. 13), o texto deve ser considerado "naquilo que é dito, no como é dito; no porquê do dito; na aparência; na imanência; como signo, como História".

Isso significa que devemos analisar, além dos elementos internos de qualquer texto, as suas condições de produção.

Vamos, agora, observar a letra de uma das mais conhecidas obras da MPB, imortalizada na voz de Elis Regina.

O bêbado e a equilibrista

Caía a tarde feito um viaduto
E um bêbado trajando luto
Me lembrou Carlitos...
A lua
Tal qual a dona do bordel
Pedia a cada estrela fria
Um brilho de aluguel

E nuvens!
Lá no mata-borrão do céu
Chupavam manchas torturadas
Que sufoco!
Louco!
O bêbado com chapéu-coco
Fazia irreverências mil
Pra noite do Brasil.
Meu Brasil!...

Que sonha com a volta
Do irmão do Henfil.
Com tanta gente que partiu
Num rabo de foguete

Chora!
A nossa Pátria
Mãe gentil
Choram Marias
E Clarices
No solo do Brasil...

Mas sei, que uma dor
Assim pungente
Não há de ser inutilmente
A esperança...
Dança na corda bamba
De sombrinha
E em cada passo
Dessa linha
Pode se machucar...

Asas!
A esperança equilibrista
Sabe que o show
De todo artista
Tem que continuar...

Fonte: Blanc e Bosco (1979).

A composição de João Bosco e Aldir Blanc, lançada em 1979, no período da ditadura militar, é um exemplo da importância do contexto na interpretação de um texto.

Na música, o enunciador apresenta o embate da arte – e do artista – e a violência do Estado. Na primeira estrofe, para indicar como a tarde havia caído repentinamente, o autor faz referência ao Viaduto Paulo Frontin, no Rio de Janeiro, que desabou em 1971; a alusão ao luto e a Carlitos (Charles Chaplin) representam o estado de tristeza da classe artística diante da pouca liberdade de expressão.

O mata-borrão e as manchas torturadas referem-se à violência dos órgãos estatais com os opositores do regime.



Saiba mais

Para conhecer um pouco mais e ouvir outras músicas compostas no período da ditadura militar, tentando decifrar as referências e o sentido conotativo de expressões, ouça as canções *Apesar de você* e *Cálice*, de Chico Buarque:

BUARQUE, C. Apesar de você. Intérprete: Chico Buarque. In: *Chico 50 anos: o político*. São Paulo: Universal Music, 1970. CD, faixa 2. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/chico-buarque/7582/>>. Acesso em: 29 out. 2018.

BUARQUE, C. Cálice. Intérprete: Chico Buarque. In: *Chico 50 anos: o político*. São Paulo: Universal Music, 1978. CD, faixa 3. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/chico-buarque/45121/>>. Acesso em: 29 out. 2018.

A charge a seguir não pode ser bem interpretada sem considerarmos o contexto em que foi produzida.

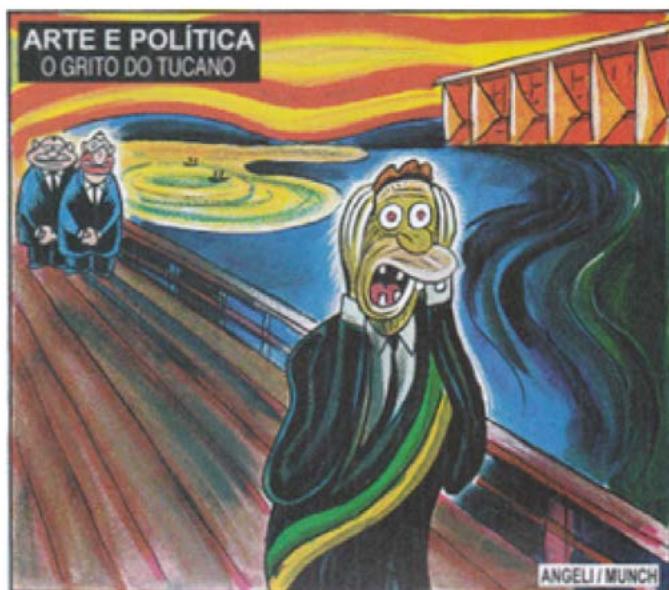


Figura 34

!! Observação

Charge é um gênero textual em que o conhecimento do contexto histórico e político tende a ser imprescindível para a boa interpretação.

Percebemos que Angeli parodia o quadro *O grito*, de Edvard Munch. Como personagem central, em desespero, vemos o então presidente Fernando Henrique Cardoso. Ao fundo, com sorrisos nos rostos ao observar o grito, estão Paulo Maluf e José Sarney. Se o leitor não identificar essas figuras políticas, o humor da charge se perde. Note, ainda, que o leitor precisa saber que **tucano** é como se designa o político que pertence ao PSDB, partido do presidente.

Na charge a seguir, Glauco e Angeli ilustram a crítica comum na época, que dizia que o governo Itamar estava inerte. Repare que, nos dois primeiros quadrinhos, temos a impressão de que o governo está, de fato, em movimento. No último, no entanto, revela-se que ele está sendo guinchado, ou seja, sem movimento próprio.



Figura 35

No primeiro semestre de 2018, notícias sobre a separação entre mães imigrantes ilegais e seus filhos nos Estados Unidos provocaram discussões e protestos. Muitas fotos foram publicadas em redes sociais e algumas delas foram reaproveitadas em outras produções.

Com base em uma das fotos mais compartilhadas nas redes sociais, a revista *Time* construiu a capa reproduzida a seguir.



Figura 36

A ironia da frase "Welcome to America" (Bem-vindo à América) é dada pela contraposição entre a imagem da menina hondurenha chorando e a do presidente Trump, que implementou a política de repressão aos imigrantes.

Os quadrinhos a seguir, por sua vez, foram produzidos no contexto da aprovação do projeto de lei que permite a aplicação de vários agrotóxicos na produção de frutas e legumes, em junho de 2018.



Figura 37

Observe, também, que há intertextualidade com a conhecida história infantil da Branca de Neve, que morde a maçã envenenada, oferecida pela bruxa.

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Para finalizar os exemplos, consideremos, no quadro a seguir, a música *Bom conselho*, de Chico Buarque. Observe que o compositor altera vários ditados populares e os aplica em um conselho a um interlocutor. Essa música foi escrita em 1972, época da ditadura militar. É possível identificar, nos versos, várias referências à repressão do período, como em "inútil dormir que a dor não passa". A música convoca o ouvinte a agir contra o sistema: "está provado, quem espera nunca alcança", "aja duas vezes antes de pensar", "devagar é que não se vai longe".

Quadro 2

Provérbios populares	Bom conselho (Chico Buarque)
"Uma boa noite de sono combate os males"	Ouça um bom conselho Que eu lhe dou de graça Inútil dormir que a dor não passa Espere sentado Ou você se cansa
"Quem espera sempre alcança"	Está provado, quem espera nunca alcança Venha, meu amigo
"Faça o que eu digo, não faça o que eu faço"	Deixe esse regaço Brinque com meu fogo Vinha se queimar
"Pense, antes de agir"	Faça como eu digo Faça como eu faço
"Devagar se vai longe"	Aja duas vezes antes de pensar Corro atrás do tempo Vim de não sei onde
"Quem semeia vento, colhe tempestade"	Devagar é que não se vai longe Eu semeio vento na minha cidade Vou pra rua e bebo a tempestade

Fonte: Buarque (1972).



Saiba mais

Para escutar a música na voz de Chico Buarque, acesse o seguinte *link*:

BUARQUE, C. Bom conselho. Intérprete: Bethânia. In: Quando o carnaval chegar. Rio de Janeiro: Marola edições musicais, 1972. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/chico-buarque/85939/>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

Dessa forma, conclui-se que:

- A leitura não pode se basear em fragmentos isolados do texto.
- A leitura deve levar em consideração os elementos do interior de um texto e também os aspectos externos, do contexto em que foi produzido, bem como as relações que estabelece com outros textos.



Saiba mais

Para saber mais sobre intertextualidade e as relações do texto com o contexto, leia os capítulos 2 e 3 do seguinte livro:

FIORIN, J. L.; PLATÃO, F. *Para entender o texto: leitura e redação*. 17. ed. São Paulo: Ática, 2011.

3.3 Informações implícitas

Imagine que você chegue à faculdade e escute a seguinte frase: "Hoje você está bonito!". Apesar da evidente intenção de elogio, não se pode deixar de reparar na presença do advérbio **hoje**. Você pode questionar: "Só hoje?". Embora não esteja explícita, há a mensagem de que, nos demais dias, você não estava bonito. Além disso, há o uso do verbo estar, que, na língua portuguesa, tem um sentido diferente do verbo ser.

Assim, existem nos mais variados enunciados informações implícitas, isto é, aquelas que não estão ditas com todas as letras, mas que devem ser percebidas pela boa interpretação.

Outro exemplo é a pergunta normalmente ouvida por professores: "Você trabalha ou só dá aula?". Mesmo que não seja a intenção, a formulação indica que o falante não considera que dar aula seja trabalho.



Observação

Lembre-se de que estamos trabalhando com a interpretação de textos, e não com a intenção do enunciador. Muitas vezes, a pressa, o hábito ou a falta de habilidade na hora de construir o enunciado conferem ao texto um sentido que não era pretendido pela pessoa. Isso, no entanto, não invalida a interpretação do que foi dito.

Ainda podemos citar o uso das conjunções adversativas (mas, porém, contudo, no entanto) ou das concessivas (apesar de, mesmo que), como nos enunciados: "Apesar de ser francês, o filme é bom"; "Tem mais de 60 anos, mas sabe usar o computador". Nessas frases, notamos que um falante não aprecia o cinema francês, e o outro considera que as pessoas mais velhas não sabem utilizar as tecnologias mais modernas.

Em certa ocasião, um anúncio de iogurte utilizou a frase: "Tão gostoso que nem parece *light*". Nesse caso, temos como implícita a afirmação de que os produtos *light* não são gostosos.

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

As mensagens implícitas podem estar marcadas pelo uso de algum elemento linguístico, como nos exemplos, ou podem ser sugeridas pelo contexto. No primeiro caso, falamos em pressupostos. No segundo, em subentendidos.

Observação

O uso de vírgulas também pode construir pressupostos diferentes nas orações subordinadas adjetivas. Considere os dois períodos a seguir:

I – Os deputados que são corruptos serão processados.

II – Os deputados, que são corruptos, serão processados.

Em II, as vírgulas generalizam e afirmam que todos os deputados são corruptos e serão processados. Em I, a ausência de vírgulas restringe a corrupção a alguns deputados.

Imagine agora outra situação: uma visita na casa de um amigo em um domingo. O visitante chega logo cedo, almoça e fica a tarde toda. Então, ele diz ao visitante: "Já são 20 horas". Além da menção ao horário, há a sugestão de que é bom que ele vá embora. Isso está subentendido pelo contexto. Não há nada nas palavras dele que comprove esse entendimento. É até mesmo possível que o anfitrião negue esse subentendido se a pessoa se mostrar ofendida, podendo alegar que quis apenas se referir ao fato de o tempo ter passado muito rápido.

Observe que esse mesmo enunciado (Já são 20 horas) pode ter um subentendido totalmente diferente em outro contexto. Se o indivíduo tiver um compromisso, pode significar que se está atrasado, por exemplo.

A percepção do que está implícito é muito importante para a interpretação correta de qualquer texto.

Vejamos a seguir os quadrinhos *As cobras*, de Luis Fernando Verissimo:

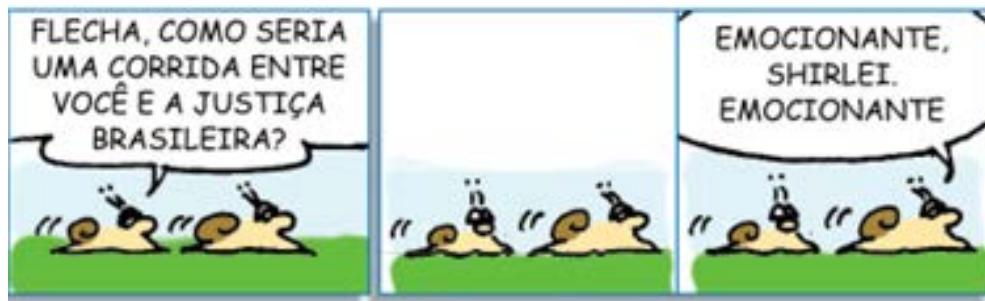


Figura 38

O fato de as personagens da tira serem lesmas – animais conhecidos pela sua lentidão – é fundamental para que percebamos a crítica implícita dos quadrinhos. Ao dizer que a corrida entre ele e a justiça brasileira seria emocionante, Flecha expressa a ideia de que nosso sistema judiciário é extremamente vagaroso.

Observação

Podemos considerar a ironia como uma mensagem implícita, uma vez que literalmente o enunciado afirma o oposto daquilo que, de fato, deseja-se afirmar.

Na década de 1990, foi veiculada uma campanha publicitária criada pela agência Talent, para o jornal *O Estado de São Paulo*, que tinha como conceito: "É melhor você começar a ler o Estadão". Veja dois anúncios dessa campanha:

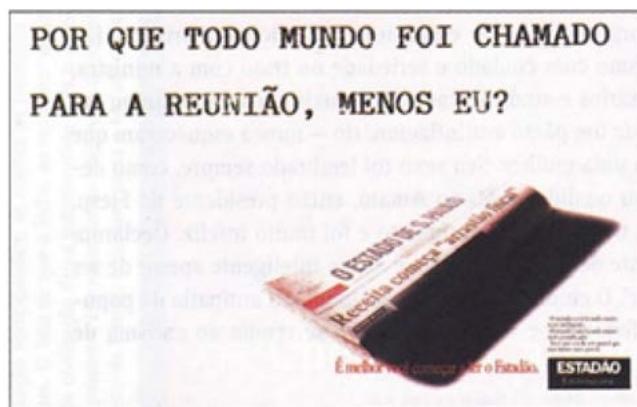


Figura 39



Figura 40

É possível compreender bem a mensagem dessa campanha? Ela sugere, de forma subentendida, que quem não lê o jornal é desinformado. Veja que as peças apresentam a fala de um personagem em primeira pessoa e, depois, a orientação de que "é melhor você começar a ler o Estadão". Observe que, no primeiro anúncio, a pergunta deixa subentendida a resposta de que ele foi o único a não ser chamado para a reunião

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

porque não contribuiria com nada, uma vez que é desinformado. No segundo, o próprio personagem confessa que odeia algo que ele nem sabe o que é. Assim, a forma de combater esse problema de falta de conhecimento é apresentada com a leitura do jornal.

Vamos ler a charge a seguir. No primeiro olhar, vemos uma família em torno da leitura de um livro. Pela capa e pela frase que o homem lê, percebemos que se trata da Constituição Brasileira, mais especificamente do capítulo sobre os direitos do cidadão. Prestando mais atenção, notamos que a família está sentada na sarjeta, ou seja, não tem moradia, como determina a lei magna. Percebemos, então, que se trata de uma crítica à não observância dos direitos dos brasileiros. Isso se reforça com a fala da mulher, que pede para que ele leia "aquele pedaço bonito que fala de comida; saúde". Com isso, somos levados à sugestão de que a família realiza a leitura de uma obra ficcional, como se o homem estivesse lendo um conto de fadas e a mulher quisesse novamente ouvir uma bela passagem.



Figura 41

Vamos analisar uma questão do vestibular da Unicamp (1991), reproduzida a seguir:

Exemplo de aplicação

Luis Fernando Veríssimo certamente ficaria satisfeito se você, mesmo nesta situação um pouco tensa, achasse graça na tira a seguir:



Figura 42

Para achar graça, você precisa perceber que a tira traz implícitas duas opiniões opostas relativas a uma prática institucional de nossa sociedade.

A) Quais as duas opiniões contidas na tira?

B) Qual dessas duas opiniões pode ser considerada um argumento favorável à manutenção dessa prática institucional?

Veja que um dos personagens se despede do sapo Felipe e deseja que ele se case. No segundo quadrinho, ele acrescenta o desejo de que o amigo seja feliz. Assim, até aqui, há uma associação entre casamento e felicidade. Na sequência, há um quadrinho sem falas, fundamental na construção do sentido, pois sugere que o personagem ficou pensando no que havia dito. E então, no último, ele completa com a frase: "uma das duas coisas", ou seja, ou o amigo se casa ou ele será feliz. As duas possibilidades, no final, são apresentadas como excludentes.



Saiba mais

Para saber mais sobre os implícitos, leia a lição 20 do seguinte livro:

FIORIN, J. L.; PLATÃO, F. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 2011.

4 INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS NÃO VERBAIS

Imagine que a questão a seguir fosse apresentada desta maneira em uma prova:

Exemplo de aplicação

Considere o cartum e assinale as afirmativas.



Figura 43

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

I – O cartum tem por objetivo criticar as normas de etiqueta que orientam os comportamentos das pessoas em ambientes públicos.

II – O cartum revela a contradição entre o comportamento das pessoas e seus pensamentos e desejos.

III – O cartum critica a agressividade presente na vida de muitos casais e propõe conversas civilizadas para a resolução de problemas.

É correto o que se afirma apenas em:

- A) I.
- B) II.
- C) III.
- D) I e II.
- E) II e III.

Antes de darmos a resposta, vamos prestar atenção nos elementos do texto. Trata-se de um texto não verbal, pois não usa palavras. Assim, devemos prestar atenção nos detalhes da imagem.

Observamos um casal sendo servido por um garçom em um restaurante. A cena transcorre em um clima de aparente normalidade, de acordo com as convenções sociais. No entanto, homem e mulher compartilham um mesmo pensamento caracterizado por uma situação de conflito, com agressão física. Dessa forma, entendemos que a situação que parecia pacífica, na verdade, seria diferente se as emoções fossem liberadas.

Além disso, percebemos que o texto não apresenta uma solução para o conflito. Apenas expõe a contradição entre a situação real e o pensamento das personagens. Assim, a alternativa correta é a B.

A compreensão e a interpretação de textos não verbais dependem da capacidade do leitor em decodificar os signos não verbais e atribuir sentidos a eles. Deve-se atentar a cada elemento e, especialmente, à combinação deles.

Vamos ver mais um exemplo:

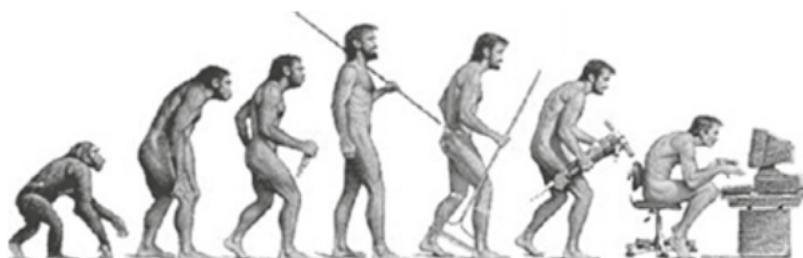


Figura 44

Unidade I

A imagem brinca com a tradicional ilustração da evolução humana. No entanto, ela não para no homem ereto. A mudança continua: o homem vai novamente se encurvando para sentar ao computador. Dessa forma, de acordo com o texto, a partir de certo ponto, ocorre uma involução na postura do ser humano.

Nesse caso, percebemos que a sequência dos desenhos é fundamental para a interpretação do texto, pois há uma ordem cronológica.

Assim, um texto não verbal também pode construir uma narrativa. Vamos ler os quadrinhos apresentados a seguir, do cartunista Quino.

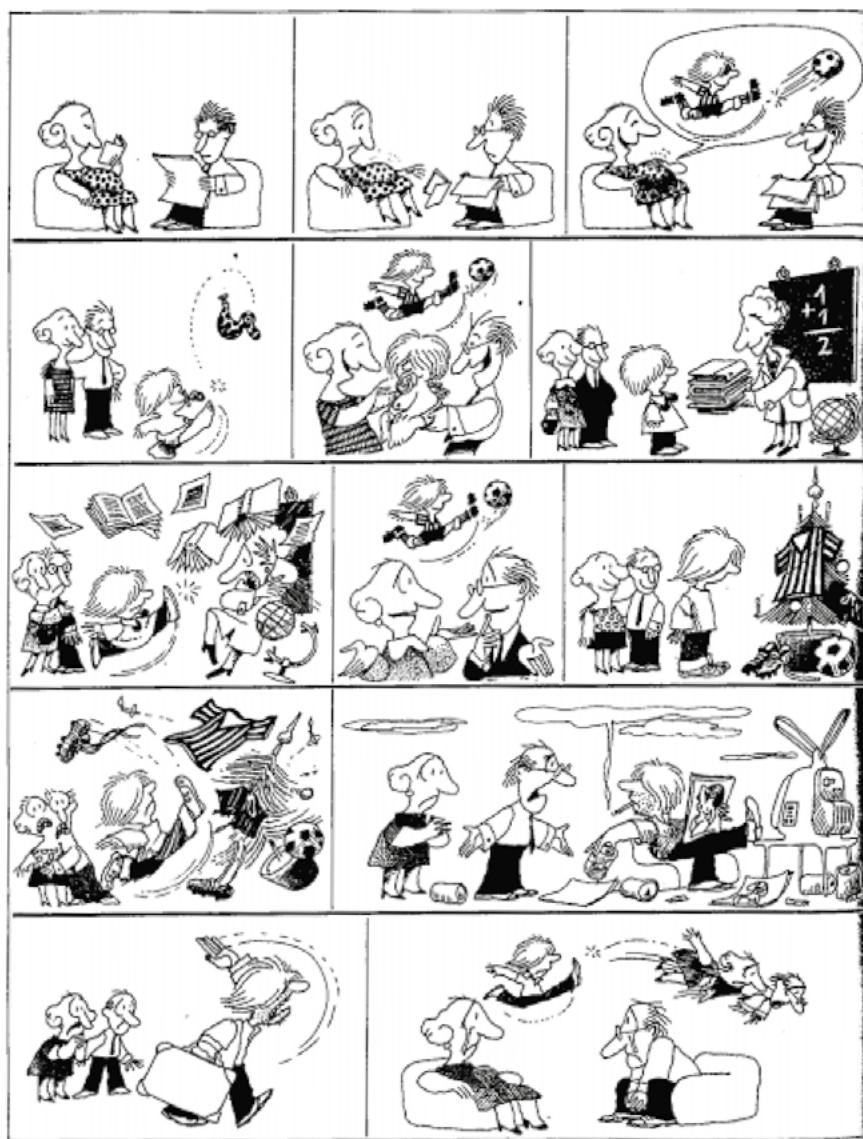


Figura 45

Os quadrinhos traçam uma narrativa em sequência cronológica. Vemos um casal, e a mulher está grávida. O chute na barriga da mãe durante a gravidez faz com eles criem expectativa quanto ao

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

futuro do garoto: ser um bom jogador de futebol. Essa expectativa se mantém ao longo do texto, com o crescimento do menino, que continua a chutar as coisas. A frustração dos pais começa com o desinteresse dele pela bola. A partir daí, eles começam a duvidar do futuro promissor do rapaz. As desilusões agravam-se até o desfecho, em que pai e mãe são chutados pelo filho, que vai embora.

Existem outros textos em que a interpretação não é tão imediata. Vamos ver mais um exemplo do mesmo autor:

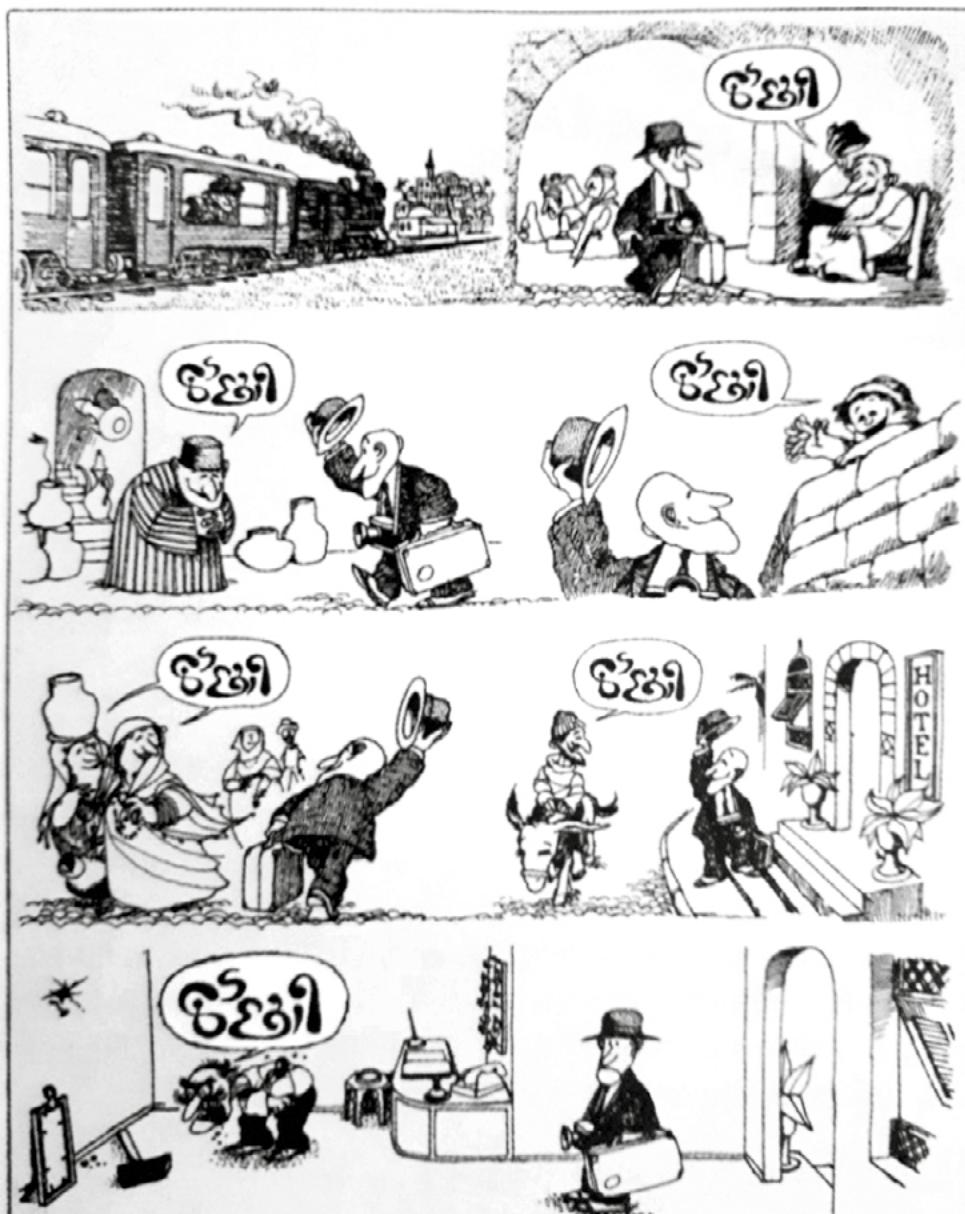


Figura 46

No primeiro quadrinho, temos a imagem de um trem chegando. Na sequência, entendemos que o homem de paletó e chapéu desceu dele. Pela comparação entre os trajes dos personagens,

notamos que ele é um forasteiro. Nas passagens subsequentes, vemos que as pessoas acenam e falam algo, a que ele retribui com um sorriso e com a reverência do chapéu, gesto que indica cordialidade. Essa cena se repete até que ele chega ao hotel. Ao entrar no estabelecimento, o personagem depara-se com o homem que deveria recepcioná-lo, mas que se machucou com o martelo ao tentar colocar um quadro na parede. Então ele percebe que a fala dita pelo homem machucado é a mesma que ele ouviu ao longo do caminho. Sua expressão facial indica que ele, então, nota que, na verdade, tratava-se de um xingamento.

Muitas vezes, um desenho que aparenta ter apenas a intenção de registro do cotidiano apresenta um sentido crítico. Vejamos, por exemplo, a ilustração do artista polonês Pawla Kuczynskiego, reproduzida a seguir:

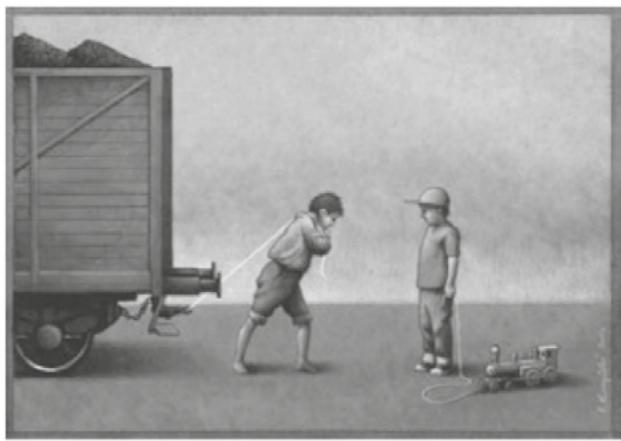


Figura 47

Na imagem, vemos dois meninos aproximadamente da mesma idade. Os trajes deles são os primeiros indícios da diferença de classe social. Cada um puxa, com uma corda, um trem. O mais rico está brincando com um trem em miniatura. O outro, por sua vez, está trabalhando, puxando um vagão carregado. Dessa forma, entendemos que o autor construiu uma crítica às desigualdades, que definem a formação das pessoas desde a infância.

Embora a linguagem não verbal tenda a ser mais universal, ou seja, ela pode ser compreendida por pessoas de diferentes países e idiomas, a interpretação de um texto não verbal nem sempre é fácil, como pudemos observar nos exemplos anteriores. Não basta reconhecer o que está representado. É preciso analisar a significação de cada elemento naquele texto/contexto.

Charles Peirce, filósofo e fundador da Semiótica, considerava que os signos não verbais podem ser classificados de acordo com a relação que estabelecem com seus referentes em ícones, índices e símbolos.

Os ícones mantêm relação direta de semelhança com seu referente. É o que se observa na figura a seguir, em que temos o desenho de um gato. A semelhança é de tal ordem que mesmo uma criança pequena é capaz de identificar o referente.

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS



Figura 48

Os índices são indícios, isto é, apresentam uma relação de contiguidade ou de causalidade com o referente. Por exemplo, a fumaça pode representar o fogo. Uma placa com talheres à beira da estrada indica a proximidade de um restaurante, assim como o desenho de uma bomba de gasolina significa a presença de um posto de combustível, como se vê na figura a seguir.

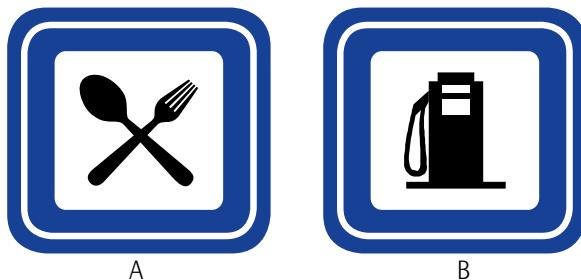


Figura 49

Por sua vez, os símbolos apresentam relação convencional e arbitrária com seu referente. Como exemplo, podemos mencionar a representação de operações matemáticas, como a da raiz quadrada.



Figura 50

A compreensão dos ícones tende a ser mais imediata, uma vez que eles representam aquilo com o que têm semelhança. Por sua vez, os índices e os símbolos exigem do leitor um raciocínio que vai além da mera decodificação.

É importante ressaltar que um mesmo signo pode ser um ícone, um índice ou um símbolo, dependendo do texto. Podemos pensar, por exemplo, no desenho de uma cruz. Ele pode ser um ícone se estiver representando apenas uma cruz, um índice se estiver representando a crucificação, e um símbolo, se estiver representando a fé cristã.

Dessa forma, não podemos dizer que um signo encaixa-se definitivamente em uma categoria, mas, sim, que ele é classificado como ícone, índice ou símbolo em determinado texto. Caso a leitura não seja capaz de identificar seu significado, a interpretação ficará comprometida.

Observe o cartum a seguir. Veja que os sinais de pontuação simbolizam as fases da vida do personagem genérico que, na verdade, representa-nos.

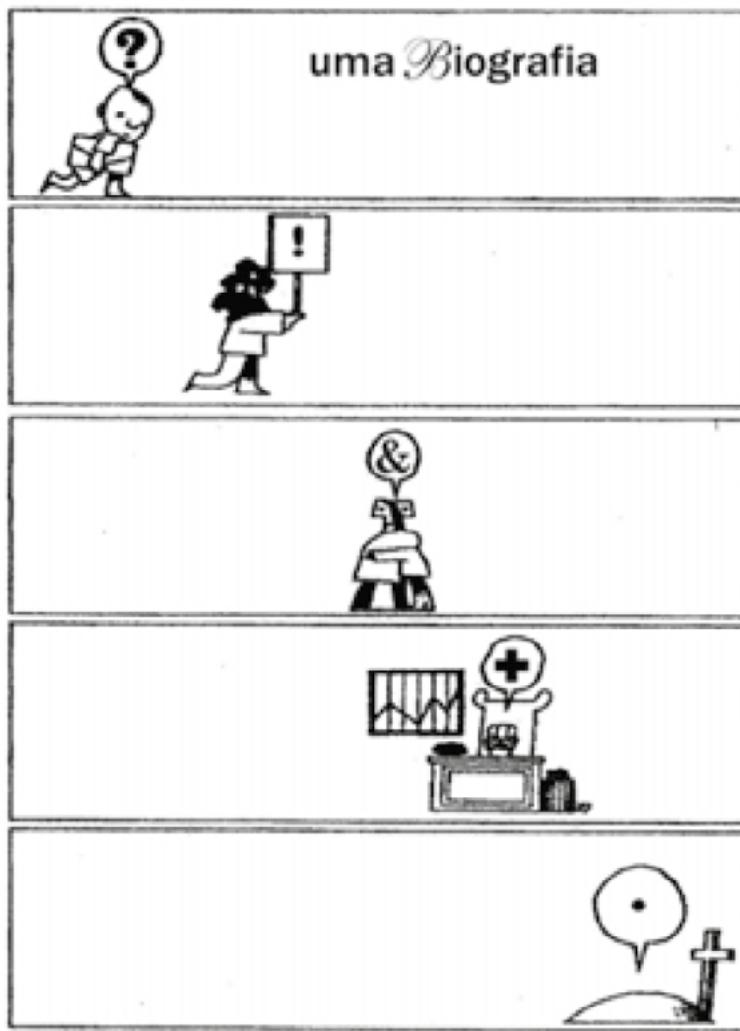


Figura 51

No primeiro quadrinho, ou seja, na infância, temos a dúvida, a vontade de desvendar um mundo desconhecido. Na juventude, a exclamação representa o entusiasmo e a vontade de mudança. Na fase adulta, temos a união com o outro. Na velhice, a doença. E, por fim, o ponto que representa a morte.

Até aqui, vimos exemplos de textos que se valem de desenhos. É importante também interpretarmos as imagens que são registro do real, como as fotografias. Mesmo nesses casos, em que a imagem apresenta forte referencialidade, é possível interpretarmos sua dimensão simbólica.

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Considere a foto reproduzida a seguir, que registra políticos assistindo a um desfile comemorativo do Dia da Independência.



Figura 52

Repare que as fotos selecionadas para a publicação flagram a então primeira dama, o vice-presidente Marco Maciel e Geraldo Alckmin bocejando. Esse gesto é um índice de que o evento estava, provavelmente, enfadonho e que eles estavam ali só por obrigação.

A foto a seguir, do fotógrafo Sebastião Salgado, por sua vez, mostra os pés de trabalhadores rurais. Metonimicamente, ele revela as condições de vida dessas pessoas. Observemos a pele maltratada, os chinelos surrados e as calças velhas.



Figura 53

Outro exemplo é a foto de Tiago Santana, que, em parceria com Audálio Dantas, construiu um registro da vida do sertanejo no livro *Céu de Luiz*. As posições do homem e do animal lado a lado constroem o sentido de que eles compartilham a mesma vida no mesmo ambiente.



Figura 54

A imagem a seguir ficou bastante conhecida. A fotografia foi produzida em 1989 e mostra um cidadão chinês desarmado colocando-se à frente dos tanques. A coragem do homem diante da desigualdade de forças tornou-se símbolo da resistência pela liberdade.



Figura 55

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Em alguns casos, o sentido é construído pela justaposição de imagens, pela diagramação, que interfere na leitura. Isso pode ser observado, por exemplo, em uma página de jornal, como na capa da *Folha de São Paulo* reproduzida a seguir:



Figura 56

Observe que a matéria principal se refere ao leilão da Telebrás, e o veículo selecionou duas fotos. Em uma, vemos um cidadão protestando contra a venda da estatal de forma violenta. Logo abaixo, o ministro, em seu gabinete, rindo, alegre com a privatização. Esse contraste confere certo ar de deboche ao governo, que não se abalaria com as manifestações populares.

Para finalizar, vamos tomar como exemplo de texto não verbal a pintura. Reproduzimos a seguir o quadro *Guernica*, de Pablo Picasso.



Figura 57

A obra revela a leitura do artista sobre o bombardeamento de Guernica, em 1937, quando aviões alemães, em apoio ao ditador General Francisco Franco, destruíram a cidade localizada na região dos países bascos, durante a Guerra Civil Espanhola.

O painel, que tem dimensões de 349 cm de altura por 776 cm de comprimento, é uma expressão de repúdio ao autoritarismo e à guerra. Com uma linguagem de vanguarda, o artista representou pessoas e animais despedaçados pelo bombardeio, com expressões de sofrimento.

Assim, as obras de arte são também textos, cujo significado depende do contexto histórico e do que elas simbolizam. O quadro a seguir, por exemplo, é um dos mais famosos do Modernismo brasileiro. *O Abaporu*, de Tarsila do Amaral, inspirou o movimento antropofágico, liderado por Oswald de Andrade. A proposta era valorizar a cultura nacional e deglutir a estrangeira. Abaporu, em tupi, significa o homem que come gente. A escolha das cores, das formas, dos elementos e da perspectiva na obra revela a intencionalidade da artista em representar o Brasil.

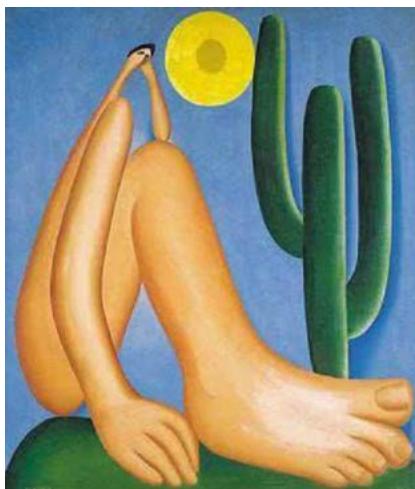


Figura 58



Resumo

Procuramos conceituar o que é um texto e como ele pode ser classificado com base na linguagem utilizada, podendo ser verbal, não verbal e híbrido. Apontamos a diferença entre compreender e interpretar o texto: interpretar exige decifrar o sentido.

Destacamos que, para interpretar corretamente um texto, precisamos prestar atenção nos elementos que o constituem e também no contexto de sua produção, ou seja, como ele se relaciona com outros textos e discursos e com os aspectos sociais, culturais e históricos. Também é necessário perceber as informações implícitas que o texto carrega.

Focamos ainda nos textos não verbais, em que é necessário interpretar ícones, índices e símbolos.



Exercícios

Questão 1. Leia o trecho da reportagem a seguir:

Banksy tornou-se o anônimo mais famoso dos últimos anos. Seu trabalho mudou o olhar sobre a arte de rua. Com *spray*, faz críticas políticas, à sociedade e à guerra, mas sempre com um humor sombrio e uma sacada. Também se especializou em ações espetaculares, como na vez em que pôs um boneco vestido de prisioneiro de Guantânamo dentro da Disneylândia. Com prováveis 40 anos, ele segue experimentando: é o diretor de *Exit Through the Gift Shop* (Saída pela Loja de Presentes), documentário sobre um francês que o persegue, indicado ao Oscar.

Hoje, suas obras espalham-se por Londres, Los Angeles, Nova Iorque, até no muro que separa Israel e Palestina. Mas tudo começou em Bristol, no interior da Inglaterra, onde Banksy já dava sinais de que iria longe.

Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cultura/banksy-o-anonimo-mais-famoso-do-mundo>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

A imagem a seguir é um trabalho de Banksy:



Figura 59

Com base nas informações, na imagem e nos seus conhecimentos, analise as afirmativas:

I – A imagem apresenta uma crítica ao uso de redes sociais e celulares por menores de idade, pois isso pode estimular a pedofilia.

II – A imagem satiriza o comportamento infantil de pessoas que necessitam da aprovação de amigos virtuais em redes sociais.

III – A imagem contradiz as características do artista apontadas no texto, uma vez que não explora o humor e não tem conteúdo político.

É correto o que se afirma somente em:

- A) I.
- B) II e III.
- C) III.
- D) I e II.
- E) II.

Resposta correta: alternativa E.

Análise das afirmativas

I – Afirmativa incorreta.

Justificativa: a imagem apresenta uma criança, mas não faz qualquer alusão à pedofilia.

II – Afirmativa correta.

Justificativa: na imagem, temos um exemplo do "humor sombrio" de Banksy, conforme dito no texto inicial. Há uma sátira a respeito do comportamento infantil dos que precisam de aprovação em redes sociais.

III – Afirmativa incorreta.

Justificativa: a imagem reforça as características de Banksy apontadas no texto, uma vez que o artista usa, na arte da rua com spray, o "humor sombrio" e uma "sacada" e, também, realiza crítica social.

Questão 2. Observe a charge produzida na época do desastre ambiental provocado pelo rompimento de uma barragem da mineradora Samarco, em Mariana (MG), em 2015. Na sequência, leia um trecho do poema *E agora, José?*, de Carlos Drummond de Andrade, escrito em 1942.



Figura 60

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

E agora, José?
Sua doce palavra,
seu instante de febre,
sua gula e jejum,
sua biblioteca,
sua lavra de ouro,
seu terno de vidro,
sua incoerência,
seu ódio – e agora?

Com a chave na mão
quer abrir a porta,
não existe porta;
quer morrer no mar,
mas o mar secou;
quer ir para Minas,
Minas não há mais.
José, e agora?

Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/poema-e-agora-jose-carlos-drummond-de-andrade/>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

Com base na leitura, analise as afirmativas:

I – A charge é uma crítica ao desastre ambiental ocorrido em 2015, mas é incoerente, uma vez que Minas não é um estado litorâneo.

II – A charge estabelece intertextualidade com o poema e também revela a impotência do cidadão frente aos acontecimentos do mundo.

III – A charge cita um trecho do poema, mas não se relaciona com ele, pois trata de um tema diferente.

É correto o que se afirma somente em:

- A) I.
- B) II.
- C) I e III.
- D) II e III.
- E) I e II.

Resolução desta questão na plataforma.

Unidade II

5 INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS HÍBRIDOS

Como já dissemos, os textos híbridos são aqueles que se valem de mais de um tipo de linguagem. Vamos começar com uma questão.

Exemplo de aplicação

Exemplo 1

Leia os quadrinhos a seguir:

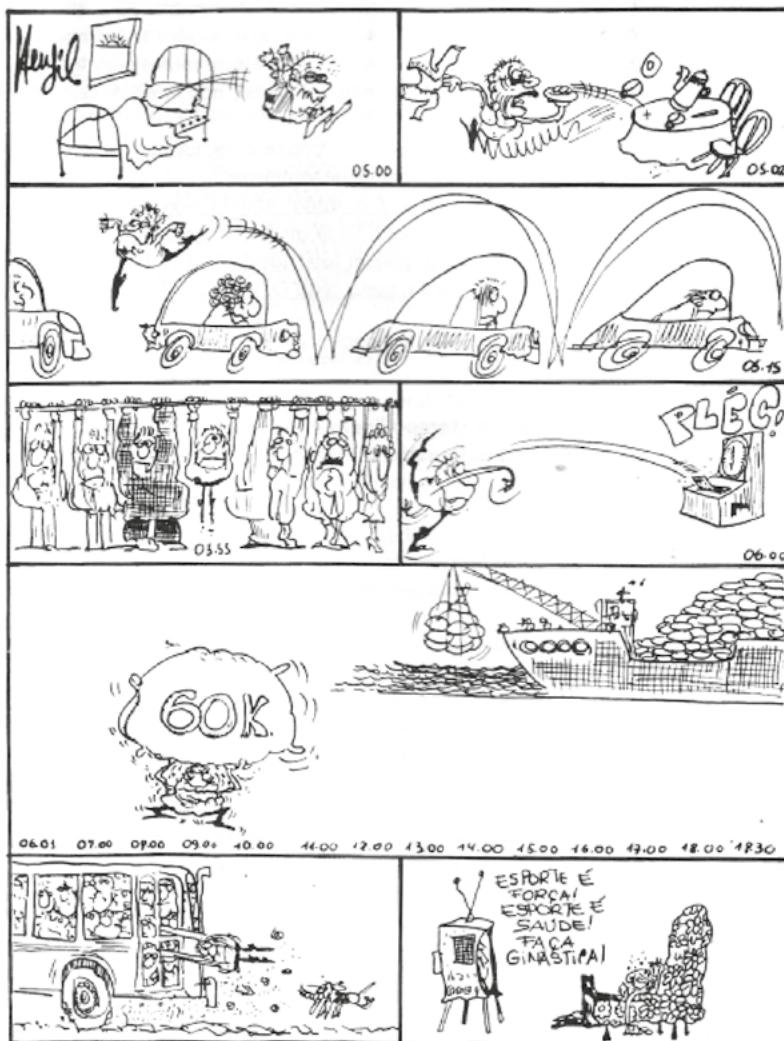


Figura 61

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

O objetivo do texto é:

- A) Criticar quem leva uma vida sedentária.
- B) Revelar que o trabalhador tem a televisão como seu único momento de lazer.
- C) Mostrar, ironicamente, que o trabalhador pratica, de forma involuntária, atividades físicas.
- D) Evidenciar que o trabalhador leva uma vida saudável porque faz ginástica.
- E) Comprovar que a pessoa fica mais ativa e disposta quando realiza atividades.

Vamos analisar os elementos. Nesse texto, os elementos não verbais interferem muito na interpretação.

Os quadrinhos mostram a rotina de um trabalhador, que literalmente salta da cama, passa correndo pela mesa do café da manhã, pula os carros no trânsito, fica pendurado na barra do ônibus, lança seu cartão no relógio de ponto, carrega peso, corre atrás do ônibus e, por fim, senta-se exausto na poltrona e ouve o locutor da televisão aconselhar a prática de esporte.

Dessa forma, com ironia, o texto mostra que o trabalhador praticou vários esportes durante seu dia. O estado final dele, derramado na poltrona, contrasta com a ideia de que o esporte traz força e saúde, conforme anunciado pelo locutor.

Assim, a alternativa correta é a C.

Exemplo 2

Veja a seguir:



Figura 62

Se fizermos uma leitura apenas da mensagem verbal, temos a declaração do personagem afirmando adorar os momentos em família. Sem a imagem, essa fala não tem necessariamente sentido irônico. A ironia só aparece quando percebemos que os personagens não estão vivendo, de fato, um momento em família, pois cada um está entretido com seu aparelho eletrônico. Mesmo a criança está com um controle de *video game* na mão.

Essa oposição entre a fala e a situação representada na imagem revela o objetivo do texto em criticar os hábitos e os comportamentos atuais, o que é também reforçado pelo título "Tempos modernos".



Lembrete

Nos textos híbridos, a integração entre o verbal e o não verbal é fundamental na construção do sentido. Quando se trata de interpretar um texto que utiliza mais de um tipo de linguagem, nossa atenção deve se voltar para a interação entre os elementos.

Nos quadrinhos a seguir, as expressões da personagem Mafalda são essenciais para se compreender o ponto de vista do enunciador. Nos três primeiros quadrinhos, vemos que ela se mostra contente com o desenrolar da fala de sua amiga Suzanita, que parece defender a emancipação feminina em relação às tarefas domésticas e a sua realização em outras profissões. No entanto, no último quadrinho, Mafalda se decepciona, pois a amiga só quer modernizar os meios utilizados, não a atuação doméstica da mulher. É justamente a reação dela que nos leva a ler os quadrinhos como uma crítica ao papel tradicional da mulher na sociedade patriarcal.



Figura 63

Outro exemplo do mesmo gênero textual é o apresentado a seguir:



Figura 64

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Para compreender o sentido desse texto, deve-se conhecer o uso da expressão "do tempo das cavernas", usada para se referir a algo muito arcaico, e o conceito de "caverna de Platão". Segundo o "mito da caverna", do filósofo Platão, os homens viviam em uma caverna sem conhecer a verdade de fato, apenas conheciam o mundo pelas suas sombras. Assim, quando o personagem Armandinho afirma que "vivemos na caverna de Platão", ele se refere ao fato de que não conhecemos a realidade, apenas imagens dela.



Saiba mais

Para saber mais sobre o mito da caverna, leia a unidade I do livro:

CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

Repare agora no anúncio de uma campanha publicitária contra as drogas:



Figura 65

Observe que a mensagem é construída apenas com uma palavra e uma imagem. O rosto rachado de um homem com semblante preocupado e a referência à droga constroem a ideia de que o crack quebra as pessoas. O fundo preto também é importante, pois metaforicamente remete à morte.

Observação

Nos textos híbridos, é comum que a compreensão da mensagem implícita só seja possível com a associação dos elementos verbais e não verbais.

Vejamos mais um exemplo do gênero publicitário. É possível apontar qual o produto anunciado?



Figura 66

As três imagens mostram um garoto em situação diversas, mas, em todas, ele tem a sua camiseta manchada por algo: bebida, bola e molho. Temos, assim, uma pista: as manchas. Elas indicam que o produto do anúncio é algo que vai resolver esse problema. Assim, identificamos que o anunciante é uma marca de sabão em pó, conhecida como a que "tira todas as manchas".

Devemos reparar, ainda, que, em cada imagem, existem dicas verbais, que orientam o leitor na identificação do produto anunciado.

!! Observação

Nos textos publicitários, particularmente, a interação entre verbal e não verbal é fundamental na construção da persuasão.

O anúncio a seguir foi criado por uma agência publicitária que se posicionou contra a lei da cidade limpa em São Paulo, que previa a proibição de *outdoors* na cidade. Observe que a mensagem em um *outdoor* acima de uma família sem teto indica que havia outras prioridades para a prefeitura. O ponto de interrogação na segunda aparição da palavra "vamos" provoca as autoridades para a discussão de questões sociais mais relevantes.

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS



Figura 67

Embora a fotografia seja normalmente um texto exclusivamente não verbal, encontramos aquelas em que o registro contempla também algo escrito. Nesses casos, a composição da mensagem depende da leitura conjunta dos elementos verbais e não verbais.

A foto jornalística a seguir, de uma questão da Fuvest (2015), tem justamente seu teor crítico construído pela contradição entre o que está escrito nos painéis e o uso do teto de vidro do ponto de ônibus pelo morador de rua.



Figura 68

Essa fotografia abria uma reportagem, que tinha o seguinte começo:

Sem-teto usa topo de pontos de ônibus em SP como cama

Às 9h desta segunda (17), ninguém dormia no ponto de ônibus da rua Augusta com a Caio Prado. Ninguém a não ser João Paulo Silva, 42, que chegava à oitava hora de sono em cima da parada de coletivos. "Eu sempre durmo em cima desses pontos novos. É gostoso. O teto tem um vidro e uma tela embaixo, então não dá medo de que quebre. É só colocar um cobertor embaixo, pra ficar menos duro, e ninguém te incomoda", disse Silva depois de acordar e descer da estrutura. No dia, entretanto, ele estava sem a coberta, "por causa do calor de matar". Por não ter trabalho em local fixo ("Cato lata, ajudo numa empresa de carroto. Faço o que dá"), ele varia o local de pouso. "Às vezes é aqui no centro, já dormi em Pinheiros e até em Santana. Mas é sempre nos pontos, porque eu não vou dormir na rua."

Fonte: Fuvest (2015).

Observação

A combinação entre linguagem verbal e não verbal é comum em vários gêneros textuais.

Outro tipo de texto híbrido muito comum nos dias de hoje são os memes, um gênero que cresceu com as redes sociais. Frequentemente, pegam-se imagens de personagens da TV ou do cinema ou, ainda, de celebridades e acrescentam-se frases. O apresentado a seguir é construído com base em uma frase comumente utilizada: "Só se vive uma vez". Normalmente, ela é dita para expressar que devemos aproveitar bem nossa vida, que é única. No meme, gênero que se caracteriza pelo humor, esse sentido é alterado, pois o complemento "já é demais" e a expressão do gato indicam que a vida não é nada boa.



Figura 69

6 INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS VERBAIS ESCRITOS

Agora, vamos nos dedicar a ler textos que usam como linguagem exclusivamente as palavras, ou seja, textos verbais.

6.1 Textos orais e escritos: diferenças entre fala e escrita

Um texto verbal pode ser falado ou escrito. Desde pequenos, estamos acostumados a nos expressar oralmente, e, por isso, a fala é mais natural ao ser humano. Basta imaginarmos que nem todas as sociedades têm ou tiveram escrita, mas todas fazem uso da língua oral.

Além disso, a conversa sempre se insere em um contexto já conhecido pelos interlocutores, o que faz com que as falas sejam menos precisas e menos referenciadas.

A escrita requer maior cuidado e preparação do que a fala, por esse motivo muitos falantes da língua dizem que sentem dificuldade em escrever. Sobre as principais diferenças entre a fala e a escrita, podemos apontar as citadas no quadro a seguir:

Quadro 3

Fala	Escrita
Possibilidade de reformulação a partir das reações do interlocutor	Sem acesso imediato às reações do interlocutor
Frases incompletas ou com termos soltos, sem função sintática	Preocupação com a organização sintática das orações e períodos
Menor preocupação com a escolha das palavras, sendo possível o uso de gírias, por exemplo, ou de palavras pouco precisas	Preocupação com a precisão e adequação vocabular
A entonação determina o ritmo das frases	Necessidade da pontuação correta

Millôr Fernandes, escritor e jornalista, brinca com as diferenças entre fala e escrita no texto apresentado a seguir:

A vaguidão específica

"As mulheres têm uma maneira de falar que eu chamo de vago-específica."

Richard Gehman

– Maria, ponha isso lá fora em qualquer parte.

– Junto com as outras?

– Não ponha junto com as outras, não. Senão pode vir alguém e querer fazer coisa com elas. Ponha no lugar do outro dia.

- Sim senhora. Olha, o homem está aí.
- Aquele de quando choveu?
- Não, o que a senhora foi lá e falou com ele no domingo.
- Que é que você disse a ele?
- Eu disse pra ele continuar.
- Ele já começou?
- Acho que já. Eu disse que podia principiar por onde quisesse.
- É bom?
- Mais ou menos. O outro parece mais capaz.
- Você trouxe tudo pra cima?
- Não senhora, só trouxe as coisas. O resto não trouxe porque a senhora recomendou para deixar até a véspera.
- Mas traga, traga. Na ocasião nós descemos tudo de novo. É melhor, senão atravanca a entrada e ele reclama como na outra noite.
- Está bem, vou ver como.

Fonte: Fernandes (s.d.).

Observe que há duas personagens conversando. Conseguimos entender que são patroa e empregada e que discutem alguma reforma na casa. Nós, como leitores, não entendemos muito mais do que isso da conversa. No entanto, a comunicação entre elas flui sem problemas. Isso nos mostra uma diferença essencial entre falar e escrever: a conversa é contextualizada e pode ser mais imprecisa, pois os interlocutores compartilham o referente. O texto escrito, por sua vez, deve ter autonomia, isto é, deve ser compreendido por qualquer leitor. Por isso, deve ser mais preciso e mais estruturado sintaticamente.

Em razão das diferenças entre fala e escrita, as pessoas normalmente tendem a compreender e a interpretar melhor as mensagens orais. Mesmo assim, todos nós já passamos por situações do tipo telefone sem fio, em que as informações são transmitidas de forma distorcida, ou porque não foram bem compreendidas, ou porque o novo enunciador não soube expressá-las corretamente.

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

O texto a seguir brinca com essa situação:

O cometa Halley e as pérolas da comunicação

Fato ocorrido em uma empresa com problemas de comunicação

De: Diretor-Presidente Para: Gerente

Na próxima sexta-feira, aproximadamente às 17 horas, o cometa Halley estará nesta área. Trata-se de um evento que ocorre a cada 78 anos. Assim, por favor, reúnam os funcionários no pátio da fábrica, usando capacete de segurança, quando eu explicarei o fenômeno a eles. Se estiver chovendo, não poderemos ver o raro espetáculo a olho nu, sendo assim, todos deverão se dirigir ao refeitório, onde será exibido o Documentário sobre o Cometa Halley.

De: Gerente Para: Supervisor

Por ordem do Diretor-Presidente, na sexta-feira às 17 horas, o cometa Halley vai aparecer sobre a fábrica, a olho nu. Se chover. Por favor, reúnam os funcionários, todos com capacete de segurança e os encaminhem ao refeitório, onde o raro fenômeno terá lugar, o que acontece a cada 78 anos.

De: Supervisor Para: Chefe de produção

A convite do nosso querido Diretor, o cientista Halley, 78 anos, vai aparecer nu às 17 horas no refeitório da Fábrica, usando capacete, pois vai ser apresentado um filme sobre o raro problema da chuva na segurança. O diretor levará a demonstração para o pátio da fábrica.

De: Chefe de produção Para: Mestre

Na sexta-feira às 17 horas, o Diretor, pela primeira vez em 78 anos, vai aparecer nu no refeitório da fábrica, para filmar o Halley, o cientista famoso e sua equipe. Todo mundo deve estar lá de capacete, pois vai ser apresentado um *show* sobre a segurança na chuva. O diretor levará a banda para o pátio da fábrica.

De: Mestre Para: Funcionários

Todo mundo nu, sem exceção, deve estar com os seguranças no pátio da fábrica na próxima sexta-feira, às 17 horas, pois o Sr. Diretor e o Sr. Halley, guitarrista famoso, estarão lá para mostrar o raro filme *Dançando na chuva*. Caso comece a chover mesmo, é para ir pro refeitório de capacete na mesma hora. O *show* ocorre a cada 78 anos.

Aviso geral

Na sexta-feira, o chefe da Diretoria vai fazer 78 anos e liberou geral pra festa às 17 horas, no refeitório. Vão estar lá, pago pelo manda-chuva, Bill Halley e seus cometas.

Todo mundo deve estar nu e de capacete, porque a banda é muito louca e o *rock* vai rolar até o pátio, mesmo com chuva.

Fonte: O Cometa... (s.d.).

Na sequência, vamos trabalhar a interpretação de textos escritos, de diferentes gêneros.

6.2 Interpretação de textos argumentativos, opinativos e expositivos

Os textos argumentativos, opinativos e expositivos têm como característica a natureza predominantemente temática, pois neles são trabalhadas ideias e conceitos. Certamente, você já produziu dissertações argumentativas em processos seletivos. O Enem, por exemplo, solicita aos candidatos que discorram sobre determinado tema, assumindo um ponto de vista.

Embora argumentar e opinar sejam comumente tomados como sinônimos, há diferença entre eles. Opinião não necessita de comprovação ou embasamento. Se alguém afirma, por exemplo, que doce de banana é melhor que de goiaba, trata-se de uma opinião, não precisa ser justificada. Por sua vez, se a pessoa defende a legalização do aborto, por exemplo, é necessário que ela apresente referências, informações e dados que sustentem o posicionamento, ou seja, é necessário que ela argumente. Deve-se atentar para o fato de que "um argumento não é necessariamente uma prova de verdade. Trata-se, acima de tudo, de um recurso de natureza linguística destinado a levar o interlocutor a aceitar os pontos de vista daquele que fala" (FIORIN; PLATÃO, 1999, p. 279).



Observação

É possível, ainda, que um texto seja predominantemente expositivo, isto é, que ele discorra sobre determinado tema sem defender um ponto de vista sobre ele.

São vários os gêneros textuais construídos visando à defesa de um posicionamento, com natureza mais argumentativa ou mais opinativa, e os que se propõem a expor aspectos de um tema.

Podemos ver essa estrutura em um jornal, quando lemos um artigo de opinião ou o editorial, por exemplo. Podemos vê-la também em anúncios publicitários, em textos acadêmicos, como uma monografia ou uma tese de doutorado.



Observação

Os verbos persuadir e convencer são normalmente usados como sinônimos. No entanto, persuadir significa induzir alguém a agir de determinada forma, e convencer diz respeito a fazer com que alguém aceite, de fato, determinado ponto de vista por meio de argumentos racionais. Em alguns textos, como nos

publicitários, por exemplo, o teor persuasivo é muito forte. O consumidor é levado a realizar a compra de determinado produto sem estar necessariamente convencido de seus benefícios e promessas.

6.2.1 Artigos de opinião

O artigo de opinião, normalmente publicado em jornais e revistas, expressa o ponto de vista do autor sobre determinado tema. Trata-se de um gênero textual que se caracteriza pelo forte teor de persuasão ou de convencimento e que, para firmar a validade do ponto de vista, utiliza recursos retóricos e vários tipos de argumentos.



Recursos retóricos são formas de construir o discurso de modo que ele seja mais persuasivo.

Quando lemos um artigo de opinião, devemos, em primeiro lugar, identificar o tema que ele aborda e o posicionamento do autor em relação a ele. Em alguns casos, o título fornece pistas sobre o tema e sobre o ponto de vista do autor.



Título e tema referem-se a elementos diferentes. Tema é sobre o assunto que o texto aborda. Título é a frase que abre o texto e, normalmente, tem o objetivo de atrair o leitor.

Vamos ler um artigo de opinião.

O direito à tristeza

As crianças têm dois deveres. Um, salutar, é o dever de crescer e parar de ser crianças. O outro, mais complicado, é o de ser felizes, ou melhor, de encenar a felicidade para os adultos.

Esses dois deveres são um pouco contraditórios, pois, crescendo e saindo da infância, a gente descobre, por exemplo, que os picolés não são de graça. Portanto, torna-se mais difícil saltitar sorrindo pelos parques à espera de que a máquina fotográfica do papai imortalize o momento. Em suma, se obedeço ao dever de crescer, desobedeço ao dever de ser feliz.

A descoberta dessa contradição pode levar uma criança a desistir de crescer. E pode fazer a tristeza (às vezes o desespero) de outra criança, incomodada pela tarefa de ser, para a família inteira, a representante da felicidade que os adultos perderam (por serem adultos, porque a vida é dura, porque doem as costas, porque o casamento é tenso, porque não sabemos direito o que desejamos).

A ideia da infância como um tempo específico, bem distinto da vida adulta, sem as atrapalhações dos desejos sexuais, sem os apertos da necessidade de ganhar a vida, é recente. Tem pouco mais de 200 anos. Idealizar a infância como tempo feliz é uma peça central do sentimento e da ideologia da modernidade.

É crucial lembrar-se disso na hora em que somos convidados a espreitar índices e sinais de depressão nas nossas crianças.

O convite é irresistível, pois a criança deprimida contraria nossa vontade de vê-la feliz. Um menino ou uma menina tristes nos privam de um espetáculo ao qual achamos que temos direito: o espetáculo da felicidade à qual aspiramos, da qual somos frustrados e que sobra para as crianças como uma tarefa. "Meu filho, minha filha, seja feliz por mim."

É só escutar os adultos falando de suas crianças tristes para constatar que a vida da criança é sistematicamente desconhecida por aqueles que parecem se preocupar com a felicidade do rebento. "Como pode, com tudo que fazemos e fizemos por ela?" ou "Como pode, ele que não tem preocupação nenhuma, ele que é criança?". A criança triste é uma espécie de desertor; abandonou seu lugar na peça da vida dos adultos, tirou sua fantasia de palhaço.

Conselho aos adultos (pais, terapeutas etc.): quando uma criança parece estar deprimida, o mais urgente não é reconhecer os "sinais" de uma doença e inventar jeitos de lhe devolver uma caricatura de sorriso. O mais urgente, para seu bem, é reconhecer que uma criança tem o DIREITO de estar triste, porque ela não é apenas um boneco cuja euforia deve nos consolar das perdas e danos de nossa existência; ela tem vida própria.

Mais uma observação para evitar a precipitação. Aparentemente, nas últimas décadas, a depressão se tornou uma doença muito comum. Será que somos mais tristes que nossos pais e antepassados próximos? Acredito que não. As más línguas dizem que a depressão foi promovida como doença pelas indústrias farmacêuticas, quando encontraram um remédio que podiam comercializar para "curá-la". Mas isso seria o de menos. É mais importante notar que a depressão se tornou uma doença tão relevante (pelo número de doentes e pela gravidade do sofrimento) porque ela é um pecado contra o espírito do tempo. Quem se deprime não pega peixes e ainda menos sobe no bonde andando.

Será que vamos conseguir transformar também a tristeza infantil num pecado?

Claro que sim. Aliás, amanhã, quando seu filho voltar da escola, além de verificar se ele não está com frieiras, veja também se ele não pegou uma deprê. E, se for o caso, dê um castigo, pois, afinal, como é que ele ousa fazer cara feia quando acabamos de lhe comprar um *gameboy*? Ora! E, se o castigo não bastar, pílulas e terapia nele. Qualquer coisa para evitar de admitir que a infância não é nenhum paraíso.

Fonte: Calligaris (2016).

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Em primeiro lugar, temos o título (O direito à tristeza), que já nos indica qual o assunto a ser tratado. Se soubermos quem é o autor, também teremos mais indícios do conteúdo do texto. No caso, Contardo Calligaris é psicanalista e escritor e publica textos com regularidade na imprensa brasileira. Essa informação ajuda, mas não é imprescindível para a interpretação do artigo.

Você identificou o tema do texto? Ele discorre sobre a tristeza, particularmente na infância. O autor inicia o texto apresentando dois deveres um pouco contraditórios das crianças: crescer e permanecer feliz. Na sequência, ele explica por que considera contraditórias essas expectativas em relação à infância, valendo-se de conhecimentos de sua área do saber. Ele argumenta que os adultos projetam nas crianças seu desejo de serem felizes e idealizam a infância como um período da vida em que não existem os problemas que assolam o mundo adulto. De acordo com seu raciocínio, nós, adultos, precisamos que as crianças pareçam felizes para satisfazer a nossa necessidade de felicidade.

No oitavo parágrafo, o autor formula sua tese, isto é, o que ele defende no texto: "O mais urgente, para seu bem, é reconhecer que uma criança tem o DIREITO de estar triste, porque ela não é apenas um boneco cuja euforia deve nos consolar das perdas e danos de nossa existência; ela tem vida própria" (CALLIGARIS, 2016).

Observação

Quando somos convidados a identificar a ideia central de um texto, não precisamos, necessariamente, reproduzir um trecho dele. Podemos compreender seu sentido e apresentá-la com nossa formulação.

Na sequência, Calligaris aborda a questão da depressão, doença que tem crescido muito e atinge, inclusive, crianças. O autor mostra uma visão crítica do problema ao comentar que se trata de uma doença relevante porque contraria o espírito da produtividade dos tempos atuais.

O parágrafo final é marcado pela ironia, construída pela equiparação entre a "deprê" que se pega na escola e as frierias. O autor termina ridicularizando atitudes (repressoras ou "curadoras") para impedir a tristeza infantil.

Concordar ou não, total ou parcialmente, com o ponto de vista de Calligaris depende da nossa formação, do nosso repertório, mas, para dialogarmos com o texto, temos de, primeiramente, interpretar bem o que ele diz. É muito comum, hoje, as pessoas contestarem o que leem sem terem, de fato, sequer compreendido a ideia central do texto. Devemos ter cuidado com isso. O primeiro passo é entender corretamente; o segundo é refletir; e o terceiro é concordar ou não, apresentando embasamento para isso.

Vamos ler mais um artigo, escrito após a divulgação de um processo de "facilitação" de obras literárias, ou seja, a alteração da linguagem de alguns livros para torná-los mais acessíveis especialmente ao público jovem.

Simples assim

Já pensou se vira moda essa história de dar uma guaribada no Machado de Assis para "facilitar" a leitura? A ideia, se bem entendi, é preparar o jovem leitor, esse burrinho, para um contato mais adiante, com os textos originais. Em vez de batalhar para elevá-lo, desde já às culminâncias da prosa machadiana, sem paternalismo, vamos puxar o Machado para baixo, expurgando tudo aquilo que não dê para entender logo de cara, o que, de quebra, dispensaria pais e mestres de muito esforço pedagógico.

Eliminar, para começo de conversa, aquelas palavras difíceis que o Machado insistia em usar. Opróbio. Incúria. Inextricável. Ritmos, sonoridades, sutilezas? Vamos ao que interessa, pô. Porque tem isto: o cara não vai direto ao ponto. Você custa a entender o que de fato se passou. Aquele lance da tal da Capitu no *Dom Casmurro*: até hoje ninguém sabe ao certo se a criatura traiu ou não o marido, Bentinho, com o melhor amigo dele, o Escobar. Faltou esclarecer sem blá-blá-blá: a Capitu botou ou não chifre no Bentinho?

Fico a imaginar se o Machado de Assis não resultou um escritor pouco direto exatamente por lhe ter faltado, nos anos de formação, alguém que houvesse adaptado os livros que ele lia. Um Shakespeare simplificado, por exemplo, teria sido uma boa escola para o nosso Machado, moço mulato e pobre na então provinciana cidade do Rio de Janeiro. Aos poucos, num paciente aprendizado, ele poderia ter subido às culminâncias da arte do vate (isto é, poeta) inglês.

Faltou quem lhe ensinasse, entre outras manhas, que convêm os capítulos de um romance terem mais ou menos o mesmo tamanho. Dê uma espiada e veja se estou exagerando: nos livros do Machado tem capítulos de pouquíssimas linhas, com tudo o que isso significa, inclusive de desperdício de papel, uma folha inteira utilizada para conter umas poucas palavras. Além de enrolado, o escritor não aprendeu a otimizar o suporte, enchendo a folha inteira, usando-a, por exemplo, para deixar claro – permita insistir no assunto – se a Capitu corneou ou não o Bentinho.

Se fosse só o *Dom Casmurro*... Veja o caso daquele conto *Uns Braços*, tido, por alguma razão, como uns dos melhores do Machado de Assis. Apresentado, inclusive, como obra prima da narrativa erótica. No entanto, meus amigos, a gente sabe que, naquela história, não acontece nada de concreto. Cadê os fatos? Erotismo zero! Proponho aqui uma adaptação que, até para rimar, acrescente a *Uns Braços* um pouco de ação – mas ação que faça sentido para o jovem leitor de hoje em dia. Não estou sugerindo que se mude a coisa para "Umas coxas", mas, pelo amor de Deus, injetem ali um pouco de erotismo moderno.

Estou falando do Machado de Assis porque foi uma adaptação de um texto dele, *O alienista*, que provocou toda essa celeuma (= discussão acalorada ou apaixonada). Admito que não li esse Machado facilitado. Falha grave, estar aqui a escrever sobre algo que não li. Dá para perceber, em todo caso, que não se fez ali um trabalho completo. Sinal disso é terem mantido o título da história do médico surtado que internou no hospício a população inteira da cidade. Qual jovem de hoje, me digam, sabe dizer o que é "alienista"? Não reclamem se a

tigrada empacar já no título. Por que não, em vez de *O alienista*, "O médico especialista em doenças mentais"? Ou estão querendo que essa moçada vá ao dicionário?

Estou falando do Machado, retomo, mas poderia falar de muitos outros monstros sagrados de nossa literatura. O Guimarães Rosa, por exemplo, cujo badalado *Grande sertão: veredas* é um cipoal (palavra aqui usada em sentido figurado, quer dizer, não literal) de palavreado incompreensível, muitas vezes inventado! Começa assim: "Nonada". Nonada, gente! Por que não botar "ninharia", "insignificância"? Depois, aquelas centenas de páginas para só lá no final contar que o Riobaldo se apaixonou por outro jagunço, o Diadorim. Pelo menos fica esclarecido que não foi paixão de homem por homem, o que seria péssimo exemplo para nossa juventude. Diadorim era mulher disfarçada de homem. Menos mal. Agora, cá pra nós – fica o toque para quando forem depenar o Rosa – precisava mesmo de tantas páginas para desembuchar a história de um jagunço travesti?

Fonte: Werneck (2014).

Esse texto vale-se de uma estratégia argumentativa eficiente, mas arriscada, pois exige a correta interpretação do leitor: a ironia. O artigo é totalmente irônico do começo ao fim. Se o leitor não perceber isso, pode considerar absurdas algumas afirmações. Devemos ressaltar que o reforço do absurdo é justamente uma das marcas mais significativas da ironia nesse texto.

O autor, escritor e jornalista, mostra-se contrário à simplificação de textos literários, como fizeram com *O alienista*, de Machado de Assis. Isso ficou claro? Compreender a ironia implica entender ao contrário muitos enunciados. Assim, a tese de Werneck é a de que os alunos devem ser preparados na escola para serem capazes de ler adequadamente os grandes mestres da nossa literatura, percebendo as sutilezas e as complexidades no uso da linguagem, no enredo e na construção dos personagens. A falta de preparo dos estudantes, para o autor, não é motivo para simplificar um texto literário.

6.2.2 Artigos científico-acadêmicos

Vamos iniciar com uma questão.

Exemplo de aplicação

Leia o trecho a seguir:

Como toda descoberta científica exige que o pesquisador suspenda seus preconceitos, ela comporta riscos éticos. Mas a ciência não produz automaticamente efeitos nocivos no plano ético. A aplicação da ciência ao mundo prático nunca é mecânica ou automática. Ela depende das escolhas humanas. Os chineses conheciam a pólvora havia séculos – mas só a usavam para fogos de artifício – quando os ocidentais passaram a empregá-la nas armas. Quantas outras invenções não dormitam, assim, simplesmente porque alguns de seus potenciais ainda não foram desenvolvidos? Só uma sociedade ansiosa por se expandir – que mais tarde se chamará capitalista – conseguirá extrair o máximo de cada invento, e puxando-o para o lado predatório. Em suma: a ciência, sozinha, não substitui as escolhas éticas – nem políticas.

Fonte: Ribeiro (2002).

Unidade II

Com base na leitura, analise as afirmativas.

I – As descobertas científicas são desvinculadas de escolhas políticas, uma vez que cabe ao cientista realizar pesquisas para o bem da humanidade.

II – O cientista não pode ser preconceituoso nem se pautar por limitações éticas, sob o risco de não prosseguir com suas pesquisas.

III – O desenvolvimento científico e a valorização de determinadas descobertas estão atrelados ao desenvolvimento político e econômico da sociedade.

IV – O capitalismo, em razão do seu caráter expansionista, permitiu o pleno desenvolvimento ético da ciência.

De acordo com o texto, está correto o que se afirma somente em:

- A) I, II e III.
- B) II e III.
- C) II, III e IV.
- D) I e IV.
- E) III.

Observe, primeiramente, que esse texto, em relação aos já apresentados, vale-se de uma forma de expressão mais hermética, com vocabulário mais específico e construções sintáticas menos diretas. Normalmente os textos acadêmicos, das diversas áreas de saber, são construídos dessa forma. Isso explica por que, em muitos casos, a leitura deles exige mais concentração. Repare que a precisão conceitual é algo muito importante, e precisamos estar bem atentos à forma correta de nomear as ideias e os princípios.

Vamos analisar as afirmativas. A primeira coloca que a ciência independe de escolhas políticas, e isso é refutado pelo texto. O autor evidencia a relação entre ciência e política, citando a aplicação das descobertas no mundo prático. Assim, trata-se de uma afirmativa incorreta.

O autor postula também que o cientista deve se livrar de seus preconceitos, mas não que ele não deva ter limites éticos. Assim, a segunda afirmativa também é incorreta.

Ao citar o caso da pólvora, o autor comprova como as descobertas são ou não valorizadas de acordo com a sua utilidade. Assim, a terceira afirmativa é correta.

Em relação ao capitalismo, o autor coloca que esse sistema busca extrair o máximo de cada descoberta, explorando também seu lado predatório, ou seja, prejudicial. Assim, a quarta alternativa é incorreta. Dessa forma, devemos assinalar a alternativa E.

Vamos agora ler um trecho do texto *O direito à literatura*, de Antonio Cândido, crítico literário e um dos maiores intelectuais brasileiros.

O direito à literatura

E aí entra o problema dos que lutam para que isso aconteça, ou seja: entra o problema dos direitos humanos. Por quê? Porque pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo. Esta me parece a essência do problema, inclusive no plano estritamente individual, pois é necessário um grande esforço de educação e autoeducação a fim de reconhecermos sinceramente este postulado. Na verdade, a tendência mais funda é achar que os nossos direitos são mais urgentes que os do próximo. Nesse ponto, as pessoas são frequentemente vítimas de uma curiosa obnubilação. Elas afirmam que o próximo tem direito, sem dúvida, a certos bens fundamentais, como casa, comida, instrução, saúde –, coisas que ninguém bem formado admite hoje em dia que sejam privilégio de minorias, como são no Brasil. Mas será que pensam que seu semelhante pobre teria direito a ler Dostoevski ou ouvir os quartetos de Beethoven? Apesar das boas intenções no outro setor, talvez isto não lhes passe pela cabeça. E não por mal, mas somente porque quando arrolam os seus direitos não estendem todos eles ao semelhante. Ora, o esforço para incluir o semelhante no mesmo elenco de bens que reivindicamos está na base da reflexão sobre os direitos humanos.

Fonte: Cândido (2011, p. 172).

O título do texto nos fornece uma informação importante para chegarmos à tese do trecho lido. O professor e crítico Antonio Cândido discute a relação entre literatura e direitos humanos. Ele afirma que muitas pessoas consideram indiscutível que todos tenham direito a comida e moradia, por exemplo, mas poucos consideram que a literatura e outras formas de arte estejam entre esses direitos. Embora essas pessoas usufruam das manifestações artísticas, elas não estendem esse direito aos menos privilegiados.



É provável que, em leituras de textos acadêmicos, encontremos palavras cujo significado desconhecemos. Em alguns casos, é possível imaginar o sentido pela frase e pela ideia do texto, mas é sempre bom consultar o dicionário. É uma forma de enriquecer seu vocabulário.

Vamos ler outro trecho e tentar identificar as ideias principais. Trata-se de um excerto do filósofo contemporâneo Pierre Lévy.

Cibercultura

Nos textos que anunciam colóquios, nos resumos dos estudos oficiais ou nos artigos da imprensa sobre o desenvolvimento da multimídia, fala-se muitas vezes no "impacto" das novas tecnologias da informação sobre a sociedade ou a cultura. A tecnologia seria algo comparável a um projétil (pedra, obus, míssil?) e a cultura ou a sociedade a um alvo vivo... Esta metáfora bélica é criticável em vários sentidos. A questão não é tanto avaliar a pertinência estilística de uma figura de retórica, mas sim esclarecer o esquema de leitura dos fenômenos – a meu ver, inadequado – que a metáfora do impacto nos revela.

As técnicas viriam de outro planeta, do mundo das máquinas, frio, sem emoção, estranho a toda significação e qualquer valor humano, como uma certa tradição de pensamento tende a sugerir? Parece-me, pelo contrário, que não somente as técnicas são imaginadas, fabricadas e reinterpretadas durante seu uso pelos homens, como também é o próprio uso intensivo de ferramentas que constitui a humanidade enquanto tal (com a linguagem e as instituições sociais complexas). É o mesmo homem que fala, enterra seus mortos e talha o sílex. Propagando-se até nós, o fogo de Prometeu cozinha os alimentos, endurece a argila, funde os metais, alimenta a máquina a vapor, corre nos cabos de alta tensão, queima nas centrais nucleares, explode nas armas e engenhos de destruição. Com a arquitetura que o abriga, reúne e inscreve sobre a Terra; com a roda e a navegação que abriram seus horizontes; com a escrita, o telefone e o cinema que o infiltram de signos; com o texto e o têxtil que, entretecendo a variedade das matérias, das cores e dos sentidos, desenrolam ao infinito as superfícies onduladas, luxuosamente redobradas, de suas intrigas, seus tecidos e seus véus, o mundo humano é, ao mesmo tempo, técnico.

Seria a tecnologia um ator autônomo, separado da sociedade e da cultura, que seriam apenas entidades passivas percutidas por um agente exterior? Defendo, ao contrário, que a técnica é um ângulo de análise dos sistemas sociotécnicos globais, um ponto de vista que enfatiza a parte material e artificial dos fenômenos humanos, e não uma entidade real, que existiria independentemente do resto, que teria efeitos distintos e agiria por vontade própria. As atividades humanas abrangem, de maneira indissolúvel, interações entre: pessoas vivas e pensantes, entidades materiais naturais e artificiais, ideias e representações.

É impossível separar o humano de seu ambiente material, assim como dos signos e das imagens por meio dos quais ele atribui sentido à vida e ao mundo. Da mesma forma, não podemos separar o mundo material – e menos ainda sua parte artificial – das ideias por meio das quais os objetos técnicos são concebidos e utilizados, nem dos humanos que os inventam, produzem e utilizam. Acrescentemos, enfim, que as imagens, as palavras, as construções de linguagem entranham-se nas almas humanas, fornecem meios e razões de viver aos homens e suas instituições, são recicladas por grupos organizados e instrumentalizados, como também por circuitos de comunicação e memórias artificiais.

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Mesmo supondo que realmente existam três entidades – técnica, cultura e sociedade –, em vez de enfatizar o impacto das tecnologias, poderíamos igualmente pensar que as tecnologias são produtos de uma sociedade e de uma cultura. Mas a distinção traçada entre cultura (a dinâmica das representações), sociedade (as pessoas, seus laços, suas trocas, suas relações de força) e técnica (artefatos eficazes) só pode ser conceitual. Não há nenhum ator, nenhuma “causa” realmente independente que corresponda a ela.

Fonte: Lévy (1999).

Sempre é bom, em qualquer leitura, reparar na fonte, isto é, de onde o texto foi extraído. No caso, observe que se trata de um trecho do livro *Cibercultura*, de um dos principais pensadores contemporâneos.

O assunto abordado fica explicitado no primeiro parágrafo: as tecnologias contemporâneas de comunicação e informação. No início, o autor já aponta o que será o cerne de seu texto: a crítica à visão que considera a tecnologia como algo externo e independente da sociedade e da cultura. Ele afirma que a metáfora bélica presente na expressão “impacto das tecnologias” indica que se vê a tecnologia como algo alheio ao humano e ao social.

Sua tese aparece formulada no terceiro parágrafo:

Defendo, ao contrário, que a técnica é um ângulo de análise dos sistemas sociotécnicos globais, um ponto de vista que enfatiza a parte material e artificial dos fenômenos humanos, e não uma entidade real, que existiria independentemente do resto, que teria efeitos distintos e agiria por vontade própria (LÉVY, 1999).

Assim, o autor afirma que as tecnologias são produto de uma sociedade e de uma cultura e que a distinção de três entidades (técnica, cultura e sociedade) é artificial e não corresponde à realidade.

6.3 Interpretação de textos literários e não literários

Não é objetivo deste material discutir o que torna um texto literário ou não. Essa discussão provoca várias polêmicas no meio dos estudos acadêmicos e não vamos abordar aqui os pontos de concordância e divergência entre autores.

No entanto, todos temos noção de que existem textos que recebem a classificação de “literários”. No senso comum, o que definiria a literatura seria o seu caráter ficcional. Contudo, temos obras literárias baseadas na história ou em acontecimentos verídicos, ao mesmo tempo que temos histórias imaginadas que não são narradas de forma literária.

Paul Valéry, escritor e teórico francês, aponta como diferença essencial entre o texto literário e os demais textos o fato de o literário não poder ser resumido sem perder sua essência, pois a forma tem tanta relevância quanto o conteúdo. Assim, por exemplo, os estudantes que apenas leem os resumos das obras literárias, como *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, nada apreendem de seu

valor literário, pois consideram apenas o enredo e suas personagens. Obviamente, o texto jornalístico, assim como outros tipos de textos, não tem essa característica. Se resumirmos uma notícia ou uma reportagem, teremos o seu essencial.

Assim, a linguagem, explorada em sua dimensão expressiva e estética, é apontada como fator determinante da literariedade de um texto.

Outra característica da obra literária é que ela não é lida, em geral, com um objetivo pragmático. Quando lemos um texto jornalístico, estamos interessados em informações. Quando lemos um conto ou um romance, buscamos o prazer da leitura e a compreensão de aspectos da nossa vida por meio da narrativa. Segundo Antonio Cândido (2011), a literatura cumpre a função de humanização, de "fazer viver", de desenvolver o imaginário, a fantasia, a reflexão e o pensamento.

Em razão dessas características, um texto literário pressupõe várias interpretações e, assim, para que seja possível a fruição do objeto estético, é aconselhável que se façam várias leituras, pois, na primeira, tendemos a perceber apenas aquilo que está na superficialidade do texto.



Observação

Entre as características da linguagem literária, estão: a expressividade, o uso de conotação e a exploração de outros recursos sonoros, semânticos, sintáticos e morfológicos que definem a presença da função poética da linguagem.



Saiba mais

Para compreender melhor as características de um texto literário, leia:

PROENÇA FILHO, D. A *linguagem literária*. São Paulo: Ática, 1995.
(Série Princípios).

6.3.1 Textos jornalísticos: notícias e reportagens

Embora o texto jornalístico tenda a ser visto pelo leitor mediano como a representação da verdade, ele apresenta uma construção da realidade, uma vez que, como vimos, a linguagem é subjetiva e há sempre várias formas de contar um fato.

Para ilustrar essa ideia, vamos ler o texto a seguir, que, de modo bem humorado, mostra como a conhecida história da Chapeuzinho Vermelho seria narrada nos diferentes meios de comunicação.

A Chapeuzinho Vermelho na mídia

Jornal Nacional

(Willian Bonner) – Boa noite! Uma menina de sete anos foi devorada por um lobo na noite de ontem.

(Patrícia Poeta) – Mas, graças à atuação de um caçador, não houve uma tragédia.

Globo Repórter

(Sérgio Chapelin) – Tara? Fetiche? Violência?

O que leva alguém a comer, na mesma noite, uma idosa e uma adolescente?

O Globo Repórter conversou com psicólogos, antropólogos e com os amigos e parentes do Lobo em busca da resposta. Vamos viajar pela mente do psicopata.

E uma revelação: casos semelhantes acontecem dentro dos próprios lares das vítimas, que se silenciam por medo. Hoje, no Globo Repórter..."

Fantástico

(Glória Maria) – Que gracinha, gente, mas vocês não vão acreditar! Essa menina linda, aqui, foi retirada viva da barriga de um lobo. Não foi mesmo? – pergunta, acariciando a Chapeuzinho Vermelho.

Mais Você

(Ana Maria Braga) – Ha, ha, ha! Lembra aquela Chapeuzinho? É aquela mesma que fazia piqueniques na floresta com a avó? Pois é. Não é que a menina foi parar dentro da barriga de um lobo!?

(Louro José) – Ainda bem que o lobo prefere comer gente do que passarinho!

(Ana Maria) – Ha, ha, ha!

Big Brother

(Pedro Bial) – Fala, meu Lobo! Quem você vai eliminar hoje?

(Lobo) – Hoje eu vou eliminar a Chapeuzinho Vermelho, porque ela tá de complô com o Lenhador, que eu acho, ao meu ver, que estão ao nível de me eliminar e isso não está fazendo bem para o ambiente da casa.

Jornal da Noite

(Boris Casoy) – Vejam a que ponto chegamos. Chapeuzinho Vermelho, uma menina com cerca de 12 anos, foi retirada viva da barriga de um lobo que invadiu a casa de sua avó e a matou. Um caçador viu tudo e também matou o lobo. Aonde essa onda de violência vai nos levar? Quando lobos começam a comer pessoas dentro de suas casas, o governo federal precisa tomar providências. Lobo comendo gente é uma vergonha!

Brasil Urgente

(Luiz Datena) – Onde é que a gente vai parar? Cadê as autoridades? Cadê as autoridades? A menina ia para a casa da sua vovozinha a pé... – Não tem transporte público! Não tem transporte público! – ... foi devorada viva! Por um lobo, gente, um lobo safado! Põe na tela, porque eu falo mesmo! Não tenho medo de ameaça nem de lobo morto! Não tenho medo de lobo, não!

Gil Gomes

Esta meninaaaa.... Esta poobore meninaaa... Estava caminhando sozinha à casa da vovozinha... Quando, de repente..... De repente... Um looooo... um grande loboo apareceu, e ele a devorou, sim ele devorou a menininha, a pobreee da menininhaaa. E aqui... Aqui na tela, um caçador. Um caçador de mira certeira e sangue frio. Direto da sessenta e nove DP, a Cristina conta como foi. Na tela!

Superpop

Chapeuzinho é convidada para desfilar no programa só de lingerie vermelha.

(Luciana Gimenez) – Nossa, que corpo, hein garota? Muito bonita mesmo até eu no lugar do Lobo não iria deixar escapar essa menina!!

Programa do João Kleber

Você não vai acreditar! Você não vai acreditar! Pela primeira vez na televisão... Você não vai acreditar! É uma história. É uma história de arrepia! Não vou contar mais nada. Você precisa ver para acreditar. Eu não vou contar. Você não vai acreditar! Só vou contar que tem uma menina. Não vou dizer mais nada. Só que tem um lobo... Não vou contar mais nada. Se você não assistir eu não vou contar. Você quer saber? Você quer saber? Você quer saber como termina essa história? São cenas que você nunca viu. Tem uma menina e tem um lobo. Mas também tem um caçador. Você nunca viu. Se você não assistir você não vai acreditar. Eu não consegui. Eu não consegui ver até o final. O final é inacreditável. É inacreditável o final. E é tudo verdade. Você nunca viu. É verdade e você não vai acreditar. Quer saber como termina essa história? Depois dos comerciais...

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

O Aprendiz

(Roberto Justus) – Chapeuzinho, o que você foi fazer na casa da vovozinha?

(Chapeuzinho) – Fui levar uns doces para ela.

(Justus) – De graça? Mas você não tinha um planejamento para isso? Achou que era o marketing mais correto? Qual seria o retorno? Que tipo de postura teve seu líder? Que providências você tomaria?

Rádio CBN

Segundo fontes oficiais e agências internacionais, uma menina vestida de vermelho foi retirada viva da barriga de um lobo por um caçador. O lobo ainda teria aniquilado a avó da menina. Mais informações daqui a meia hora.

Rádio Cidade FM

O trânsito flui sem problemas na cidade com alguns pontos de retenção que devem ser evitados.

Jornal O Globo

Petrobrás apoia ONG do lenhador ligado ao PT que matou um lobo pra salvar menor de idade carente.

Jornal Folha de São Paulo

Manchete: Lobo que devorou menina era do MST

Legenda da foto da reportagem: Chapeuzinho, à direita, aperta a mão de seu salvador.

Na reportagem, box com um zoólogo explicando os hábitos alimentares dos lobos e um imenso quadro infográfico mostrando como Chapeuzinho Vermelho foi devorada e, depois, salva pelo lenhador.

Jornal O Estado de São Paulo

Chamada de capa para a reportagem: Lobo que devorou Chapeuzinho seria filiado ao PT.

Jornal Notícias Populares (extinto)

Chamada de capa para a reportagem: Sangue e tragédia na casa da vovó.

Jornal Correio Braziliense

Chamada de capa para a reportagem: Petistas atacam vovozinha e tentam agarrar a netinha.

Numa passagem do texto, referindo-se a Chapeuzinho Vermelho e a sua avó, lê-se: "Graças à atuação do Governador Roriz, ambas estão bem e recebem pão, leite e cesta básica...."

Jornal The New York Times

Tem coisas que só acontecem no Brasil. Uma menina órfã, de nome desconhecido, chamada apenas por Chapeuzinho Vermelho percorria as selvas do Pará, que são infestadas por lobos, excluídos de seu habitat natural pela selvagem depredação da floresta tropical. Numa área onde o governo não atua, Chapeuzinho teve quase o mesmo destino da missionária americana Dorothy. Enquanto esta foi assassinada por posseiros de terras, a avó de Chapeuzinho foi morta por um dos lobos, que depois devorou a menina. Por acaso, um caçador, provavelmente índio da região e desamparado pela Funai, sem ter o que comer, invadiu a casa da avó e matou o lobo. Enquanto preparava sua primeira refeição da semana, para sua surpresa, encontrou Chapeuzinho Vermelho ainda viva dentro da barriga do lobo. Como se pode ver, há uma ausência total de políticas ambientais do governo brasileiro, permitindo que situações como essas aconteçam com frequência no Brasil.

Jornal Zero Hora

Avó de Chapeuzinho nasceu no Rio Grande do Sul.

Jornal Agora

Sangue e tragédia na casa da vovó.

Jornal do Brasil (extinto)

Chamada de capa para a reportagem: Floresta: garota é atacada por lobo.

Na reportagem propriamente dita, o leitor não fica sabendo onde, nem quando, nem mais detalhes a respeito do fato.

Jornal O Dia

Lenhador desempregado tem dia de herói.

Jornal Extra

Promoção do mês: junte 20 selos, mais R\$19,90 e troque por uma capa vermelha igual à da Chapeuzinho!

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Jornal Meia Hora

Lenhador passou o rodo e mandou lobo pedófilo pro saco!

Jornal Diário Gaúcho

Sangue e tragédia no barraco da vovó.

Revista IstoÉ

Chamada de capa para a reportagem: Gravações revelam que lobo foi assessor de influente político.

Revista Veja

Lula sabia das intenções do lobo.

Revista Veja São Paulo

Casa da Vovó – Restaurante vegetariano tenta espantar má fama de local do famoso massacre.

Revista Marie Claire

Chamada de capa para a reportagem: "Na cama com um lobo e minha avó", relato de quem passou por essa experiência.

Revista Capricho

Chamada de capa para a reportagem: Esse Lobo é um Gato!

Revista Atrevida

Saindo de uma roubada – Dicas de Chapeuzinho Vermelho

Revista Tititi

Lenhador e Chapeuzinho flagrados em clima romântico em jantar no Rio.

Revista Nova

Chamada de capa para a reportagem: 10 maneiras de levar um lobo à loucura na cama.

Revista Playboy

Título do ensaio fotográfico com Chapeuzinho Vermelho no mês do escândalo: Veja o que só o lobo viu.

Revista G Magazine

Título do ensaio fotográfico com lenhador dias depois do seu ato heroico: Lenhador mostra o machado. Lenhador mata o lobo e mostra o pau.

Revista Sexy

Ensaio fotográfico com Chapeuzinho Vermelho um ano depois do escândalo: Essa garota matou a fome do lobo!

Revista VIP

Chapeuzinho Vermelho como você nunca viu.

O Lobo Mau bem que tentou!

Revista TRIP

Chapeuzinho Vermelho – inocência e sensualidade depois do susto.

Revista Super Interessante

Lobo mau! Mito ou verdade?

Revista Caras

Reportagem fartamente ilustrada com Chapeuzinho Vermelho um ano depois do escândalo: Na banheira de hidromassagem na cabana da vovozinha, em Campos de Jordão, Chapeuzinho reflete sobre os acontecimentos.

Numa passagem da reportagem, ela confessa: – Até ser devorada, eu não dava valor para muitas coisas da vida, hoje sou outra pessoa...

Revista Cláudia

Chamada de capa para a reportagem: Como chegar à casa da vovozinha sem se deixar enganar pelos lobos no caminho.

Revista Cláudia Cozinha

A Vovó se foi. Mas deixou o seu livro de receitas!

Fonte: Coutinho (2014).

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Essa brincadeira, bastante divertida, serve para refletirmos sobre a construção de sentido que um texto jornalístico traz. Você deve ter reparado que cada veículo ou programa destaca um elemento da história, de acordo com sua linha editorial. Assim, é fundamental perceber que, embora as matérias informativas tendam a parecer neutras, há sempre um enunciador que deixa algumas marcas. A escolha de palavras e a construção de uma frase interferem no efeito de sentido.

Vejamos, por exemplo, a pequena notícia publicada no jornal *Folha de São Paulo*.

Marta inaugura 3^a escola em aldeia indígena

A prefeita de São Paulo, Marta Suplicy, inaugurou ontem o terceiro Centro de Educação e Cultura Indígena (Ceci) em uma aldeia guarani próxima ao Pico do Jaraguá, na zona norte da cidade. No local, não há esgoto ou água encanada.

Cerca de 70 crianças até seis anos irão ter aulas em guarani no local, onde foram instalados oito computadores com acesso à internet.

O Ceci inaugurado é o único ponto da aldeia com água encanada. Segundo moradores, a própria comunidade reivindicou a construção do Ceci.

Fonte: Dimenstein (2004).

Temos informações factuais que são facilmente compreendidas com a rápida leitura do texto. No entanto, sua interpretação exige que prestemos atenção em alguns elementos. O título parece indicar uma atitude positiva da então prefeita, afinal, inaugurar escolas significa investir em educação. Contudo, no final do primeiro parágrafo, há a seguinte afirmação: "No local, não há esgoto ou água encanada". Na sequência, temos a informação sobre os computadores e sobre o fato de que a escola será o único lugar da comunidade com água encanada.

Essas colocações revelam uma crítica implícita à atuação da prefeita, que privilegia a compra de computadores com acesso à internet e não investe em saneamento básico. Além disso, a menção ao número de crianças e ao número de computadores também se constitui como uma crítica, pois serão apenas oito máquinas para 70 crianças. Repare que, em nenhum momento, o jornalista se vale de palavras valorativas, como adjetivos ou advérbios. Toda a crítica é construída de forma implícita.

Assim, em um texto pequeno, aparentemente despretensioso e neutro, temos uma crítica à gestão da prefeitura.

Tomemos agora, como exemplo, a capa que anuncia uma reportagem. Em outubro de 2005, houve um referendo para decidir se deveria haver o desarmamento da população. A revista *Veja* chegou às bancas com a capa reproduzida a seguir.



Figura 70

Observação

Notícia e reportagem são dois gêneros textuais diferentes do jornalismo informativo, embora esses termos sejam usados, muitas vezes, como sinônimos pelos leitores. A notícia é um texto que segue um formato preestabelecido, em que as informações principais vêm no início, e seu foco é no factual. A reportagem procura contextualizar melhor o tema (que pode ser algo que está acontecendo no momento ou que não tenha uma época específica para ser investigado, como a vida no Pantanal), apresentando mais fontes; seu texto é mais autoral, menos engessado.

Observe que, nesse caso, pelas características da publicação, a opinião do veículo aparece explicitamente. Em primeiro lugar, a revista anuncia apenas as razões para votar naquela que ela acredita ser a opção correta, ignorando o princípio do contraditório (apresentar sempre as opiniões contrárias), base do jornalismo. Além disso, ao dizer que a "proibição vai desarmar a população e fortalecer o arsenal dos bandidos", a revista direciona o modo de pensar do leitor.

No exemplo a seguir, vemos alterações no título publicado no jornal. No texto original, o advérbio "já" transmite a ideia de que o custo foi alto. A troca pelo "só" e "até agora" inverte esse sentido. Veja a seguir:

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Caneta Desmanipuladora
October 17, 2016

Olhando assim a manchete parece que o prejuízo já é enorme e a mineradora já contribuiu bastante com a sua parte, certo? Só que não. Esses R\$655 milhões gastos até agora correspondem a 1/30 do que foi homologado na justiça.

FOLHA DE S.PAULO

cotidiano

tragédia no rio doce

**Tragédia de Mariana
já ~~só~~ custou R\$ 655
milhões para
mineradora Samarco
até agora**

Figura 71

Isso significa que o leitor deve estar atento ao modo como os textos jornalísticos constroem a realidade e deve, além de compreender o fato, interpretar a sua representação pelo meio de comunicação.

6.3.2 Crônicas

As crônicas são consideradas um gênero híbrido, que se estabelece na fronteira entre a literatura e o jornalismo. Trata-se de um tipo de texto que se desenvolveu desde o século XIX no Brasil e que, a partir da década de 1930, assumiu novas feições.

Segundo Antonio Cândido (s.d.), a crônica não tem a magnitude de outros gêneros literários, mas capta a vida ao rés do chão, e essa é a característica que lhe confere grandiosidade. O cronista sempre revela, com olhar arguto e sensível, algo do cotidiano e, em um texto leve, conduz os leitores à reflexão.



Saiba mais

Para compreender melhor as características de uma crônica, leia:

CANDIDO, A. *A vida ao rés do chão*. [s.d.]. Disponível em: <<https://avidaaoresdochao.wordpress.com/versao-integral/>>. Acesso em: 21 set. 2018.

Vamos ler uma crônica bem conhecida de Fernando Sabino.

A última crônica

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: "assim eu quereria o meu último poema". Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.

Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.

Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês.

O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho – um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular. A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa um discreto ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim.

São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a Coca-Cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbucio, a que os pais se juntam, discretos: "Parabéns pra você, parabéns pra você...". Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura – ajeita-lhe a fitinha no cabelo crespo, limpa o farelo de bolo que lhe cai ao colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. Dá comigo de súbito, a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido – vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso.

Assim eu quereria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.

Fonte: Sabino (s.d.).

Repare que o texto é simples, escrito em linguagem acessível, e faz com que o leitor reflita sobre episódios cotidianos. O cronista sensibiliza nosso olhar para o que há de terno e comovente ao nosso redor. A família, mesmo sem recursos financeiros, esbanja afeto em uma comemoração singela. Não importa se o acontecimento que o cronista narra é verídico ou não. Ele pode ter presenciado, de fato, a cena ou pode tê-la imaginado. Diferentemente dos textos informativos do jornalismo, a crônica não tem compromisso com a veracidade daquilo que é narrado.

Devemos ainda ressaltar que esse texto, por metalinguagem, explica a atuação do cronista: buscar o pitoresco ou o irrisório no cotidiano.



Metalinguagem é o uso da linguagem para tratar dela mesma. No caso, temos uma crônica que menciona seu processo de produção.

Não há um modelo único de crônica. Existem aquelas em que o teor persuasivo ou argumentativo é mais acentuado, como a apresentada a seguir, escrita por Clarice Lispector, sob o pseudônimo de Tereza Quadros, em uma seção feminina do jornal *Comício*, em 1952.

A irmã de Shakespeare

Uma escritora inglesa – Virginia Woolf – querendo provar que mulher nenhuma, na época de Shakespeare, poderia ter escrito as peças de Shakespeare, inventou, para este último, uma irmã que se chamaria Judith. Judith teria o mesmo gênio que seu irmãozinho Shakespeare, só que, por gentil fatalidade da natureza, usaria saias.

Antes, em poucas palavras, V. Woolf descreveu a vida do próprio Shakespeare: frequentara escolas, estudara em latim Ovídio, Virgílio, Horácio, além de todos os outros princípios de cultura; em menino, caçara coelhos, perambulara pelas vizinhanças, espiara bem o que queria

espiar, armazenando infância; como rapazinho, foi obrigado a casar um pouco apressado; essa ligeira leviandade deu-lhe vontade de escapar – e ei-lo a caminho de Londres, em busca da sorte. Como tem sido bastante provado, ele tinha gosto por teatro. Começou por empregar-se como “olheiro” de cavalos, na porta de um teatro, depois imiscuiu-se entre os atores, conseguiu ser um deles, frequentou o mundo, aguçou suas palavras em contato com as ruas e o povo, teve acesso ao palácio da rainha, terminou sendo Shakespeare.

E Judith? Bem, Judith não seria mandada para a escola. E ninguém lê em latim sem ao menos saber as declinações. Às vezes, como tinha tanto desejo de aprender, pegava nos livros do irmão. Os pais intervinham: adoravam-na e queriam que ela se tornasse uma verdadeira mulher. Chegou a época de casar. Ela não queria, sonhava com outros mundos. Apanhou do pai, viu as lágrimas da mãe. Em luta com tudo, mas com o mesmo ímpeto do irmão, arrumou uma trouxa e fugiu para Londres. Também Judith gostava de teatro. Parou na porta de um, disse que queria trabalhar com os artistas – foi uma risada geral, todos imaginaram logo outra coisa. Como poderia arranjar comida? Nem podia ficar andando pelas ruas. Alguém, um homem, teve pena dela. Em breve ela esperava um filho. Até que, numa noite de inverno, ela se matou. “Quem”, diz Virginia Woolf, “poderá calcular o calor e a violência de um coração de poeta quando preso no corpo de uma mulher?”

E assim acaba a história que não existiu.

Fonte: Lispector (2006).

Como se vê, Tereza Quadros apresenta uma paráfrase de um trecho do ensaio *Um teto todo seu*, de Virginia Woolf, em que ela imagina a trajetória de uma suposta irmã de Shakespeare. O ensaio de Woolf foi publicado em 1929, como resultado de palestras proferidas pela escritora em escolas para meninas. Nessa obra, a autora defende a ideia de que, para uma mulher ser escritora, é necessário que ela tenha dinheiro e “um teto todo seu”, ou seja, sem as condições materiais de subsistência e independência, a mulher não é capaz de desenvolver seu talento. A escritora inglesa ainda mostra como conseguir essas condições é particularmente difícil para as mulheres.

Clarice Lispector, ao trazer essa história para as leitoras cariocas da década de 1950, levanta o questionamento sobre as desigualdades de gênero em uma sociedade patriarcal, que oferece às mulheres menos oportunidades para desenvolverem seus talentos e se realizarem profissionalmente. A crônica revela que essas desigualdades não foram superadas, mesmo no século XX.

Observação

Paráfrase consiste na apresentação das ideias de um texto com uma forma de expressão autoral.

6.3.3 Contos e trechos de romances

Agora leremos dois contos e um capítulo de romance, gêneros literários consagrados na modernidade.

A quinta história

Esta história poderia chamar-se "As Estátuas". Outro nome possível é "O Assassinato". E também "Como Matar Baratas". Farei então pelo menos três histórias, verdadeiras, porque nenhuma delas mente a outra. Embora uma única, seriam mil e uma, se mil e uma noites me dessem.

A primeira, "Como Matar Baratas", começa assim: queixei-me de baratas. Uma senhora ouviu-me a queixa. Deu-me a receita de como matá-las. Que misturasse em partes iguais açúcar, farinha e gesso. A farinha e o açúcar as atrairiam, o gesso esturricaria o de dentro delas. Assim fiz. Morreram.

A outra história é a primeira mesmo e chama-se "O Assassinato". Começa assim: queixei-me de baratas. Uma senhora ouviu-me. Segue-se a receita. E então entra o assassinato. A verdade é que só em abstrato me havia queixado de baratas, que nem minhas eram: pertenciam ao andar térreo e escalavam os canos do edifício até o nosso lar. Só na hora de preparar a mistura é que elas se tornaram minhas também. Em nosso nome, então, comecei a medir e pesar ingredientes numa concentração um pouco mais intensa. Um vago rancor me tomara, um senso de ultraje. De dia as baratas eram invisíveis e ninguém acreditaria no mal secreto que roía casa tão tranquila. Mas se elas, como os males secretos, dormiam de dia, ali estava eu a preparar-lhes o veneno da noite. Meticulosa, ardente, eu aviava o elixir da longa morte. Um medo excitado e meu próprio mal secreto me guiavam. Agora eu só queria gelidamente uma coisa: matar cada barata que existe. Baratas sobem pelos canos enquanto a gente, cansada, sonha. E eis que a receita estava pronta, tão branca. Como para baratas espertas como eu, espalhei habilmente o pó até que este mais parecia fazer parte da natureza. De minha cama, no silêncio do apartamento, eu as imaginava subindo uma a uma até a área de serviço onde o escuro dormia, só uma toalha alerta no varal. Acordei horas depois em sobressalto de atraso. Já era de madrugada. Atravessei a cozinha. No chão da área lá estavam elas, duras, grandes. Durante a noite eu matara. Em nosso nome, amanhecia. No morro um galo cantou.

A terceira história que ora se inicia é a das "Estátuas". Começa dizendo que eu me queixara de baratas. Depois vem a mesma senhora. Vai indo até o ponto em que, de madrugada, acordo e ainda sonolenta atravesso a cozinha. Mais sonolenta que eu está a área na sua perspectiva de ladrilhos. E na escuridão da aurora, um arroxeadão que distancia tudo, distingo a meus pés sombras e brancuras: dezenas de estátuas se espalham rígidas. As baratas que haviam endurecido de dentro para fora. Algumas de barriga para cima. Outras no meio de um gesto que não se completaria jamais. Na boca de umas um pouco da comida branca. Sou a primeira testemunha do alvorecer em Pompeia. Sei como foi esta última noite, sei da orgia no escuro. Em algumas o gesso terá endurecido tão lentamente como num processo vital, e elas, com movimentos cada vez mais penosos, terão sofregamente intensificado

as alegrias da noite, tentando fugir de dentro de si mesmas. Até que de pedra se tornam, em espanto de inocência, e com tal, tal olhar de censura magoada. Outras – subitamente assaltadas pelo próprio âmago, sem nem sequer ter tido a intuição de um molde interno que se petrificava! – essas de súbito se cristalizam, assim como a palavra é cortada da boca: eu te... Elas que, usando o nome de amor em vão, na noite de verão cantavam. Enquanto aquela ali, a de antena marrom suja de branco, terá adivinhado tarde demais que se mumificara exatamente por não ter sabido usar as coisas com a graça gratuita do em vão: "é que olhei demais para dentro de mim! é que olhei demais para dentro de..." – de minha fria altura de gente olho a derrocada de um mundo. Amanhece. Uma ou outra antena de barata morta freme seca à brisa. Da história anterior canta o galo.

A quarta narrativa inaugura nova era no lar. Começa como se sabe: queixei-me de baratas. Vai até o momento em que vejo os monumentos de gesso. Mortas, sim. Mas olho para os canos, por onde esta mesma noite renovar-se-á uma população lenta e viva em fila india. Eu iria então renovar todas as noites o açúcar letal? – como quem já não dorme sem a avidez de um rito. E todas as madrugadas me conduziria sonâmbula até o pavilhão? – no vício de ir ao encontro das estátuas que minha noite suada erguia. Estremeci de mau prazer à visão daquela vida dupla de feiticeira. E estremeci também ao aviso do gesso que seca: o vício de viver que rebentaria meu molde interno. Áspero instante de escolha entre dois caminhos que, pensava eu, se dizem adeus, e certa de que qualquer escolha seria a do sacrifício: eu ou minha alma. Escolhi. E hoje ostento secretamente no coração uma placa de virtude: "Esta casa foi dedetizada".

A quinta história chama-se "Leibnitz e a Transcendência do Amor na Polinésia". Começa assim: queixei-me de baratas.

Fonte: Lpector (2016).

A mera compreensão do conto é clara, mas o texto literário sempre revela algo mais do que aquilo que está na aparência. No conto, percebemos que ocorrem cinco narrativas com desenvolvimento diferente em cada versão. Em todas elas, existem elementos comuns: uma mulher quer se livrar de baratas e, para isso, recebe a receita de uma senhora.

A primeira versão é um relato banal, factual, que será repetido nas demais, explícita ou implicitamente. A segunda, intitulada "O assassinato", já apresenta toques de crueldade, com a satisfação perversa da narradora em matar: "meticulosa, ardente, eu aviava o elixir da longa morte". Aparece o prazer de matar cada barata, com um "medo excitado", como se eliminam os males secretos. Observe que o verbo "aviar" remete ao preparo medicinal ou ao ofício de uma bruxa. Ocorre, então, uma inversão irônica do mal. As baratas, que representam "naturalmente" o sujo, o mal, passam a ser vítimas da perversidade sádica da dona de casa que cuida da higiene do lar. E a mulher apropria-se delas ao preparar sua morte: as baratas passam a ser suas.

Ainda na segunda história, o advérbio "agora" marca uma mudança na vida da narradora, que descobre a sua perversidade e seu sadismo, afinal, não se tratava apenas de matar, mas fazer isso de uma

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

forma que envolvesse um plano ardiloso, cuidadosamente preparado, em uma estratégia maquiavélica. O método revela a vontade de matar, além do resultado em si.

A identificação entre a personagem e as baratas aparece explicitamente desde a segunda história: "para baratas espertas como eu, espalhei habilmente o pó". A personificação das baratas que tentam "fugir de dentro de si mesmas" para escapar da morte também traz os insetos ao plano humano. Se lermos com atenção, perceberemos que são várias as marcas de projeção "do eu no outro" no texto todo.

Os requintes de maldade permanecem na terceira e na quarta histórias.

Na terceira, intitulada "Estátuas", há a contemplação do resultado do assassinato, com os corpos espalhados pela área de serviço, cada qual em uma posição, mas todos petrificados pela massa branca. Na quarta, inicia-se a nova era, com a opção da mulher pela dedetização, para evitar a possibilidade do retorno infinito das baratas e do ritual de morte. Veja que se estabelece um dilema entre a maldade instintiva e a vida construída na civilização. A dedetização coloca a "placa de virtude" porque suaviza os instintos cruéis.

A quinta narrativa apresenta um título estranho ao restante do conto, "Leibnitz e a transcendência do amor na Polinésia", e não chega a ser desenvolvida. O título é provocativo, uma vez que não há aparentemente nada de transcendente no mesmo início que se repete: a queixa sobre as baratas. A referência ao filósofo-matemático é curiosa, também, se for considerado o fato de que Leibnitz desenvolveu, entre outras ideias, a teoria combinatória (as narrativas são construídas pela combinação dos elementos), além de ter escrito sobre metafísica.

O texto, como o açúcar, tem uma estrutura simples, doce e atraente, mas, ao ingeri-lo, o leitor sente o gosto amargo, sente o veneno cuidadosamente colocado pela autora. Esse conto apresenta estrutura narrativa múltipla que tenderia ao infinito. Com base em uma narrativa moldura, as histórias se encerram e renascem. O ato de narrar permanece em moto contínuo.

Segundo Judith Rosenbaum (2006), que faz uma análise com base psicanalítica de tal conto, o leitor é atraído pela articulação discursiva envolvente. Ao final de cada história, parece que a narrativa termina, principalmente com o final épico do canto do galo na segunda e na terceira. No entanto, em seguida, ela ressurge, com o mesmo começo, mas com desenrolar diferente, mostrando a infinidade de combinações que atrairão sempre ao mesmo retorno. Como as baratas, o leitor retorna para ingerir outro preparo que tem a mesma aparência do que o anterior, mas já é outro.

O final em aberto deixa por conta da imaginação do leitor a continuação da história e coloca a voz de quem narra como a personagem Scherazade do conto *Mil e uma noites*, a quem o próprio texto faz referência no início: "embora uma única, seriam mil e uma, se mil e uma noites me dessem".

Repare que nenhuma das histórias mente a outra: o banal e o transcendental, o particular e o universal são uma única narrativa, que desencadeia um processo de autoentendimento, que mexe com o "de dentro".

Vamos ler agora um conto de Guimarães Rosa.

Desenredo

Do narrador a seus ouvintes:

– Jó Joaquim, cliente, era quieto, respeitado, bom como o cheiro de cerveja. Tinha o para não ser célebre. Com elas quem pode, porém? Foi Adão dormir, e Eva nascer. Chamando-se Livíria, Rivília ou Irlívia, a que, nesta observação, a Jó Joaquim apareceu.

Antes bonita, olhos de viva mosca, morena mel e pão. Aliás, casada. Sorriram-se, viram-se. Era infinitamente maio e Jó Joaquim pegou o amor. Enfim, entenderam-se. Voando o mais em ímpeto de nau tangida a vela e vento. Mas muito tendo tudo de ser secreto, claro, coberto de sete capas.

Porque o marido se fazia notório, na valentia com ciúme; e as aldeias são a alheia vigilância. Então ao rigor geral os dois se sujeitaram, conforme o clandestino amor em sua forma local, conforme o mundo é mundo. Todo abismo é navegável a barquinhos de papel.

Não se via quando e como se viam. Jó Joaquim, além disso, existindo só retraído, minuciosamente. Esperar é reconhecer-se incompleto. Dependiam eles de enorme milagre. O inebriado engano.

Até que – deu-se o desmastroio. O trágico não vem a conta-gotas. Apanhara o marido a mulher: com outro, um terceiro... Sem mais cá nem mais lá, mediante revólver, assustou-a e matou-o. Diz-se, também, que de leve a ferira, leviano modo.

Jó Joaquim, derrubadamente surpreso, no absurdo desistia de crer, e foi para o decúbito dorsal, por dores, frios, calores, quiçá lágrimas, devolvido ao barro, entre o inefável e o infando. Imaginara-a jamais a ter o pé em três estribos; chegou a mal-dizer de seus próprios e gratos abusufertos. Reteve-se devê-la. Proibia-se de ser pseudopersonagem, em lance de tão vermelha e preta amplitude.

Ela – longe – sempre ou ao máximo mais formosa, já sarada e sã. Ele exercitava-se a aguentar-se, nas defeituosas emoções.

Enquanto, ora, as coisas amaduravam. Todo fim é impossível? Azarado fugitivo, e como à Providência praz, o marido faleceu, afogado ou de tifo. O tempo é engenhoso. Soube-o logo Jó Joaquim, em seu franciscanato, dolorido mas já medicado. Vai, pois, com a amada se encontrou – ela sutil como uma colher de chá, grude de engodos, o firme fascínio. Nela acreditou, num abrir e não fechar de ouvidos. Daí, de repente, casaram-se. Alegres, sim, para feliz escândalo popular, por que forma fosse.

Mas.

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Sempre vem imprevisível o abominoso? Ou: os tempos se seguem e parafraseiam-se. Deu-se a entrada dos demônios.

Da vez, Jó Joaquim foi quem a deparou, em péssima hora: traído e traidora. De amor não a matou, que não era para truz de tigre ou leão. Expulsou-a apenas, apostrofando-se, como inédito poeta e homem. E viajou fugida a mulher, a desconhecido destino.

Tudo aplaudiu e reprovou o povo, repartido. Pelo fato, Jó Joaquim sentiu-se histórico, quase criminoso, reincidente. Triste, pois que tão calado. Suas lágrimas corriam atrás dela, como formiguinhas brancas. Mas, no frágio da barca, de novo respeitado, quieto. Vá-se a camisa, que não o dela dentro. Era o seu um amor meditado, a prova de remorsos. Dedicou-se a endireitar-se.

Mais.

No decorrer e comenos, Jó Joaquim entrou sensível a aplicar-se, a progressivo, jeitoso afã. A bonança nada tem a ver com a tempestade. Crível? Sábio sempre foi Ulisses, que começou por se fazer de louco. Desejava ele, Jó Joaquim, a felicidade – ideia inata. Entregou-se a remir, redimir a mulher, à conta inteira. Incrível? É de notar que o ar vem do ar. De sofrer e amar, a gente não se desafaz. Ele queria apenas os arquétipos, platonizava. Ela era um aroma.

Nunca tivera ela amantes! Não um. Não dois. Disse-se e dizia isso Jó Joaquim. Reportava a lenda a embustes, falsas lérias escabrosas. Cumpria-lhe descaluniá-la, obrigava-se por tudo. Trouxe à boca-de-cena do mundo, de caso raso, o que fora tão claro como água suja. Demonstrando-o, amatemático, contrário ao público pensamento e à lógica, desde que Aristóteles a fundou. O que não era tão fácil como refritar almôndegas. Sem malícia, com paciência, sem insistência, principalmente.

O ponto está em que o soube, de tal arte: por antipesquisas, acronologia miúda, conversinhas escudadas, remendados testemunhos. Jó Joaquim, genial, operava o passado – plástico e contraditório rascunho. Criava nova, transformada realidade, mais alta. Mais certa?

Celebrava-a, ufanático, tendo-a por justa e averiguada, com con-vicção manifesta. Haja o absoluto amar – e qualquer causa se irrefuta.

Pois, produziu efeito. Surtiu bem. Sumiram-se os pontos das reticências, o tempo secou o assunto. Total o transato desmanchava-se, a anterior evidência e seu nevoeiro. O real e válido, na árvore, é a reta que vai para cima. Todos já acreditavam. Jó Joaquim primeiro que todos.

Mesmo a mulher, até, por fim. Chegou-lhe lá a notícia, onde se achava, em ignota, defendida, perfeita distância. Soube-se nua e pura. Veio sem culpa. Voltou, com dengos e fofos de bandeira ao vento.

Três vezes passa perto da gente a felicidade. Jó Joaquim e Vilíria retomaram-se, e conviveram, convolados, o verdadeiro e melhor de sua útil vida.

E pôs-se a fábula em ata.

Fonte: Rosa (2009).

Em geral, temos mais dificuldade em compreender esse texto do que o anterior. Mesmo assim, é possível entender que Jó Joaquim se apaixonou por uma mulher casada e manteve um relacionamento com ela até o momento em que o marido a pegou com outro amante, um terceiro. O protagonista, então, sofreu muito, afastou-se da mulher, mas, assim que soube que o marido tinha morrido, correu atrás dela e eles se casaram. Dessa vez, ele, como marido, flagra a mulher com outro homem e a expulsa de casa. No entanto, o desejo de ser feliz ao lado dela faz com que ele reconstrua o passado e convença a si mesmo e a todos de que ela nunca fora infiel. Ela volta e temos um final feliz.

Repare que esse resumo comprova exatamente o que disse Paul Valéry. Ele acaba com a genialidade do conto, pois o modo como Guimarães Rosa trabalha a linguagem nesse (des)enredo é o que o torna um texto belíssimo.

Logo no início, temos a simulação de uma narrativa oral, com a anunciação da fala do narrador a seus ouvintes. Ele narra à plateia um caso notório, que permaneceu na memória coletiva local e que, no final, é "posta em ata".

O título fornece pistas sobre o ponto central do conto. "Desenredo" significa desfecho, desenlace, mas, nesse caso, também deve ser compreendido como o desfazimento de um enredo. O prefixo des- indica que o enredo, ou seja, a sequência de acontecimentos por que passam os personagens da história, será desfeito. É justamente isso que Jó Joaquim realiza: o processo de operar o passado, modificando-o.

Há alguns pontos que devemosressaltar no texto. No início, são apresentados três nomes diferentes para a mulher. À primeira vista, pode parecer que o narrador desconhecia o nome correto dela e arrisca três versões com sonoridades semelhantes. No entanto, com o desenrolar da leitura, podemos supor que a mulher usava um nome diferente para cada homem com que se relacionava. No final, ao estabilizar a relação com Jó Joaquim, ela assume um quarto e definitivo nome: Vilíria.

Devemos também notar as várias referências bíblicas presentes no conto. Logo no início, temos a referência à história de Adão e Eva, com a entrada do pecado no paraíso. Jó Joaquim era "quieto e respeitado", mas vê sua vida alterada com a chegada da mulher. Além disso, o nome do protagonista, Jó, remete à figura conhecida pela sua grande paciência e capacidade de suportar as adversidades em função da sua fé em Deus.

Vamos ler agora um capítulo do livro *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

O vergalho

Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, por aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa. Interrompeu – mas um ajuntamento; era um preto que vergalhava outro na praça. O outro não se atrevia a fugir; gemia somente estas únicas palavras: – "Não, perdão, meu senhor; meu senhor, perdão!". Mas o primeiro não fazia caso, e, a cada súplica, respondia com uma vergalhada nova.

– Toma, diabo! dizia ele; toma mais perdão, bêbado!

– Meu senhor! gemia o outro.

– Cala a boca, besta! replicava o vergalho.

Parei, olhei... Justos céus! Quem havia de ser o do vergalho? Nada menos que o meu moleque Prudêncio, o que meu pai libertara alguns anos antes. Cheguei-me; ele deteve-se logo e pediu-me a bênção; perguntei-lhe se aquele preto era escravo dele.

– É, sim, nhonhô.

– Fez-te alguma cousa?

– É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei ele na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo na cidade, e ele deixou a quitanda para ir na venda beber.

– Está bom, perdoa-lhe, disse eu.

– Pois não, nhonhô. Nhonhô manda, não pede. Entra para casa, bêbado!

Sai do grupo, que me olhava espantado e cochichava as suas conjecturas. Segui caminho, a desfiar uma infinidade de reflexões, que sinto haver inteiramente perdido; aliás, seria matéria para um bom capítulo, e talvez alegre. Eu gosto dos capítulos alegres; é o meu fraco. Exeriormente, era torvo o episódio do Valongo; mas só exteriormente. Logo que meti mais dentro a faca do raciocínio achei-lhe um miolo gaiato, fino, e até profundo. Era um modo que o Prudêncio tinha de se desfazer das pancadas recebidas, transmitindo-as a outro. Eu, em criança, montava-o, punha-lhe um freio na boca, e desancava-o sem compaixão; ele gemia e sofria. Agora, porém, que era livre, dispunha de si mesmo, dos braços, das pernas, podia trabalhar, folgar, dormir, desagrilhado da antiga condição, agora é que ele se desbancava: comprou um escravo, e ia-lhe pagando, com alto juro, as quantias que de mim recebera. Vejam as sutilezas do maroto!

Fonte: Assis (1994, p. 76).

Nessa passagem, o narrador protagonista encontra seu ex-escravo Prudêncio (a quem ele fizera inúmeras maldades) castigando um escravo que adquirira depois de ter se tornado livre. O oprimido tornou-se, assim, opressor, descontando no seu escravo os castigos que havia recebido. Além disso, mesmo liberto, ele ainda obedece às ordens de seu antigo senhor, que o manda parar de bater no outro.

O episódio mostra-nos um pouco da visão ácida do escritor acerca da natureza humana.



Observação

Lembre-se de procurar no dicionário o significado das palavras desconhecidas. Vergalho, por exemplo, é um tipo de chicote.

Repare que não esgotamos a interpretação de nenhum dos textos apresentados. Os textos literários são polissêmicos e, por isso, é importante, sempre que possível, fazermos mais de uma leitura.

7 INTERPRETAÇÃO DE GRÁFICOS E TABELAS

Pode-se estranhar este tema, mas tabelas e gráficos também são um tipo de texto, pois combinam seus elementos para construir um sentido. No entanto, a interpretação deles exige algum domínio da representação gráfica e da linguagem e do raciocínio matemático. É necessário, por exemplo, saber diferenciar valor relativo de valor absoluto ou compreender o significado de um valor médio ou, ainda, ser capaz de estimar um valor em uma escala.

Vamos começar com uma questão do Enade (2011) em que não é necessário realizar qualquer cálculo.

Exemplo de aplicação

A educação é o Xis da questão

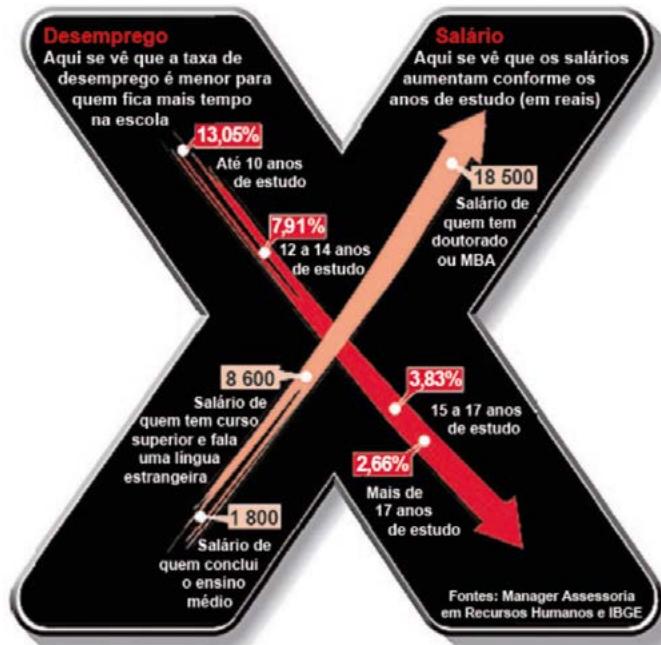


Figura 72

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

A expressão "o Xis da questão" usada no título do infográfico diz respeito:

- A) À quantidade de anos de estudos necessários para garantir um emprego estável com salário digno.
- B) Às oportunidades de melhoria salarial que surgem à medida que aumenta o nível de escolaridade dos indivíduos.
- C) À influência que o ensino de língua estrangeira nas escolas tem exercido na vida profissional dos indivíduos.
- D) Aos questionamentos que são feitos acerca da quantidade mínima de anos de estudo que os indivíduos precisam para ter boa educação.
- E) À redução da taxa de desemprego em razão da política atual de controle da evasão escolar e de aprovação automática de ano de acordo com a idade.

Observe que a imagem é composta por duas setas que se cruzam e que relacionam índice de desemprego e valor do salário com o grau de escolaridade da pessoa. Na seta do salário, observamos que o valor médio é de R\$ 1.800,00 para quem concluiu o ensino médio e de R\$ 18.500,00 para quem tem doutorado ou MBA. Na seta do desemprego, notamos que o índice é de 13,05% para quem tem até dez anos de estudos e de 2,66% para quem tem mais de 17 anos de estudos.

Repare que o título do infográfico já revela a conclusão da pesquisa, pois aponta a educação como o fator primordial de qualquer crescimento. A expressão o "x da questão" refere-se ao ponto central do problema, mas também remete à figura do infográfico em que as "pernas" da letra x se cruzam e estabelecem uma relação de proporcionalidade entre as variáveis.

Assim, o infográfico mostra que as oportunidades de melhores salários e de emprego crescem à proporção que aumentam os anos de estudo. Com isso, temos que a alternativa correta é a B.



Infográficos são recursos visuais, bastante usados em notícias e reportagens, que organizam e representam informações visualmente.

Vamos ver agora um tipo de gráfico muito comum em matérias jornalísticas e relatórios: o gráfico de barras. No apresentado a seguir, temos a representação da renda média domiciliar *per capita*, conforme anunciado no título.

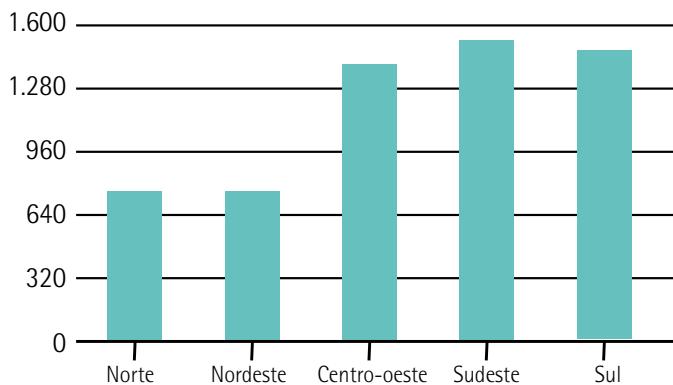


Figura 73 – Renda mensal domiciliar *per capita* em R\$

Temos que atentar para a expressão *per capita*, que significa por indivíduo. Assim, o gráfico informa que uma pessoa ganhava, em média, em 2016, na região Sudeste, aproximadamente R\$ 1.500,00. Isso não significa que todos da região recebiam esse valor. Poderíamos ter, em uma casa, por exemplo, uma pessoa que ganhasse R\$ 4.800,00 reais e mais três que ganhassem R\$ 400. A média *per capita* seria R\$ 1.500,00.

O gráfico revela uma sensível diferença econômica entre as regiões Sudeste e Sul em relação às regiões Norte e Nordeste. Nestas últimas, o valor médio da renda domiciliar *per capita* é aproximadamente metade do registrado nas regiões Sul e Sudeste. Repare que nas regiões Norte e Nordeste, a renda média gira em torno de R\$ 700,00.

Dessa forma, o gráfico nos mostra um aspecto importante das desigualdades regionais e contribui para nossa compreensão da realidade brasileira.

Observação

A média é calculada pela divisão entre a soma de todos os valores pelo número de elementos. Por exemplo, se você tirar 6 e 4 em duas provas, terá média 5, certo? Se seu colega tiver 8 e 2, ele terá a mesma média que você.

A questão apresentada a seguir, proposta pelo Enade (2014), trabalha com valores médios. Vamos resolvê-la.

Exemplo de aplicação

As mulheres frequentam mais os bancos escolares que os homens, dividem seu tempo entre o trabalho e os cuidados com a casa, geram renda familiar, porém continuam ganhando menos e trabalhando mais que os homens.

As políticas de benefícios implementadas por empresas preocupadas em facilitar a vida das funcionárias que têm criança pequena em casa já estão chegando ao Brasil. Acordos de

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

horários flexíveis, programas como auxílio-creche, auxílio-babá e auxílio-amamentação são alguns dos benefícios oferecidos.

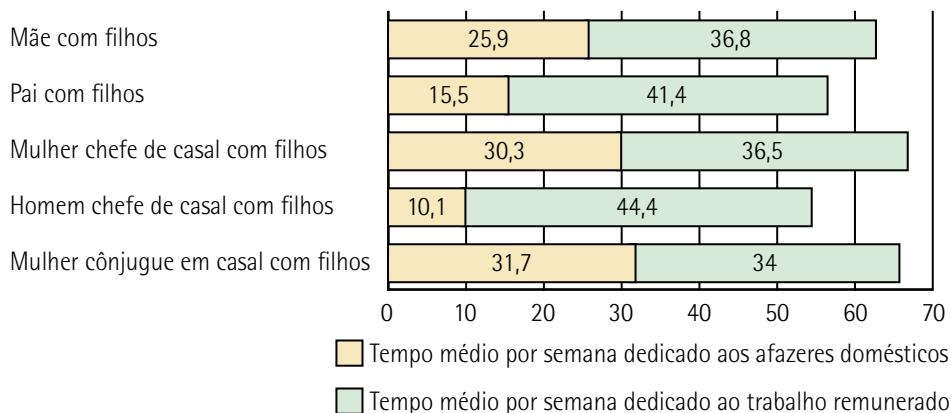


Figura 74 – Jornada média total de trabalho por semana no Brasil (em horas)

Considerando o texto e o gráfico, avalie as afirmativas a seguir:

I – O somatório do tempo dedicado pelas mulheres aos afazeres domésticos e ao trabalho remunerado é superior ao dedicado pelos homens, independentemente do formato da família.

II – O fragmento de texto e os dados do gráfico apontam para a necessidade de criação de políticas que promovam a igualdade entre os gêneros no que concerne, por exemplo, a tempo médio dedicado ao trabalho e remuneração recebida.

III – No fragmento de reportagem apresentado, ressalta-se a diferença entre o tempo dedicado por mulheres e homens ao trabalho remunerado, sem alusão aos afazeres domésticos.

É correto o que se afirma em:

- A) I, apenas.
- B) III, apenas.
- C) I e II, apenas.
- D) II e III, apenas.
- E) I, II e III.

Observe que o gráfico indica a soma dos tempos gastos com afazeres domésticos e com trabalho remunerado. De cima para baixo, a primeira barra, a terceira e a última, que representam jornadas de trabalho de mulheres, são maiores do que a segunda barra e a quarta, que se referem às jornadas de trabalho de homens. Assim, a primeira afirmativa é correta.

No gráfico, também vemos que a jornada de trabalho remunerado dos homens é superior à das mulheres. No texto, afirma-se que mulheres ainda ganham menos do que homens. Ao compararmos o trabalho não remunerado com afazeres domésticos, o tempo gasto pelas mulheres é praticamente o dobro do que o tempo gasto pelos homens. Logo, as mulheres têm carga de trabalho total superior aos homens e recebem menos do que eles. Infere-se que são necessárias políticas que equalizem o tempo gasto em atividades não remuneradas entre homens e mulheres e que promovam igualdade salarial. Assim, a afirmativa II também é correta.

O texto aborda a diferença salarial entre homens e mulheres e a dedicação das mulheres aos afazeres domésticos. Logo, a afirmativa III é incorreta. A alternativa C é a correta.

Muitas vezes temos de analisar os dados sem qualquer auxílio de representação gráfica. Os valores são apresentados em forma de tabela, como na questão seguinte. Tente resolvê-la após ler adequadamente todas as informações.

O Produto Interno Bruto (PIB) é um indicador econômico relacionado com a atividade econômica de uma região em determinado período. Quanto maior a produção de bens e serviços, maior o PIB.

Exemplo de aplicação

Considere a tabela a seguir com dados de participações percentuais das regiões no PIB brasileiro entre 2002 e 2011.

Tabela 1 – Participação das grandes regiões e unidades da Federação no Produto Interno Bruto: 2002–2011

Grandes regiões e unidades da Federação	Participação no Produto Interno Bruto (%)									
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Brasil	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Norte	4,7	4,8	4,9	5,0	5,1	5,0	5,1	5,0	5,3	5,4
Nordeste	13,0	12,8	12,7	13,1	13,1	13,1	13,1	13,5	13,5	13,4
Sudeste	56,7	55,8	55,8	56,5	56,8	56,4	56,0	55,3	55,4	55,4
Sul	16,9	17,7	17,4	16,6	16,3	16,6	16,6	16,5	16,5	16,2
Centro-Oeste	8,8	9,0	9,1	8,9	8,7	8,9	9,2	9,6	9,3	9,6

Fonte: IBGE (2011).

Com base na tabela, analise as afirmativas a seguir:

I – O PIB do Brasil manteve-se estável no período considerado.

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

II – A região Norte é a que apresentou menor produção de bens e serviços.

III – Apenas a região Norte teve participação sempre crescente no PIB.

IV – Os dados apresentados permitem concluir que, entre 2010 e 2011, houve crescimento econômico em apenas duas regiões do Brasil.

É correto o que se afirma somente em:

A) I e II.

B) II e IV.

C) II.

D) III e IV.

E) I e IV.

Em primeiro lugar, devemos prestar atenção no que os números representam, e isso pode ser decifrado pelo título: "Participação percentual das grandes regiões no Produto Interno Bruto 2002–2011". Dessa forma, entendemos que os valores são relativos (percentuais); não há, na tabela, o total dos PIBs das regiões ou do país. Note que a linha que contém os valores do Brasil é preenchida sempre com 100%. A região que apresenta menor participação no PIB brasileiro em todos os anos da tabela é a Norte. De 2002 a 2011, houve crescimento da participação nortista, mas esse crescimento não foi regular no período. Observe, por exemplo, que, de 2006 para 2007, há pequena queda. Até aqui, portanto, podemos concluir que a afirmativa II é correta e a I e a III são incorretas.

A última afirmativa apresenta uma pegadinha. De 2010 para 2011, as regiões Norte e Centro-Oeste aumentaram ligeiramente sua participação na produção da riqueza nacional, no entanto, não podemos afirmar que houve crescimento econômico nessas regiões, pois não sabemos os valores absolutos dos PIBs. Como a tabela trabalha apenas com valores relativos, pode ser que o PIB de 2011 tenha sido menor do que o de 2010, por exemplo. Assim, a alternativa correta é a C.

Quando lemos um gráfico ou uma tabela, portanto, temos que, primeiramente, entender o significado daqueles dados. O gráfico a seguir mostra o Índice de Gini do Brasil e de todos os estados do país. Esse índice mede a desigualdade socioeconômica de uma região. Trata-se de um número de 0 a 1. Quanto mais próximo de zero, melhores as condições igualitárias do país. Esse conhecimento é essencial para lermos adequadamente os dados.

Exemplo de aplicação

Com base no exposto anteriormente, qual estado tem as melhores condições de vida, de acordo com o gráfico a seguir?

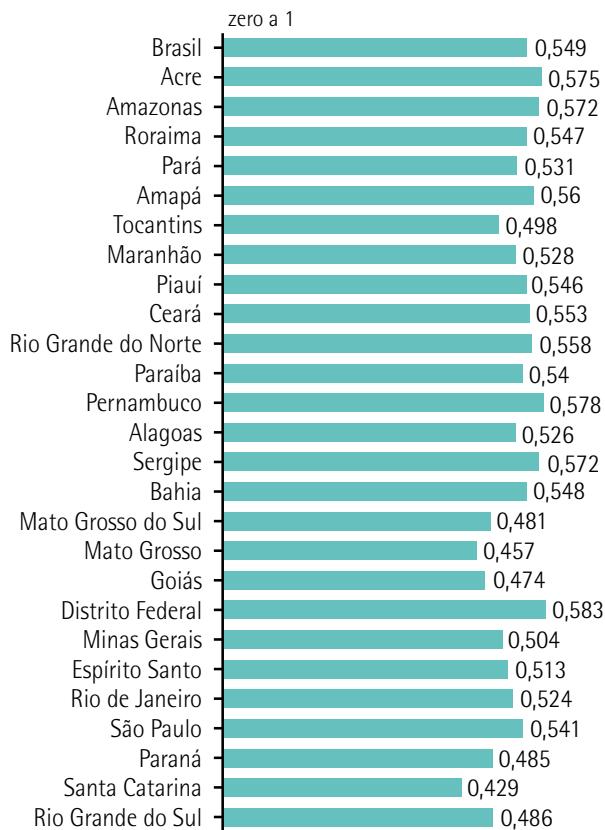


Figura 75 – Índice de Gini (rendimento domiciliar *per capita*)

Como vimos, a maior igualdade social aparece quando o índice é mais próximo de zero. Assim, o estado com melhores condições é Santa Catarina, com Índice de Gini igual a 0,429. Da mesma forma, podemos dizer que o Distrito Federal é a unidade mais desigual socialmente.

Outro tipo de gráfico muito usado em relatórios e reportagens é o chamado gráfico de setores, ou gráfico de pizza. Vejamos um exemplo do Intergovernmental Panel on Climate Change (Reports):

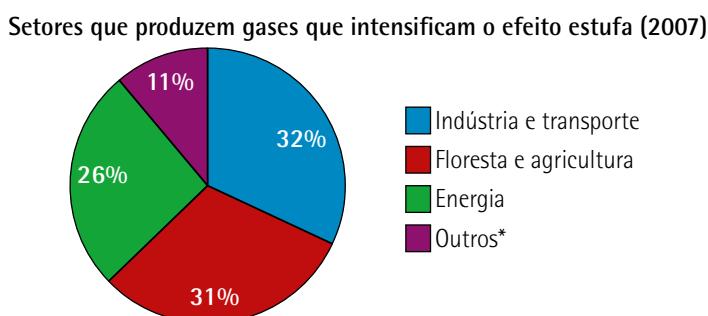


Figura 76

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Observe que o círculo todo indica 100%, e a largura de cada fatia é proporcional à participação de cada item no total. No exemplo, vemos que as indústrias e os transportes eram, em 2007, os maiores responsáveis pelo efeito estufa.



Em todos os gráficos e tabelas, é importante lermos o título e observarmos o período a que os dados se referem.

8 LEITURA CONJUNTA DE DOIS OU MAIS TEXTOS

No dia a dia, convivemos com a mistura de diversos gêneros e diferentes linguagens. Seremos bons leitores se, além de interpretarmos corretamente cada um deles, soubermos relacioná-los pelo fato de eles tratarem de temas afins e por terem posicionamentos similares ou diversos.

Fazemos essa associação espontaneamente no dia a dia, ao assistir a um filme, por exemplo, e nos lembrarmos de alguma música, livro, novela ou reportagem que poderiam ser relacionados a ele. Essa capacidade associativa é extremamente importante para melhorarmos nossa leitura de mundo.

Por isso, faremos a leitura conjunta de dois ou mais textos que tenham em comum determinado assunto.

Vamos começar associando um conto e uma música. Leia *Uma vela para Dario* e a letra de *De frente pro crime*.

Uma vela para Dario

Dario vem apressado, guarda-chuva no braço esquerdo. Assim que dobra a esquina, diminui o passo até parar, encosta-se a uma parede. Por ela escorrega, senta-se na calçada, ainda úmida de chuva. Descansa na pedra o cachimbo.

Dois ou três passantes à sua volta indagam se não está bem. Dario abre a boca, move os lábios, não se ouve resposta. O senhor gordo, de branco, diz que deve sofrer de ataque.

Ele reclina-se mais um pouco, estendido agora na calçada, e o cachimbo apagou. O rapaz de bigode pede aos outros que se afastem e o deixem respirar. Abre-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe tiram os sapatos, Dario ronqueja feio, bolhas de espuma surgem no canto da boca.

Cada pessoa que chega ergue-se na ponta dos pés, não o pode ver. Os moradores da rua conversam de uma porta à outra, as crianças de pijama acodem à janela. O senhor gordo repete que Dario sentou-se na calçada, soprando a fumaça do cachimbo, encostava o guarda-chuva na parede. Mas não se vê guarda-chuva ou cachimbo ao seu lado.

A velhinha de cabeça grisalha grita que ele está morrendo. Um grupo o arrasta para o táxi da esquina. Já no carro a metade do corpo, protesta o motorista: quem pagará a corrida? Concordam chamar a ambulância. Dario conduzido de volta e recostado à parede – não tem os sapatos nem o alfinete de pérola na gravata.

Alguém informa da farmácia na outra rua. Não carregam Dario além da esquina; a farmácia no fim do quarteirão e, além do mais, muito peso. É largado na porta de uma peixaria. Enxame de moscas lhe cobrem o rosto, sem que faça um gesto para espantá-las.

Ocupado o café próximo pelas pessoas que apreciam o incidente e, agora, comendo e bebendo, gozam as delícias da noite. Dario em sossego e torto no degrau da peixaria, sem o relógio de pulso.

Um terceiro sugere lhe examinem os papéis, retirados – com vários objetos – de seus bolsos e alinhados sobre a camisa branca. Ficaram sabendo do nome, idade, sinal de nascença. O endereço na carteira é de outra cidade.

Registra-se correria de uns duzentos curiosos que, a essa hora, ocupam toda a rua e as calçadas: é a polícia. O carro negro investe a multidão. Várias pessoas tropeçam no corpo de Dario, pisoteado dezessete vezes.

O guarda aproxima-se do cadáver, não pode identificá-lo – os bolsos vazios. Resta na mão esquerda a aliança de ouro, que ele próprio – quando vivo – só destacava molhando no sabonete. A polícia decide chamar o rabecão.

A última boca repete – Ele morreu, ele morreu. E a gente começa a se dispersar. Dario levou duas horas para morrer, ninguém acreditava estivesse no fim. Agora, aos que alcançamvê-lo, todo o ar de um defunto.

Um senhor piedoso dobra o paletó de Dario para lhe apoiar a cabeça. Cruza as mãos no peito. Não consegue fechar olho nem boca, onde a espuma sumiu. Apenas um homem morto e a multidão se espalha, as mesas do café ficam vazias. Na janela alguns moradores com almofadas para descansar os cotovelos.

Um menino de cor e descalço vem com uma vela, que acende ao lado do cadáver. Parece morto há muitos anos, quase o retrato de um morto desbotado pela chuva.

Fecham-se uma a uma as janelas. Três horas depois, lá está Dario à espera do rabecão. A cabeça agora na pedra, sem o paletó. E o dedo sem a aliança. O toco de vela apaga-se às primeiras gotas da chuva, que volta a cair.

Fonte: Trevisan (2009).

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

De frente pro crime

Tá lá o corpo
Estendido no chão
Em vez de rosto uma foto
De um gol
Em vez de reza
Uma praga de alguém
E um silêncio
Servindo de amém...

O bar mais perto
Depressa lotou
Malandro junto
Com trabalhador
Um homem subiu
Na mesa do bar
E fez discurso pra vereador...

Veio o camelô vender
Anel, cordão
Perfume barato
Baiana pra fazer pastel
E um bom churrasco de gato
Quatro horas da manhã
Baixou o santo
Na porta-bandeira
E a moçada resolveu
Parar, e então...

Tá lá o corpo
Estendido no chão
Em vez de rosto uma foto
De um gol
Em vez de reza
Uma praga de alguém
E um silêncio
Servindo de amém...

Sem pressa foi cada um
Pro seu lado
Pensando numa mulher
Ou no time
Olhei o corpo no chão
E fechei
Minha janela
De frente pro crime...

Veio o camelô vender
Anel, cordão
Perfume barato
Baiana prá fazer pastel
E um bom churrasco de gato
Quatro horas da manhã
Baixou o santo
Na porta-bandeira
E a moçada resolveu
Parar, e então...(2x)
Tá lá o corpo
Estendido no chão...

Fonte: Blanc e Bosco (1975).



Saiba mais

Ouça a música no seguinte *link*:

BLANC, A.; BOSCO, J. De frente pro crime. Intérprete: João Bosco. In: Caça à raposa. RCA, 1975. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/joao-bosco/de-frente-pro-crime.html>>. Acesso em: 14 jul. 2018.

Embora tenham estruturas de composição bem distintas, podemos ver que os dois textos apresentam um tema comum: a banalização da morte. Em ambos, alguém morre (por doença ou por crime) e isso não causa, como se poderia esperar, comoção na maior parte das pessoas.

No conto, os transeuntes aproveitam para furtar os pertences do homem que tem um mal súbito enquanto caminhava pelas ruas. Na música, o cadáver no chão faz juntar uma multidão movida pela curiosidade e pela oportunidade de vender alguma coisa ou de se promover politicamente. As duas narrativas têm como espaço um cenário urbano em que prevalece o individualismo. As pessoas se valem do episódio em benefício próprio. As expressões de respeito ao defunto, em ambos os casos, são minoritárias: no conto, o senhor piedoso que coloca o paletó para apoiar a cabeça do homem e o menino que acende a vela cumprem esse papel; na música, há apenas o "silêncio servindo de amém".

Como já dissemos, podemos associar textos de diferentes gêneros. Vamos, agora, ler uma charge e a fala de um personagem em um filme.



Figura 77

"O que é real? Como define real? Se você está falando do que pode ser cheirado, provado e visto, então real é simplesmente um sinal elétrico interpretado pelo seu cérebro" (Morpheus, *In: Matrix*, 1999).

Vamos analisar como relacionar os dois textos.

Morpheus afirma que, se entendemos o real como aquilo que podemos sentir, ele é apenas a interpretação de um sinal elétrico pelo cérebro. Nos quadrinhos, vemos um personagem que está presente em todas as redes sociais, e isso faz com que ele esteja mais ausente no "mundo real".

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Para reforçar a ideia de que o personagem passa muito tempo na internet, temos o título "o blogueiro profissional".

Dessa forma, observamos que os dois textos tratam da questão do real e do virtual. Os quadrinhos colocam os termos em uma relação de oposição. A fala do personagem do filme, por sua vez, considera que real é aquilo que é interpretado pelo nosso cérebro como tal.

Para dar continuidade à leitura conjunta de dois textos, vamos resolver uma questão.

Exemplo de aplicação

Leia os quadrinhos e um trecho do artigo *Por quem rosna o Brasil*, de Eliane Brum.



Figura 78

Por quem rosna o Brasil

Inventar inimigos para a população culpar tem se mostrado um grande negócio nesse momento do país. Se as pessoas sentem-se acuadas por uma violência de causas complexas, por que não dar a elas um culpado fácil de odiar, como "menores" violentos, os pretos e pobres de sempre, e, assim, abrir espaço para a construção de presídios ou unidades de internação? Se os "empreendimentos" comprovadamente não representam redução de criminalidade, certamente rendem muito dinheiro para aqueles que vão construí-los e também para aqueles que vão fazer a engrenagem se mover para lugar nenhum. Depois, o passo seguinte pode ser aumentar a pressão sobre o debate da privatização do sistema prisional, que para ser lucrativo precisa do crescimento do número já apavorante de encarcerados.

Se há tantos que se sentem humilhados e diminuídos por uma vida de gado, por que não convencê-los de que são melhores que os outros pelo menos em algum quesito? Que tal dizer a eles que são superiores porque têm a família "certa", aquela "formada por um homem e por uma mulher? (...) Fabricar "cidadãos de bem" numa tábua de discriminações e preconceitos tem se mostrado uma fórmula de sucesso no mercado da fé.

A invenção de inimigos dá lucro e mantém tudo como está, porque, para os profetas do ódio, o Brasil está ótimo e rendendo dinheiro como nunca. Ou que emprego teriam estes apresentadores, se não tiverem mais corpos mortos para ofertar no altar da TV? (...)

O Brasil do futuro não chegará ao presente sem fazer seu acerto com o passado. Entre tantas realidades simultâneas, este é o país que lincha pessoas; que maltrata imigrantes africanos, haitianos e bolivianos; que assassina parte da juventude negra sem que a maioria se importe; que massacra povos indígenas para liberar suas terras, preferindo mantê-los como gravuras num livro de história a conviver com eles; em que as pessoas rosnam umas para as outras nas ruas, nos balcões das padarias, nas repartições públicas; em que os discursos de ódio se impõem nas redes sociais sobre todos os outros; em que proclamar a própria ignorância é motivo de orgulho na internet; em que a ausência de "catástrofes naturais", sempre vista como uma espécie de "bênção divina" para um povo eleito, já deixou de ser um fato há muito; em que as paisagens "paradisíacas" são borradas pelo inferno da contaminação ambiental e a Amazônia, "pulmão do mundo", vai virando soja, gado e favela – quando não hidrelétricas como Belo Monte, Jirau e Santo Antônio.

Fonte: Brum (2015).

Exemplo de aplicação

Com base na leitura, analise as afirmativas a seguir:

I – A associação do sentimento da raiva com a doença que ataca os animais, nos quadrinhos, indica que os focos contagiosos da raiva devem ser extermínados com medidas sanitárias, isto é, com a eliminação dos seus agentes.

II – De acordo com Brum, a invenção de culpados a serem odiados interessa a um setor socialmente privilegiado.

III – A cultura do ódio, disseminada nas redes sociais, é importante, na visão de Brum, porque contribui para a liberdade de expressão.

IV – Os dois textos colocam os meios de comunicação como disseminadores da cultura do ódio e procuram alertar para o caráter maléfico dela.

Está correto o que se afirma apenas em:

A) I, II e IV.

B) II, III e IV.

C) II e IV.

D) I e IV.

E) I e II.

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Vamos analisar as afirmativas.

A primeira refere-se apenas aos quadrinhos e atribui a eles uma ideia que não está presente no texto. Em nenhum momento, os quadrinhos pregam a adoção de medidas sanitárias. O que se nota é a exploração de dois significados da palavra raiva. No início, temos a impressão de que o personagem está se referindo à doença. O humor acontece com a quebra dessa expectativa no último quadrinho.

Avaliar a segunda afirmativa exige a compreensão do artigo de opinião de Eliane Brum. Ela afirma que "a invenção de inimigos dá lucro e mantém tudo como está, porque, para os profetas do ódio, o Brasil está ótimo e rendendo dinheiro como nunca". Em outras palavras, ela defende a ideia de que há pessoas que lucram com a propagação do ódio. Afirma, ainda, que atribuir culpas é uma forma de evitar que as pessoas percebam a complexidade dos problemas brasileiros. Dessa forma, a afirmativa II é correta.

A terceira afirmativa coloca que a autora do artigo considera que a cultura do ódio contribui para a liberdade de expressão, e isso não é verdade, pois o objetivo do texto é criticar a fabricação de inimigos a serem odiados.

Por fim, a última afirmativa refere-se aos dois textos, quadrinhos e artigo. De fato, ambos atribuem aos meios de comunicação a disseminação da "raiva" ou da "cultura do ódio". Os quadrinhos mencionam as redes sociais e o texto de Brum cita os programas televisivos.

Dessa forma, a alternativa correta é a C.

Vamos agora associar três textos, de gêneros diferentes, que abordam o mesmo tema.

Texto 1

Racismo no Brasil

O Brasil de hoje é herdeiro de uma sociedade colonial e imperial escravocrata, em que o negro ocupou fundamentalmente a posição de pessoa escravizada. O Brasil em 1888 foi o último país a abolir a escravidão nas Américas. Um abolicionismo incompleto, que não permitiu incluir o negro na ordem social capitalista (BASTIDE; FERNANDES, 2008).

A escravidão negra deixou marcas profundas de discriminação em nossa sociedade, inclusive escutamos insultos raciais atuais exigindo que negros e negras voltem "para a senzala". Mas será que o racismo contra o negro brasileiro atualmente só existe por causa do "tempo do cativeiro"? Há pessoas racistas que nem sabem e nem mencionam esse contexto. Elas afirmam que não gostam de "negros", tem raiva dos "pretos" e que estes são "fedidos", "sujos" e "preguiçosos". O racismo opera cotidianamente por meio de piadas, causos, ditos populares etc. Afinal de contas, temos uma variedade de expressões correntes na língua portuguesa recheadas de racismo contra os negros. [...]

Fonte: Figueiredo e Albuquerque (2015).

Texto 2



Figura 79

Texto 3

"Estamos num momento em que o racismo não é mais permitido. Vamos rebater."

Youtuber Spartakus Santiago respondeu ao comentário racista da celebridade virtual Júlio Cocielo, que tuitou que jogador negro Mbappé conseguiria fazer "arrastão top na praia"

Felipe Betim

Uma piada racista é apenas uma brincadeira ou revela como os negros são vistos no Brasil? A questão veio mais uma vez à tona no último sábado, quando o influenciador digital Júlio Cocielo indignou milhares de internautas ao postar em seu perfil no Twitter, que conta com quase 7,5 milhões de seguidores, que o jogador negro francês – e revelação da Copa do Mundo Rússia 2018 – Lylian Mbappé "conseguiria fazer um arrastão top na praia". A mensagem foi apagada e o youtuber escreveu um pedido de desculpas, em que afirmava ter se referido à velocidade do craque, mas o estrago já estava feito: mensagens racistas antigas tuitadas por ele foram recuperadas, e as empresas que o patrocinam foram questionadas nas redes sociais. O episódio fez a celebridade virtual perder patrocínios e mobilizou ativistas contra o *influencer*. Na segunda-feira foi a vez do também youtuber Spartakus Santiago se pronunciar. Ele publicou um vídeo como resposta, que teve até a tarde desta terça mais de 1,5 milhão de visualizações.

"Ele pensou em uma piada rápida quando viu o jogador correndo e associou a primeira coisa que veio na cabeça dele. E a imagem que veio de uma pessoa negra correndo foi a um arrastão. Esse é o tipo de associação que não acontece quando veem um jogador branco correr. Eu nunca vi um jogador branco ser associado a um ladrão porque está correndo rápido", explica Santiago ao *El País*. "Nós [negros] somos associados com bandidos diariamente. Não tem como achar que isso é piada. Tem muitas coisas que são apenas brincadeiras, mas que na verdade nos oprimem".

No vídeo, Santiago lembra que Mbappé ganha o equivalente a 90.000 reais por jogo na Copa do Mundo e doa toda essa quantia para instituições de caridade. "Mas isso não importa, porque ele é negro. E negro correndo para brasileiro é gente fazendo arrastão", argumenta o baiano, de 23 anos. "Tudo porque o consciente coletivo diz que preto é automaticamente ladrão. E você, Cocielo, como grande influenciador, *youtuber* com milhões de seguidores, está reforçando esse pensamento". Foi criada a hashtag #RacismoNãoÉPiada e outros ativistas e *influencers* também responderam ao comentário racista.

Formado em comunicação pela UFF e em direção de arte pela Miami Ad School, Santiago inaugurou seu canal no Youtube em 2017, hoje com mais de 60.000 inscritos, para falar de temas como LGBTfobia, racismo, desigualdade racial, colorismo, apropriação cultural, entre outros. O objetivo, explica em seu perfil no Facebook, é "utilizar uma linguagem didática" para debater esses temas "através dos acontecimentos da mídia". Foi com isso em mente que ele publicou, junto com o *youtuber* AD Junior e o jornalista Edu Carvalho, um vídeo sobre como a população negra deveria sobreviver a uma abordagem policial indevida durante a intervenção federal no Rio de Janeiro. Não foi diferente após a publicação e repercussão do tweet racista de Cocielo. "O intuito da minha resposta foi esclarecer as pessoas de por que aquilo é racista, já que muita gente fica dizendo que é mimimi, que é besteira, sem querer se preocupar em entender o contexto", explica ele. "Também para que o próprio Cocielo entenda e se posicione, já que ele está em silêncio até agora. Para não perder mais nenhum outro patrocínio, ele não está falando nada, mas ele precisa se posicionar! Porque ele fez algo muito ruim".

Cocielo até pediu desculpas por sua mensagem e se disse arrependido, mas apenas no Twitter – em seu canal de Youtube, chamado Canal Canalha, com quase 17 milhões de inscritos, não há nenhum vídeo prestando esclarecimentos. Também apagou todos os seus tweets, muitos deles com conteúdos racistas ainda mais agressivos. "O Brasil seria mais lindo se não houvesse frescura com piadas racistas. Mas já que é proibido, a única solução é exterminar os negros", diz em um deles. "Nada contra os negros, tirando a melanina", comenta em outro. "Eu queria ter gravado um vídeo sobre o dia da consciência negra, só que aí dei certo porque na cela não tem wi-fi".

(...)

"O que mudou é que ele postou essas outras mensagens em 2013, quando a gente não estava num momento de tanto debate sobre negritude, movimentos LGBT ou feminismo. Eram questões que pessoas ignoravam ou levavam na brincadeira, achavam que era piada de 'humor negro'", explica Santiago. "Graças a Deus estamos num momento em que isso não é mais permitido. Vamos rebater", acrescenta. E uma das importâncias em sempre rebater, explica Santiago, está no fato de que a maior parte dos fãs e seguidores de Cocielo são adolescentes e crianças. "Tudo o que ele fala essas pessoas concordam. Mesmo com toda a mídia se posicionando contra o Cocielo, muitos dos fãs ainda estão apoiando. O perigo mora aí, porque são pessoas que começam a

achar que piada racista é bobagem e vão reproduzir esses comportamentos na escola, na rua, em casa... E vai ser terrível para todos nós".

Marcas retiram patrocínios

Adidas, Submarino e Itaú são algumas das marcas que até esta semana patrocinavam – inclusive a viagem até a Rússia para a Copa – ou possuíam campanhas publicitárias com Cocielo. Gillette, Coca-Cola e McDonald's estão entre as que também já tiveram alguma relação com o rapaz. Pressionadas, elas suspenderam qualquer tipo de relação e se posicionaram contra a mensagem. A Adidas, a mais cobrada entre elas, disse que repudia "todo e qualquer tipo de discriminação". Para Santiago, essas marcas também têm responsabilidades, por estarem "pagando o racismo dessa pessoa", opina. "É bom que tenham ciência, porque os influenciadores são um fenômeno recente, com um poder de influência enorme, e as empresas têm que entender como lidar com isso", argumenta. Ele afirma ainda que as marcas pecaram ao não pesquisarem os tweets antigos de Cocielo, o que mostra que elas ainda "não estão preparadas para selecionar influenciadores" e que precisam "se profissionalizar nisso para depois não terem prejuízo". E acrescenta: "Não é só porque uma pessoa tem um milhão de seguidores que por isso vão poder confiar nelas para trazer retorno para o negócio. Se o influenciador que você atrelou sua marca fizer alguma coisa ruim, a sua marca também vai por água abaixo. É preciso não só analisar a quantidade, mas também a qualidade".

Santiago também reclama da pouca diversidade de *youtubers* patrocinados. "No Lollapalooza, todos eles eram brancos. As empresas ainda não acordaram para essas questões. Nessas seleções de quem elas dão voz, elas acabam às vezes reforçando opressões. É preciso que essas empresas notem não só o que falam, mas também as diversidades e quem eles representam". Sobre Cocielo, diz ainda não considerá-lo uma pessoa conservadora, mas, sim, despolitizada "que ignora esses debates porque quer manter o privilégio de fazer suas piadas".

Temos três gêneros textuais distintos: um texto acadêmico, uma história em quadrinhos e uma reportagem. O assunto dos três é o racismo. O primeiro e o terceiro tratam especificamente do caso do Brasil. O primeiro aponta causas históricas para esse problema, atribuindo-o, em boa parte, a nosso passado escravocrata. O terceiro aborda um caso recente, ocorrido na Copa do Mundo de 2018, em que um influenciador digital fez uma piada com teor racista. Os quadrinhos, por sua vez, não se referem a um local específico (o autor de Mafalda, Quino, é argentino) e mostram como o racismo é, muitas vezes, interiorizado e nem sequer percebido ou admitido pela pessoa. Podemos dizer que o segundo e o terceiro textos figurativizam, por meio de exemplos, o que o primeiro enuncia de forma temática.

Repare que a interpretação conjunta dos três textos permite que o leitor amplie sua visão sobre o problema. Isso é muito importante quando se deseja conhecer mais sobre um tema ou quando se deve produzir um texto sobre ele, como acontece, por exemplo, nas redações solicitadas nos processos seletivos.

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Veja, por exemplo, a proposta do Enem 2016.

TEXTOS MOTIVADORES

TEXTO I

Em consonância com a Constituição da República Federativa do Brasil e com toda a legislação que assegura a liberdade de crença religiosa às pessoas, além de proteção e respeito às manifestações religiosas, a laicidade do Estado deve ser buscada, afastando a possibilidade de interferência de correntes religiosas em matérias sociais, políticas, culturais etc.

Disponível em: www.mprj.mp.br. Acesso em: 21 maio 2016 (fragmento).

TEXTO II

O direito de criticar dogmas e encaminhamentos é assegurado como liberdade de expressão, mas atitudes agressivas, ofensas e tratamento diferenciado a alguém em função de crença ou de não ter religião são crimes inafiançáveis e imprescritíveis.

STECK, J. Intolerância religiosa é crime de ódio e fere a dignidade. *Jornal do Senado*. Acesso em: 21 maio 2016 (fragmento).

TEXTO III

CAPÍTULO I

Dos Crimes Contra o Sentimento Religioso
Ulaje a culto e impedimento ou perturbação de ato a ele relativo

Art. 208 - Escarnecer de alguém publicamente, por motivo de crença ou função religiosa; impedir ou perturbar cerimônia ou prática de culto religioso; vilipendiar publicamente ato ou objeto de culto religioso:

Pena - detenção, de um mês a um ano, ou multa.

Parágrafo único - Se há emprego de violência, a pena é aumentada de um terço, sem prejuízo da correspondente à violência.

BRASIL. Código Penal. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 21 maio 2016 (fragmento).

TEXTO IV

Intolerância Religiosa no Brasil

Féis de religiões afro-brasileiras são as principais vítimas de discriminação

Número de denúncias por religião (2011 a 2014*)

Religião	Número de denúncias (2011 a 2014)
Afro-brasileira	75
Evangélica	58
Espírita	27
Católica	22
Ateus	8
Judaica	6
Islâmica	5
Outras	15

*Até jul. 2014

Fonte: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República
Disponível em: www1.folha.uol.com.br. Acesso em: 31 maio 2016 (adaptado).

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema "Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil", apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Figura 80

Observe que a função da coletânea é fornecer informações para que o candidato possa desenvolver o seu texto. Além disso, espera-se que o estudante seja capaz de acionar outros conhecimentos do seu repertório. Essa capacidade associativa é de grande valor não só em vestibulares ou processos de admissão em empresas, como também no nosso desenvolvimento intelectual.

Todavia, nem sempre o tema de uma coletânea aparece explicitado como no exemplo anterior. Em alguns casos, exige-se que o candidato seja capaz de identificar o que há em comum entre os textos. Isso se observa na proposta de redação da Fuvest 1995, reproduzida a seguir:

Redação

Redija no caderno de Redação



ANDY WARHOL, Marilyn Monroe, 1962.
Óleo sobre tela, 91 x 55 3/4

Em muitas pessoas já é um desacramento dizerem "Eu".

[T.W. Adorno]

Não há sempre sujeito, ou sujeitos. (...) Digamos que o sujeito é *raro*, tão raro quanto as verdades.

[A. Badiou]

Todos são livres para dançar e para se divertir, do mesmo modo que, desde a neutralização histórica da religião, são livres para entrar em qualquer uma das inúmeras seitas. Mas a liberdade de escolha da ideologia, que reflete sempre a coerção econômica, revela-se em todos os setores como a liberdade de escolher o que é sempre a mesma coisa.

[T.W. Adorno]

Relacione os textos e a imagem acima e escreva uma dissertação em prosa, discutindo as idéias neles contidas e expondo argumentos que sustentem o ponto de vista que você adotou.

Figura 81

Para identificar o tema proposto, vamos ler cada texto da coletânea. Temos um quadro do artista *pop* Andy Warhol em que a figura de Marilyn Monroe é reproduzida em série de tal forma que a singularidade da atriz é eliminada. Ao lado, são apresentados dois trechos do filósofo Adorno, um dos expoentes da Escola de Frankfurt e crítico da indústria cultural: no primeiro, ele afirma a dificuldade de se manter a subjetividade (poder dizer "eu") e, no segundo, coloca que as escolhas que fazemos, apesar de parecerem livres, são direcionadas pelo poder econômico. Por fim, um trecho do filósofo Badiou em que se afirma a raridade do sujeito.

Dessa forma, observamos que todos os textos têm em comum a perda da subjetividade/singularidade devido à massificação de valores e comportamentos impostos pelo poder econômico. A dissertação do candidato deveria, portanto, abordar esse tema.



Resumo

Nesta unidade, destacamos a leitura de textos que, de alguma forma, valem-se da linguagem verbal na sua forma de expressão. Vimos que existem diversos gêneros textuais, que apresentam estruturas e características compostonais distintas. Claro que não abordamos todos os tipos possíveis de textos, mas procuramos mencionar alguns daqueles que estão constantemente presentes no nosso dia a dia.

Fizemos a interpretação de alguns textos híbridos, mostrando que, nesses casos, é importante prestarmos atenção na combinação entre os elementos verbais e não verbais.

Os textos escritos, por sua vez, apresentam níveis de dificuldade de leitura bastante variáveis, que dependem do vocabulário utilizado, da sintaxe dos períodos e do tema. Vimos que os textos literários permitem várias interpretações.

Em resumo, em cada texto, temos de prestar atenção nos seus elementos internos e devemos sempre associá-lo ao contexto externo e ao nosso conhecimento de mundo. Não podemos, no entanto, permitir que nossas crenças e visões de mundo atrapalhem a interpretação. O bom leitor não pode dialogar com um texto sem, de fato, entender sua mensagem.



Exercícios

Questão 1. Leia o artigo de Leão Serva e observe a charge.

No Dia do Índio, nada a comemorar, só razões para protestar

Índios brasileiros e apoiadores britânicos fazem protesto diante da Embaixada do Brasil em Londres em 19 de abril, Dia do Índio. Vão dizer que as populações tradicionais não têm nada que comemorar no dia consagrado a elas. E tentarão atrair a atenção de quem compra produtos brasileiros no exterior para o sangue indígena que mancha nossas *commodities* agropecuárias e minerais.

É irônico que, em um regime democrático, protestos desse tipo aconteçam na capital britânica como ocorriam antes, durante a Ditadura Militar, a cada visita de presidente ou representantes do regime. No entanto, chamar a atenção dos países que podem influenciar o Brasil, sempre tão cioso de sua imagem externa, é a única ação que restou diante dos ataques à proteção ambiental e aos direitos indígenas pela atual administração federal com amplo apoio no Congresso.

(...) O protesto na sede da representação diplomática brasileira tem o apoio, em Londres, da organização Survival International. Na semana passada, outra entidade, o Observatório do Clima, que reúne cerca de 40 organizações ambientalistas, criticou as medidas do Executivo Federal que apressam a desmontagem dos dispositivos consagrados na Constituição de 1988. Chama atenção para a coincidência entre esses ataques às leis de proteção ambiental no momento em que cresce a desmoralização da elite política do país, sob acusações de corrupção.

(...) Entre as medidas tomadas pelo Congresso, exatamente quando crescem as denúncias contra legisladores, estão leis que reduzem as áreas de preservação ambiental: "Na última terça-feira (11/4), uma comissão do Congresso Nacional retaliou um conjunto de unidades de conservação na Amazônia e na Mata Atlântica, liberando para grilagem 660 mil hectares de terras públicas que haviam sido ilegalmente ocupadas e vêm sendo desmatadas (...). Na quarta-feira (12/4), em sete minutos, outra comissão especial do Congresso aprovou a Medida Provisória 758, que reduz outros 442 mil hectares de unidades de conservação na Amazônia – em dois dias, 1,1 milhão de hectares".

Os ataques à legislação de proteção dos índios e do ambiente coincidem também com o aumento vertiginoso na devastação das florestas: a devastação cresceu 60% nos últimos dois anos, pondo em risco a meta brasileira de chegar a 2020 com redução de 80% na taxa, lançando dúvidas sobre a seriedade do compromisso do governo brasileiro com o Acordo de Paris.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/leaoserva/2017/04/1876433-no-dia-do-indio-nada-a-comemorar-so-razoes-para-protestar.shtml>>. Acesso em: 19 abr. 2017. Adaptado.



Figura 82

Com base na leitura, analise as afirmativas:

I – O objetivo da charge é mostrar que, apesar de os índios perderem recursos naturais, houve, para eles, a compensação do acesso à tecnologia.

II – De acordo com o texto, o protesto em Londres tem por objetivo denunciar ao mundo medidas do governo contra a proteção ambiental e contra os direitos indígenas.

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

III – Os índios brasileiros, como mostra a charge, têm sido submetidos a um processo de aculturação, que lhes traz piores condições de vida.

IV – Segundo o texto, o Brasil tem hoje 1,1 milhão de hectares de áreas devastadas.

É correto o que se afirma somente em:

- A) I, II e III.
- B) II, III e IV.
- C) II e IV.
- D) I e III.
- E) II e III.

Resposta correta: alternativa correta E.

Análise das afirmativas

I – Afirmativa incorreta.

Justificativa: o objetivo da charge é mostrar a degradação da condição de vida dos indígenas como consequência de alterações na sua cultura e nas suas terras.

II – Afirmativa correta.

Justificativa: segundo o texto, o protesto "é a única ação que restou diante dos ataques à proteção ambiental e aos direitos indígenas pela atual administração federal com amplo apoio no Congresso". Logo, o protesto visa a denunciar a perda de direitos indígenas e o descaso da proteção ambiental por parte do governo.

III – Afirmativa correta.

Justificativa: a charge mostra, no quadro da direita, um índio com roupas de "homem branco", ostentando marcas, com uma garrafa de bebida alcoólica e tirando uma *selfie*: situações que não pertenciam ao universo original dos nativos. Note a diferença nas expressões faciais do índio, que expressa alegria no ambiente da floresta e mostra tristeza quando imerso no mundo do "homem branco".

IV – Afirmativa incorreta.

Justificativa: segundo o texto, "na última terça-feira (11/4), uma comissão do Congresso Nacional retalhou um conjunto de unidades de conservação na Amazônia e na Mata Atlântica, liberando para grilagem 660 mil hectares de terras públicas que haviam sido ilegalmente ocupadas e vêm sendo

desmatadas (...). Na quarta-feira (12/4), em sete minutos, outra comissão especial do Congresso aprovou a Medida Provisória 758, que reduz outros 442 mil hectares de unidades de conservação na Amazônia – em dois dias, 1,1 milhão de hectares". Com essas duas Medidas Provisórias, foi autorizada a devastação de 1,1 milhão de hectares a mais do que já havia sido devastado anteriormente. Vale notar que ocorre, ainda, a devastação ilegal (não considerada nesses números).

Questão 2. Leia o texto a seguir:

Graduação a distância dispara no país e diversifica leque de cursos

Em uma década, a quantidade de alunos de graduação a distância cresceu 23 vezes. A oferta de vagas diversificou – saltando de 8 para um leque de 84 cursos. Os formandos, antes pouco além de 4.000, alcançam 161 mil.

Os indicadores mostram como a graduação a distância ganhou espaço no país e conseguiu se expandir para setores até então inexplorados.

Em 2003, esses cursos beiravam 50 mil matrículas – 1,3% do total da graduação. Em 2013, 1,15 milhão – 15,7%.

A maioria absoluta das matrículas – 97,2% – estava concentrada antes na área de educação, como pedagogia. Agora, essa fatia caiu para 38,9% devido ao crescimento de outros cursos – que incluem ciências contábeis, enfermagem e engenharia.

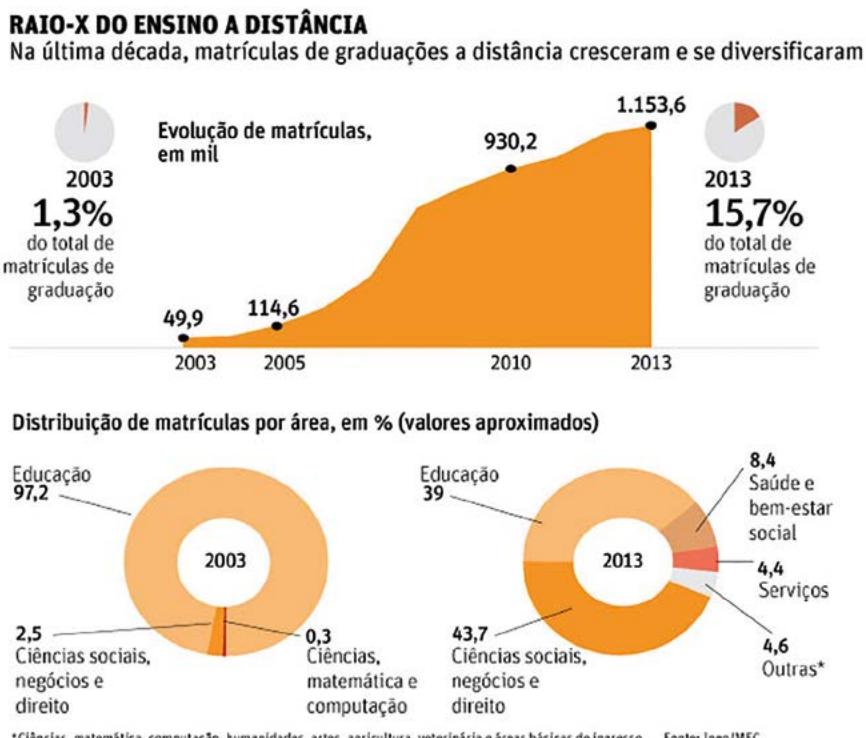


Figura 83

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Com base na leitura, analise as afirmativas.

I – O número de formandos de cursos superiores à distância aumentou aproximadamente 4.000% em dez anos.

II – De 2003 a 2013, o número de matrículas aumentou 14,4%.

III – Houve crescimento na proporção de matrículas nos cursos de Ciências Sociais, Negócios e Direito e o número de matrículas nos cursos de Pedagogia caiu.

Assinale a alternativa correta:

- A) Nenhuma afirmativa está correta.
- B) Apenas as afirmativas II e III estão corretas.
- C) Apenas a afirmativa I está correta.
- D) Apenas as afirmativas I e III estão corretas.
- E) Todas as afirmativas estão corretas.

Resolução desta questão na plataforma.

FIGURAS E ILUSTRAÇÕES

Figura 1

CAMPADELLI, S. Y.; SOUZA, J. *Produção de textos e usos da linguagem: curso de redação*. São Paulo: Saraiva, 1998, p. 86.

Figura 2

Grupo Unip-Objetivo.

Figura 3

FIORIN, J. L.; PLATÃO, F. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 2011, p. 315.

Figura 4

FIORIN, J. L.; PLATÃO, F. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 2011, p. 315.

Figura 6

HENFIL. *Graúna ataca outra vez*. São Paulo: Geração, 1994.

Figura 7

0000_01_N01.PNG. Disponível em: <http://www.objetivo.br/conteudoonline/imagens/conteudo_1517/0000_01_n01.png>. Acesso em: 20 set. 2018.

Figura 8

SARMENTO, L. L. *Oficina de redação*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006, p. 112.

Figura 9

A_68_1.GIF. Disponível em: <http://www.objetivo.br/conteudoonline/imagens/conteudo_367/A_68_1.gif>. Acesso em: 17 set. 2018.

Figura 10

ABAURRE, M. L.; PONTARA, M. N. *Gramática: texto – análise e construção de sentido*. São Paulo: Moderna, 2006, p. 99.

Figura 11

ABAURRE, M. L.; PONTARA, M. N. *Gramática: texto – análise e construção de sentido*. São Paulo: Moderna, 2006, p. 110.

Figura 12

LAERTE. *Classificados*: livro 3. São Paulo: Devir, 2004, p. 11.

Figura 13

29_LETRAS_PORTUGUES_BACHARELADO.PDF. p. 16. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/provas/2014/29_letras_portugues_bacharelado.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018.

Figura 14

ABAURRE, M. L.; PONTARA, M. N. *Português*. São Paulo: Moderna, 1999, p. 63.

Figura 15

SARMENTO, L. L. *Oficina de redação*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006, p. 48.

Figura 16

Grupo UNIP-Objetivo.

Figura 17

Grupo UNIP-Objetivo.

Figura 18

A) HIEROGLYPH-597658_960_720.JPG. Disponível em: <https://cdn.pixabay.com/photo/2015/01/12/20/47/hieroglyph-597658_960_720.jpg>. Acesso em: 10 out. 2018.

Figura 18

B) EMOJI-2762568_960_720.PNG. Disponível em: <https://cdn.pixabay.com/photo/2017/09/18/17/32/emoji-2762568_960_720.png>. Acesso em: 10 out. 2018.

Figura 19

SMOKING-BAN-1503076_960_720.JPG. Disponível em: <https://cdn.pixabay.com/photo/2016/07/07/19/25/smoking-ban-1503076_960_720.jpg>. Acesso em: 10 out. 2018. Adaptada.

Figura 20

SMOKING-BAN-1503076_960_720.JPG. Disponível em: <https://cdn.pixabay.com/photo/2016/07/07/19/25/smoking-ban-1503076_960_720.jpg>. Acesso em: 10 out. 2018. Adaptada.

Figura 22

SMOKING-BAN-1503076_960_720.JPG. Disponível em: <https://cdn.pixabay.com/photo/2016/07/07/19/25/smoking-ban-1503076_960_720.jpg>. Acesso em: 10 out. 2018. Adaptada.

Figura 23

1280PX-OFFICE_TOWERS_AND_FAVELA_-_RIO_DE_JANEIRO_-_BRAZIL.JPG. Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/a/ae/Office_Towers_and_Favela_-_Rio_de_Janeiro_-_Brazil.jpg/1280px-Office_Towers_and_Favela_-_Rio_de_Janeiro_-_Brazil.jpg>. Acesso em: 31 out. 2018.

Figura 24

PIRAMIDE.PDF. Disponível em: <<http://arte.folha.uol.com.br/mercado/2014/01/16/piramide.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2018.

Figura 25

SARMENTO, L. L. *Oficina de redação*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006, p. 416.

Figura 26

CAMPADELLI, S. Y.; SOUZA, J. *Produção de textos e usos da linguagem*. Curso de redação. São Paulo: Saraiva, 1998, p. 12.

Figura 27

CLUBE DE CRIAÇÃO DE SÃO PAULO. *33º anuário do clube de criação de São Paulo*. São Paulo: Matrix, 2009, p. 153.

Figura 28

ABAURRE, M. L.; PONTARA, M. N. *Português*. São Paulo: Moderna, p. 83.

Figura 29

FIORIN; PLATÃO. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 2011, p. 134.

Figura 30

CARVALHO, R. G. *Interpretação de texto*. São José dos Campos: Sistema Poliedro de Ensino, 2011, p. 65.

Figura 31

Grupo Unip-Objetivo.

Figura 32

VERISSIMO, L. F. *As cobras e outros bichos (inclusive o homem)*. Porto Alegre: LPM, 1977.

Figura 33

DISCINI, N. *Comunicação nos textos*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 48.

Figura 34

SARMENTO, L. L. *Oficina de redação*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006, p. 410.

Figura 35

GLAUCO; ANGELI. *Era Itamar: 100 charges*. São Paulo: Editora da Folha de São Paulo, 1993, p. 75.

Figura 36

IMAGE?URL=HTTPS%3A%2F%2FTIMEDOTCOM.FILES.WORDPRESS.COM%2F2018%2F06%2FTRUMP-IMMIGRATION-FINAL.JPG&W=500&Q=85. Disponível em: <<https://imagesvc.timeincapp.com/v3/mm/image?url=https%3A%2F%2Ftimedotcom.files.wordpress.com%2F2018%2F06%2Ftrump-immigration-final.jpg&w=500&q=85>>. Acesso em: 20 out. 2018.

Figura 37

BECK, A. *Armandinho*. São Paulo: Matrix, 2017, p. 27.

Figura 38

CONTEUDO_815/07.PNG. Disponível em: <http://www.objetivo.br/conteudoonline/imagens/conteudo_815/07.png>. Acesso em: 20 set. 2018.

Figura 39

FIORIN, J. L.; PLATÃO, F. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 2011, p. 306.

Figura 40

19941110-36912-NAC-0090-ECO-B10-NOT.JPG. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/publicados/1994/11/10/m/19941110-36912-nac-0090-eco-b10-not.jpg>>. Acesso em: 11 out. 2018.

Figura 41

SERVICO_SOCIAL_2010.PDF. 2010, p. 12. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/provas/2010/servico_social_2010.pdf>. Acesso em: 11 out. 2018.

Figura 42

POR_BIO.PDF. 1991, p. 3. Disponível em: <http://www.comvest.unicamp.br/vest_anteriores/1991/download/POR_BIO.pdf>. Acesso em: 11 out. 2018.

Figura 43

CAMPADELLI, S. Y.; SOUZA, J. *Produção de textos e usos da linguagem: curso de redação*. São Paulo: Saraiva, 1998, p. 251.

Figura 44

05_AMARELO_GAB.PDF. 2011, p. 19. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2011/05_AMARELO_GAB.pdf>. Acesso em: 11 out. 2018.

Figura 45

QUINO. *Não fui eu*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 6.

Figura 46

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Gramática: texto, reflexão e uso*. São Paulo: Atual, 1998, p. 7.

Figura 47

CADERNO_ENEM2013_DOM_AMARELO.PDF. 2013, p. 8. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2013/caderno_enem2013_dom_amarelo.pdf>. Acesso em: 11 out. 2018.

Figura 48

KITTEN-1531754_960_720.PNG. Disponível em: <https://cdn.pixabay.com/photo/2016/07/21/02/29/kitten-1531754_960_720.png>. Acesso em: 11 out. 2018.

Figura 49

A) RESTAURANT-895426_960_720.PNG. Disponível em: <https://cdn.pixabay.com/photo/2015/08/19/02/27/restaurant-895426_960_720.png>. Acesso em: 11 out. 2018.

Figura 49

B) TRAFFIC-SIGN-6732_960_720.PNG. Disponível em: <https://cdn.pixabay.com/photo/2011/04/14/21/09/traffic-sign-6732_960_720.png>. Acesso em: 11 out. 2018.

Figura 51

PROVA_DE_FORMACAO_GERAL.PDF. 2006, p. 5. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/download/enade/2006/Provas/PROVA_DE_FORMACAO_GERAL.pdf>. Acesso em: 15 out. 2018.

Figura 52

DISCINI, N. *Comunicação nos textos*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 90.

Figura 53

NIVEL_SUPERIOR_COMPLETO_PROFESSOR_20_E_40H_-_ARTES_TIPO01.PDF. 2014, p. 8. Disponível em: <https://fgvprojetos.fgv.br/sites/fgvprojetos.fgv.br/files/concursos/nivel_superior_completo_professor_20_e_40h_-_artes_tipo01.pdf>. Acesso em: 15 out. 2018.

Figura 54

SANTANA, T.; DANTAS, A. *Céu de Luiz*. São Paulo: Edições Sesc, 2013.

Figura 55

2014/FUV2014_1FASE_PROVA_V.PDF. 2014, p. 19. Disponível em: <http://acervo.fuvest.br/fuvest/2014/fuv2014_1fase_prova_V.pdf>. Acesso em: 15 out. 2018.

Figura 56

FOLHA DE SÃO PAULO. *Primeira página*. 5. ed. São Paulo: Publifolha, 2000, p. 228.

Figura 57

PICASSO, P. *Guernica*. 1937. Óleo sobre tela. 349 cm x 776,5 cm.

Figura 58

TARSILA, A. *Abaporu*. 1928. Óleo sobre tela. 85 cm x 72 cm.

Figura 59

F9DXYSDF9DXYSD.JPG. Disponível em: <<http://i.imgur.com/f9DxYSd.jpg>>. Acesso em: 18 out. 2018.

Figura 60

SHOT0074.PNG. Disponível em: <http://lh3.googleusercontent.com/-H3g3UWDynZw/VIRpMGBtiNI/AAAAAAA_mE/nTkPqNhJW2U/s1600-h/Shot0074.png>. Acesso em: 18 out. 2018.

Figura 61

CAMPADELLI, S. Y.; SOUZA, J. *Produção de textos e usos da linguagem: curso de redação*. São Paulo: Saraiva, 1998, p. 116.

Figura 62

06_CS_PUBLICIDADE_PROPAGANDA.PDF. 2015, p. 17. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/provas/2015/06_cs_publicidade_propaganda.pdf>. Acesso em: 15 out. 2018.

Figura 63

QUINO. *Toda Mafalda*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 382.

Figura 64

BECK, A. *Armandinho*. Volumes de 0 a 10. São Paulo: Matrix, 2017, p. 21.

Figura 65

CLUBE DE CRIAÇÃO DE SÃO PAULO. *22º Anuário do clube de criação*. São Paulo, 1997.

Figura 66

CARVALHO, R. G. *Interpretação de texto*. São José dos Campos: Sistema Poliedro de Ensino, 2011, p. 9.

Figura 67

F12016QZ.PDF. 2016, p. 23. Disponível em: <<http://www.comvest.unicamp.br/wp-content/uploads/2017/02/f12016QZ.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2018.

Figura 68

FUV2015_2FASE_DIA1.PDF. 2015, p. 2. Disponível em: <http://acervo.fuvest.br/fuvest/2015/fuv2015_2fase_dia1.pdf>. Acesso em: 15 out. 2018.

Figura 69

GRUMP CAT. *Um livro azedo*. Caxias do Sul: Belas-Letras, 2014.

Figura 70

REVISTA VEJA. São Paulo: Abril, n. 1925, 5 out. 2005. Capa.

Figura 71

F12018Q.PDF. 2018. p. 2. Disponível em: <<http://www.comvest.unicamp.br/vest2018/F1/f12018Q.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2018.

Figura 72

2011/PEDAGOGIA.pdf. 2011, p. 5. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/provas/2011/PEDAGOGIA.pdf>. Acesso em: 1º out. 2018.

Figura 73

RENDAM%C3%A9DIA_MENSAL_DOMICILIAR_PER_CAPITA_(EM_R\$)_%C3%ADNDICE_CHARTBUILDER.PNG. Disponível em: <[https://www.nexojornal.com.br/incoming/58cnas-Renda_m%C3%A9dia_mensal_domiciliar_per_capita_em_R_%C3%ADndice_chartbuilder.png/ALTERNATES/FREE_640/Renda_m%C3%A9dia_mensal_domiciliar_per_capita_\(em_R\\$\)_%C3%ADndice_chartbuilder.png](https://www.nexojornal.com.br/incoming/58cnas-Renda_m%C3%A9dia_mensal_domiciliar_per_capita_em_R_%C3%ADndice_chartbuilder.png/ALTERNATES/FREE_640/Renda_m%C3%A9dia_mensal_domiciliar_per_capita_(em_R$)_%C3%ADndice_chartbuilder.png)>. Acesso em: 1º out. 2018.

Figura 74

2014/29_LETRAS_PORTUGUES_BACHARELADO.PDF. 2014, p. 7. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/provas/2014/29_letras_portugues_bacharelado.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2013. Adaptada.

Figura 75

%C3%8DNDICE_DE_GINI_(RENDIMENTO_DOMICILIAR_PER_CAPITA)_ZERO_A_1_CHARTBUILDER.PNG. Disponível em: <[https://www.nexojornal.com.br/incoming/o4gr42-%C3%8Dndice_de_Gini_rendimento_domiciliar_per_capita_zero_a_1_chartbuilder.png/ALTERNATES/FREE_640/%C3%8Dndice_de_Gini_\(rendimento_domiciliar_per_capita\)_zero_a_1_chartbuilder.png](https://www.nexojornal.com.br/incoming/o4gr42-%C3%8Dndice_de_Gini_rendimento_domiciliar_per_capita_zero_a_1_chartbuilder.png/ALTERNATES/FREE_640/%C3%8Dndice_de_Gini_(rendimento_domiciliar_per_capita)_zero_a_1_chartbuilder.png)>. Acesso em: 1º out. 2018.

Figura 76

AR4_SYR_FULL_REPORT.PDF. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/pdf/assessment-report/ar4/syr/ar4_syr_full_report.pdf>. Acesso em: 1º nov. 2018. Adaptada.

Figura 77

CADERNO_ENEM2013_SAB_AZUL.PDF. 2013, p. 8. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2013/caderno_enem2013_sab_azul.pdf>. Acesso em: 22 out. 2018.

Figura 78

BECK, A. *Armandinho*. São Paulo: Matrix, 2017, p. 31.

Figura 79

QUINO. *Toda Mafalda*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 312.

Figura 80

CAD_ENEM_2016_DIA_2_08_ROSA.PDF. 2016, p. 2. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2016/CAD_ENEM_2016_DIA_2_08_ROSA.pdf>. Acesso em: 17 out. 2018.

Figura 81

REDACAO1995.PDF. Disponível em: <<http://infograficos.estadao.com.br/public/educacao/fuvest-redacoes/img/acervo/pdf/Redacao1995.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

Figura 82

1_SINOVALDO_PARA_2204_CMYK-718897.JPG. Disponível em: <http://midia.gruposinos.com.br/_midias/jpg/2015/04/21/500x352/1_sinovaldo_para_2204_cmyk-718897.jpg>. Acesso em: 19 abr. 2017.

Figura 83

143392.jpeg. Disponível em: <<http://f.i.uol.com.br/folha/cotidiano/images/143392.jpeg>>. Acesso em: 17 out. 2018.

REFERÊNCIAS

Audiovisuais

BELCHIOR, A. C. Como nossos pais. Intérprete: Elis Regina. In: *Alucinação*. Rio de Janeiro: PolyGram, 1976. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/elis-regina/45670/>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

BLANC, A.; BOSCO, J. O bêbado e a equilibrista. Intérprete: Elis Regina. 1979. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/elis-regina/45679/>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

_____. De frente pro crime. Intérprete: João Bosco. In: *Caça à raposa*. RCA, 1975. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/joao-bosco/de-frente-pro-crime.html>>. Acesso em: 14 jul. 2018.

_____. Falso brilhante. Intérprete: João Bosco. In: *Tiro de misericórdia*. RCA, 1977. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/joao-bosco/151896/>>. Acesso em: 30 set. 2018.

BUARQUE, C. Apesar de você. Intérprete: Chico Buarque. In: *Chico 50 anos: o político*. São Paulo: Universal Music, 1970. CD, faixa 2. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/chico-buarque/7582/>>. Acesso em: 29 out. 2018.

_____. Bom conselho. Intérprete: Bethânia. In: *Quando o carnaval chegar*. Rio de Janeiro: Marola Edições Musicais, 1972. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/chico-buarque/85939/>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

BUARQUE, C. Cálice. Intérprete: Chico Buarque. In: *Chico 50 anos: o político*. São Paulo: Universal Music, 1978. CD, faixa 3. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/chico-buarque/45121/>>. Acesso em: 29 out. 2018.

_____. Construção. Intérprete: Chico Buarque. In: *Construção*. Rio de Janeiro: Marola Edições Musicais, 1971. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/chico-buarque/45124/>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

_____. O meu guri. Intérprete: Chico Buarque. In: *Almanaque*. Ariola, 1981. Disponível em <<https://www.letras.mus.br/chico-buarque/66513/>>. Acesso em: 30 set. 2018.

MATRIX. Dir. Lana Wachowski e Lilly Wachowski. EUA:Warner Bros, 1999. 135 minutos.

Textuais

ABAURRE, M. L.; PONTARA, M. N. *Gramática: texto – análise e construção de sentido*. São Paulo: Moderna, 2006.

ANDRADE, C. D. *Alguma poesia*. Rio de Janeiro: Pindorama, 1930.

_____. *E agora, José?* 1942. Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/poema-e-agora-jose-carlos-drummond-de-andrade/>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

ASSIS, M. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

BERGAMIM JÚNIOR; SANT'ANNA, E. Em SP, 4 em cada 10 desistem de ação anticrack de Haddad. *Folha de São Paulo*, 17 maio 2015. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/>>

cotidiano/2015/05/1629921-4-em-cada-10-desistem-de-acao-anticrack-de-haddad.shtml>. Acesso em: 12 set. 2018.

BETIM, F. Youtuber Spartakus Santiago respondeu ao comentário racista da celebridade virtual Júlio Cocielo, que tuitou que jogador negro Mbappé conseguiria fazer "arrastão top na praia". 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/03/politica/1530647086_544200.html>. Acesso em: 17 out. 2018.

BRASIL perde o tom. *Jornal da Tarde*, 1994. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/album/2012/10/29/veja-capas-historicas-do-jornal-tarde.htm#fotoNav=1>>. Acesso em: 12 set. 2018.

BRUM, E. Por quem rosna o Brasil. 2015. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/20/opinion/1437400644_460041.html>. Acesso em: 16 out. 2018.

CALLIGARIS, C. O direito à tristeza. 2016. Disponível em: <<https://www.fronteiras.com/artigos/contardo-calligaris-pelo-direito-a-tristeza-1425328703>>. Acesso em: 15 out. 2018.

CAMPADELLI, S. Y.; SOUZA, J. *Produção de textos e usos da linguagem: curso de redação*. São Paulo: Saraiva, 1998.

CANDIDO, A. Vários escritos. 4. ed. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2011.

_____. *A vida ao rés do chão*. [s.d.]. Disponível em: <<https://avidaaoresdochao.wordpress.com/versao-integral/>>. Acesso em: 21 set. 2018.

CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

O COMETA Halley e as pérolas da comunicação. [s.d.]. Disponível em <<https://clareandoideias.com/artigos-metaforas/o-cometa-halley-e-as-perolas-da-comunicacao>>. Acesso em: 15 out. 2018.

COUTINHO, E. A Chapeuzinho Vermelho na mídia. 2014. Disponível em: <<http://www.casadosfocas.com.br/a-chapeuzinho-vermelho-na-midia/>>. Acesso em: 21 set. 2018.

DIMENSTEIN, G. Marta inaugura 3^a escola em aldeia indígena. 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/so_sp/gd070604.htm>. Acesso em: 21 set. 2018.

DISCINI, N. *Comunicação nos textos*. São Paulo: Contexto, 2005.

DOI, C. M. O Brasil e os resultados do Pisa 2015. 2017. Disponível em: <<https://chrismazur16.wordpress.com/>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

FARACO, C. A.; TEZZA, C. *Prática de textos para estudantes universitários*. Petrópolis: Vozes, 1992.

FERNANDES, M. A vaguidão específica. [s.d.]. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1878071/mod_resource/content/1/Textos%20-%20exemplo.pdf>. Acesso em: 15 out. 2018.

FIGUEIREDO, J.; ALBUQUERQUE, J. L. Racismo no Brasil. Especialização em política de promoção da igualdade racial na escola. São Paulo: Comfor/Unifesp, 2015. Disponível em: <http://www.comfor.unifesp.br/wp-content/docs/COMFOR/biblioteca_virtual/UNIAFRO/mod1/Disc3-Unidade3-UNIAFRO.pdf>. Acesso em: 17 out. 2018.

FIORIN, J. L.; PLATÃO, F. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 2011.

_____. *Para entender o texto: leitura e redação*. 17. ed. São Paulo: Ática, 2007.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 2006.

FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA PARA O VESTIBULAR (FUVEST). Fuvest 2015. Questão 1. Disponível em: <http://acervo.fuvest.br/fuvest/2015/fuv2015_2fase_dia1.pdf>. Acesso em: 1º nov. 2018.

HOLSEL, B. Como simplificar um texto científico. [s.d.]. Disponível em: <<https://www.ime.usp.br/~vwsetzer/jokes/simpl-texto.html>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Contas regionais do Brasil: 2011. Tabela 2: Participação das grandes regiões e unidades da federação no Produto Interno Bruto – 2002-2011. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/contasregionais/2011/default.xls_2002_2011.shtm>. Adaptada. Acesso em: 19 out. 2018.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANISIO TEIXEIRA (INEP). Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) 2011: Pedagogia. Questão 6. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/provas/2011/PEDAGOGIA.pdf>. Acesso em: 1º out. 2018.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANISIO TEIXEIRA (INEP). Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) 2014: Letras Português Bacharelado. Questão 6. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/provas/2014/36_pedagogia.pdf>. Acesso em: 1º out. 2018.

KOCH, I. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LISPECTOR, C. *Correio feminino*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

_____. *Todos os contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

LÚCIO, C. W. F. Desigualdade social: desigualdade social no Brasil. [s.d.]. Disponível em: <<http://desigualdade-social.info/desigualdade-social-no-brasil.html>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

MÉDICOS SEM FRONTEIRAS. Dengue: Diagnóstico. jan. 2018. Disponível em: <https://www.msf.org.br/o-que-fazemos/atividades-medicas/dengue?gclid=EAIaIQobChMlqZf3hYv-2wIVDoWRCh0b3ArYEAYASAAEgLfhPD_BwE>. Acesso em: 30 ago. 2018.

NOBLAT. Desatenção ou malícia (2). *O Globo*. 19 out. 2005. Disponível em: <<http://noblat.oglobo.globo.com/artigos/noticia/2005/10/desatencao-ou-malicia-2-28079.html>>. Acesso em: 12 set. 2018.

PROENÇA FILHO, D. *A linguagem literária*. São Paulo: Ática, 1995. (Série Princípios).

PRO REITORIA DE GRADUAÇÃO COMISSÃO PERMANENTE PARA OS VESTIBULARES. Unicamp 1991: Língua Portuguesa, Literaturas de Língua Portuguesa e Ciências Biológicas. Questão 5. Disponível em: <http://www.comvest.unicamp.br/vest_anteriores/1991/download/POR_BIO.pdf>. Acesso em: 1º nov. 2018.

PRO REITORIA DE GRADUAÇÃO COMISSÃO PERMANENTE PARA OS VESTIBULARES. Unicamp 1998: Língua Portuguesa, Literaturas de Língua Portuguesa e Ciências Biológicas. Questão 1. Disponível em: <http://www.comvest.unicamp.br/vest_anteriores/1998/download/port.pdf>. Acesso em: 1º nov. 2018.

RAMOS, G. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Record, 1978.

RIBEIRO, R. J. Prometeu versus Narciso: a ética da clonagem. 2002. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2002/03/01/prometeu-versus-narciso-a-etica-e-a-clonagem/>>. Acesso em: 15 out. 2018.

ROSA, J. G. Tutameia. In: *Terceiras estórias*. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

ROSENBAUM, Y. *As metamorfoses do mal*. São Paulo: Edusp, 2006.

SABINO, F. A última crônica. [s.d.]. Disponível em: <https://www.pensador.com/a_ultima_cronica_de_fernando_sabino/>. Acesso em: 21 set. 2018.

SARMENTO, L. L. *Oficina de redação*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

TREVISAN, D. Uma vela para Dario. 2009. Disponível em: <https://www.objetivo.br/arquivos/desafio/fundamental2/Resolucao_Desafio_8ano_Fund2_Portugues_200517.pdf>. Acesso em: 16 out. 2018.

VERISSIMO, L. F. Conto de fadas para mulheres modernas. 2010. Disponível em: <<https://profsimonepaulino.wordpress.com/2010/03/24/interpretacao-de-texto-intertextualidade/>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

WERNECK, H. Simples assim. *Estado de São Paulo*, 2014. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,simples-assim-imp-,1503623>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

WITTGENSTEIN, L. *Tratado lógico-filosófico: investigações filosóficas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

WOOLF, V. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014.



Interativa

Informações:
www.sepi.unip.br ou 0800 010 9000